



Traços Toponímicos da Freguesia da Sé

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Lisandra José Freitas Correia

MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS



UNIVERSIDADE da MADEIRA
A Nossa Universidade
www.uma.pt

Setembro | 2011

Traços Toponímicos da Freguesia da Sé

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Lisandra José Freitas Correia

MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS

ORIENTAÇÃO

Paulo Miguel Fagundes de Freitas Rodrigues

Aos meus pais e ao Rafael.

I. AGRADECIMENTOS

A realização de um trabalho desta natureza implicou a colaboração direta e indireta de algumas pessoas. Gostava de agradecer:

- Ao meu orientador Professor Paulo Miguel Fagundes de Freitas Rodrigues por todo o acompanhamento, disponibilidade e conselhos dados;
- Aos técnicos profissionais do Arquivo Regional da Madeira por todo o apoio prestado no decorrer da investigação e consulta de documentos;
- As seguintes repartições da Câmara Municipal do Funchal:
 - À Divisão de Ordenamento e Projetos Especiais (DOPE) em específico ao Arquiteto Luís Xavier;
 - Ao Gabinete de Informação Geográfica (GIG) em especial à Dr.^a Raquel Lopes;
 - À Divisão de Fiscalização Municipal (DFM) em especial ao Dr. Rafael Lopes, Dr. Ricardo Pereira, e a Dona Paula Câncio por todo o apoio prestado;

Por fim, o meu agradecimento a todos aqueles que de perto acompanharam todo o processo de realização deste trabalho e que nos momentos mais difíceis tiveram sempre uma palavra amiga e de encorajamento. Vocês sabem quem são.

Muito Obrigado!

II. RESUMO

Os povoadores da Ilha da Madeira trouxeram muitas tradições e costumes oriundos das terras que provinham. Passaram esses hábitos para a nova terra e adequaram-se ao meio insular. O processo de ajustamento a esse meio incluiu adaptarem-se ao mesmo e atribuir localizações.

Estudar a toponímia, ciência que estuda os nomes dos lugares, implica abordar as múltiplas componentes científicas que a ela estão interligadas e contextualiza-las no passado e no presente. Na Ilha da Madeira são poucas as publicações sobre a toponímia em comparação a Portugal Continental. Apesar do número pequeno, existem outros materiais de estudo como os primeiros testemunhos da povoação, justificações de atribuições entre outros documentos até mais antigos ao aparecimento desta ciência.

Apresenta-se nesta investigação o resultado de uma pesquisa de vários tipos de materiais “texto” como: documentos específicos de várias entidades que têm o seu espólio no Arquivo Regional da Madeira (ARM), livros publicados, artigos, almanaques, roteiros e publicações periódicas; E “não texto” como: Plantas cartográficas de vários séculos da cidade do Funchal, pinturas e fotografias.

O fato da área escolhida para estudo ser a Freguesia da Sé permitiu um estudo *In loco* e registo atual em fotografias dos locais públicos existentes e possíveis comparações aos registos anteriores.

Agrupadas as características da zona estudada a nível social e urbanístico, justificam a evolução dos topónimos que tiveram as suas grandes alterações desde o final do século XIX até meados do século XX. A nível social os testemunhos estrangeiros traçam o panorama público e intercultural da Freguesia da Sé.

A divisão dos topónimos por categorias, possibilitou várias conclusões sobre os assuntos da história madeirense como também a nível percentual, quais os grupos mais dominantes nesta freguesia e o porquê.

Por fim, este estudo é um contributo para a história da toponímia na Ilha da Madeira, contextualizada essencialmente em termos históricos, linguísticos, sociais e urbanos.

Palavras-chave: Toponímia, Toponímia da Freguesia da Sé, História da Freguesia da Sé, Evolução Urbanística do Funchal;

III. ABSTRACT

The settlers from Madeira Island brought many traditions and costumes from the places that they were from. They passed those habits to their new land and adapted itself to the island environment. The adjustment process to the environment included the adaptation to that specific location and the choice of place names.

Studying the toponymy, the science that studies the name of the places, implies the approach of several scientific components that are interconnected and contextualize them in the past and in the present. In Madeira Island there are few publications about the toponymy, at least if you compare it with the mainland. Despite the short number there are other study materials such as the first testimonies of the settlement, justifications of those choices, among other documents even older than the science itself.

I present in this investigation the result of a research of several types of "text" materials such as: specific documents from several entities located in Madeira Regional Archive (ARM), published books, articles, almanacs, scripts and periodic publications and also "not text" references such as: cartographic plans of several centuries of Funchal City, paintings and photographs.

The chosen area to be studied was the Parish of Sé allowing the study *in loco* and the current register in photographs of the existing public places and giving the possibility of comparing them with the former registers.

All the characteristics of the studied zone were grouped in a social and urbanistic level, as they justify the evolution of the toponyms that had their main changes since the end of the XIX century till half of the XX century. In a social level the foreign testimonies draw the public and intercultural panorama of the Sé parish.

The division of the toponyms in categories, gave the possibility of several conclusions about the subjects or matters of Madeira history, it also told us in a percentage level which were the dominant groups in a specific parish and the reason why.

Finally, this study is a contribute for the toponymy history in Madeira Island, essentially contextualized in historical, linguistic, social and urban terms.

Key Words: Toponymy, Toponymy of Parish of Sé, History of Parish of Sé, Urbanistic evolution of Funchal.

IV. ÍNDICE

I. AGRADECIMENTOS.....	4
II. RESUMO.....	5
III. ABSTRACT.....	6
IV. ÍNDICE.....	7
V. SIGLAS.....	9
VI. ABREVIATURAS.....	9
VII. INTRODUÇÃO.....	10
A) Métodos de Abordagem.....	11
B) Fontes Documentais.....	12
1. “NOMES DE LUGARES” - Uma herança cultural.....	13
1.1. Contributo para a interpretação da ciência toponímica.....	13
1.2. Perfil internacional.....	16
1.3. Um panorama da toponímia nacional.....	18
1.4. Toponímia regional – Documentos e estudos toponímicos da Ilha da Madeira	
21	
2. EVOLUÇÃO URBANÍSTICA E INTERCULTURAL DA FREGUESIA DA SÉ -	
Breve enquadramento desde o povoamento até aos nossos dias.....	26
2.1. Delimitação geográfica.....	27
2.2. Evolução histórica e social do crescimento urbano.....	28
2.3 Aperfeiçoamento urbano - análise de mapas e planos.....	34
2.4 Relatos estrangeiros do século XIX e XX – a influência intercultural e a visão	
exterior dos “lugares” do Funchal.....	36
3 TOPONÍMIA DA FREGUESIA DA SÉ.....	43
3.1 Acontecimentos marcantes do quotidiano.....	44
3.2 Antropónimos.....	45

3.3 Antropónimos ligados ao Período dos Descobrimentos	62
3.4 Evolução político/social.....	64
3.5 Flora e fauna	66
3.6 Materiais	69
3.7 Ofícios.....	71
3.8 Posição/ localização do terreno.....	73
3.9 Primeira República	77
3.10 Proximidade a um edifício ou monumento.....	82
3.11 Religião.....	89
4 ANÁLISE DE DADOS TOPONÍMICOS	98
VIII. CONCLUSÃO.....	102
IX. FONTES E BIBLIOGRAFIA	104
X. Índice de Figuras	113
XI. Índice de Tabelas	113
XII. Índice de Anexos	113
XIII. ANEXOS.....	116

V. SIGLAS

AIM - Agência de Informação de Moçambique

ALRAM - Assembleia Legislativa da Região Autónoma da Madeira

ARM - Arquivo Regional da Madeira

CMF - Câmara Municipal do Funchal

CAF- Cooperativa Agrícola do Funchal

DFM - Divisão de Fiscalização Municipal

DTM - Delegação de Turismo da Madeira

DOP - Departamento de Obras Públicas

DOPE - Divisão de Ordenamento e Projetos Especiais

GIG- Gabinete de Informação Geográfica

VI. ABREVIATURAS

Capt - Capitão

Cf. - confrontar

Coord. - coordenação

Ibidem – indica que a informação foi extraída da mesma obra e da mesma página citadas na nota imediatamente anterior

Idem – indica que a informação foi extraída do mesmo autor já citado

Pe. - padre

S.a - sem autor

S.d - sem data

Trad. - tradução

V.a - vários autores

VII. INTRODUÇÃO

Ao estudar as denominações das vias públicas ou sítios de uma freguesia, recuperamos parte da história de uma sociedade. O objetivo deste trabalho é permitir reviver esses legados por vezes esquecidos.

A toponímia além das indicações de uma localização dá-nos também referências sobre um determinado povo ou cultura. Serve como registo histórico de uma civilização.

Ao percorrer uma cidade cosmopolita e aberta para o mundo podemos observar toda a sua história em peças que funcionam com um enigma para a sua identidade. Uma janela manuelina, uma igreja gótica, um prédio industrial, uma cantaria, uma fonte pública são indícios de vários períodos passados por esta freguesia, cidade e Ilha. São fragmentos que encontramos pelos caminhos da cidade que são marcas de uma memória coletiva que identifica uma cultura que além de portuguesa é sobretudo madeirense.

A raiz histórica marca todos os dias dos madeirenses que vagueiam os caminhos “tortuosos”, “inclinados” e “amplos” da sua região, que misturados com os calcários e o betão apresentam um padrão de preto e branco.

A escolha da Freguesia da Sé é importante, visto ser a segunda freguesia mais antiga do Funchal (a primeira foi a Freguesia de Santa Maria Maior). Por isto, está inerente à sua constituição e evolução no tempo a história da cidade do Funchal e Ilha da Madeira. A Freguesia da Sé, a par da evolução da cidade, transforma-se na principal zona comercial e alfandegária do Concelho do Funchal.

Elaborar um trabalho que envolva o estudo dos topónimos exige principalmente o estudo *in loco*. Esta foi uma das fases efetuadas: O percurso pelos diversos topónimos; O registo fotográfico para que depois possa ser evidenciado os locais e as diferenças decorridas no passar dos anos.

Uma investigação toponímica implica uma relação multidisciplinar. Investigar um topónimo inclui realizar um percurso por exemplo pela linguística, pela história, pela geografia entre outras mais ciências. A linguística é visível na variação que um topónimo teve a nível gramatical. Por vezes é difícil entender a sua origem, no entanto, tudo isto tem relacionamento com a evolução da língua portuguesa.

A) Métodos de Abordagem

Interessamo-nos por este tema por sugestão de trabalhos na disciplina *História do Municipalismo* do decorrente Mestrado em Estudos Regionais e Locais. A partir da realização com sucesso do primeiro trabalho, a limitação de páginas que ficou com muito para mencionar e a vontade para aprofundar ainda mais os nossos conhecimentos foram mote para a concretização desta dissertação.

A investigação irá desenrolar-se por vários períodos da história da Freguesia da Sé. Contudo, haverá períodos mais focados como o século XIX e XX devido às inovações a nível urbanístico que revolucionaram o aspeto e a toponímia da Freguesia. Para a elaboração deste trabalho foi feita uma pesquisa urbana, social e histórica.

De início, foi fundamental perceber qual o objeto de estudo que trata esta ciência, no capítulo 1- “ «NOMES DE LUGARES» - Uma herança cultural”, é pretendido enquadrar a toponímia sobre diferentes perspetivas. A nível histórico, remetemo-nos para a época do seu aparecimento, refletindo acerca da sua interpretação a nível internacional, nacional e regional. Documentamos também quais os registos que existem sobre a mesma.

No capítulo 2 – “EVOLUÇÃO URBANÍSTICA E INTERCULTURAL DA FREGUESIA DA SÉ - Breve enquadramento desde o Povoamento até aos nossos dias” reúne-se uma compilação na qual irá ser localizada e desenvolvida a evolução urbanística e social da Freguesia da Sé. Referindo alguns momentos chave do seu percurso evolutivo e recorrendo a alguns documentos históricos. Neste capítulo será também feita uma breve análise de mapas e planos do Funchal desde o século XVI até ao século XXI.

A nível intercultural será analisado um conjunto de relatos de estrangeiros que visitaram a ilha da Madeira e deixaram alguns comentários sobre os locais públicos e ainda, determinados aspetos sociais específicos da zona estudada. São estes relatos considerados importantes para perceber a visão do não habitante e a adaptação do habitante.

O capítulo 3 – “TOPONÍMIA DA FREGUESIA DA SÉ”, será o capítulo cerne desta dissertação onde estará exposto o estudo dos vários topónimos da Freguesia da Sé, os quais estarão divididos nas seguintes categorias:

- Acontecimentos marcantes do quotidiano
- Antropónimos
- Antropónimos ligados ao período dos Descobrimentos

- Evolução política / social
- Flora e Fauna
- Materiais
- Ofícios
- Posição / localização
- Primeira República
- Proximidade de um local ou edifício
- Religião

No capítulo 5 – “ANÁLISE DE DADOS TOPONÍMICOS” será feita uma análise dos vários topónimos a nível percentual com um gráfico e tabelas ilustrativas que evidenciam detalhes importantes.

Por último, nos “Anexos”, agrupamos uma tabela, plantas e fotografias que serviram de complemento na análise do texto, essencialmente do Capítulo 2 e Capítulo 3.

B) Fontes Documentais

Ao longo da investigação verificamos que são escassos os trabalhos sobre a toponímia madeirense. Investigamos e analisamos alguns trabalhos de Portugal Continental, Inglaterra e França para que os possamos tomar como exemplos.

Contudo, constatamos que existem algumas publicações que são essenciais para quem vai estudar a toponímia da Ilha da Madeira e em específico da Freguesia da Sé. Como são os que utilizamos:

-Documentos específicos do ARM (Arquivo regional da Madeira) como as vereações da CMF (Câmara Municipal do Funchal);

-Documentos do DOP (Departamento de Obras Públicas) da antiga Junta Geral do Distrito do Funchal;

Não dispensamos também algumas publicações periódicas alusivas ao mesmo assunto e manuscritos descritos no Capítulo 1.

Decidimos escrever a dissertação segundo as normas do Novo Acordo Ortográfico de 1990 o qual entrara definitivamente em vigor em 2015.

Será suscetível verificar que alguns temas secundários não foram totalmente aprofundados devido à dissertação apresentar-se enquadrada na temática central que é o estudo dos topónimos, existindo um balanço entre a informação mais pertinente e a menos pertinente.

1. “NOMES DE LUGARES” - Uma herança cultural

1.1. Contributo para a interpretação da ciência toponímica

A palavra toponímia ainda suscita algumas questões. Apesar de cada vez mais haver artigos, livros, sobre esta ciência. No dia-a-dia algumas pessoas estranham a palavra e não sabem o seu significado. A toponímia é a ciência que estuda o nome dos lugares, países, cidades, ilhas, freguesias, sítios, ruas, caminhos, ribeiras ou seja estuda a designação de qualquer tipologia de espaço. Interessa à toponímia descobrir qual à razão da atribuição de um nome a um determinado lugar.

Recuando no tempo a palavra toponímia surge no século XIX originada pelos ideais intelectuais e iluministas da época, pela busca da filologia, os primeiros artigos e estudos desta nova ciência surgem em França, berço iluminista. Aparecem os “toponímistas” Jules Quicherait (1814 – 1883), Henri D’arbois (1827 – 1910) e Albert Dauzat (1877 – 1955) que se dedicam ao estudo de topónimos (Schwizer, 1980:186-187).

«L’apparition de la toponymie est liée aux progrès accomplis, au cours du XIX siècle dans la recherche philologique dont elle est devenue peu à peu un rameau presque indépendant, sans toutefois s’en détacher, car, à quelque langage qu’on puisse faire remonter un toponyme, celui-ci est en soi un mot dont il faut étudier l’évolution phonétique et sémantique.» (Schwizer, 1980 :186)

Conquanto, antes deste período já existissem alguns documentos e artigos que se aproximavam desta ciência. Falamos por exemplo dos dicionários corográficos, dos relatos de viagens, dos notários, dos redatores e cartógrafos anteriores ao século XIX.

« Les rédacteurs d’actes clerics et notaires, et, plus près de nous, les géomètres qui ont levé les plans, les cartographes officiels ou privés ont très souvent interprété fausement : les noms qu’ils entendaient prononcer, et leur ont donné une orthographe qui dérouté aujourd’hui le chercheur. » (Jaccard, 1906 :IX)

Os primeiros contactos com um sítio determinam para sempre a sua história. São os primeiros relatos descritivos e os primeiros exemplares de cartografia que marcaram o futuro da história local e que são um testemunho fundamental para os historiadores e “toponímistas” que recorrem sempre a estas evidências.

Manuel Filipe Canaveira no seu texto “A toponímia Urbana Vista à Luz da História das Ideias” refere que desde sempre o homem teve necessidade de se localizar e de denominar objetos. Principalmente pelo fator de distinção, justificando a necessidade humana de denominar lugares e estados desde o Génesis (céu, terra, inferno, purgatório).

Percebemos que a toponímia comporta dois papéis importantes, um deles é localizar e o outro é conter significado. Um fator que influencia o significado é o tempo que é um grande ator participativo para a toponímia, com o tempo é possível modificar o topónimo, alterar a sua escrita, pronúncia e até mesmo a sua origem.

A toponímia comporta várias áreas científicas tornando-se uma ciência multidisciplinar. Possibilita o estudo do topónimo desde a sua origem, o que significa, a sua evolução, quem atribuiu esse nome e a sua pronúncia. Uma das áreas que mais estuda a toponímia e que tem publicado os seus estudos é a Linguística. Interessa a esta ciência estudar as partículas linguísticas de um topónimo.

Uma das conclusões, que os estudos linguistas têm chegado é que muitas vezes é a população local que altera os topónimos, com o tempo a designação de um local é modificada vocalmente consoante a fala local ou até mesmo encurtada, tornando também este fenómeno importante para a sociolinguística. Temos o exemplo do topónimo Santa Ana que passou a se denominar de Santana. Constatamos que ao estudar a etimologia de alguns topónimos é possível precisar a sua origem histórica. “Os primeiros, que nos primórdios do século XIX já consideravam a toponímia um ramo científico da linguística, buscam desde então a etimologia dos topónimos a resposta para as suas interrogações sobre a origem dos dialetos locais [...]” (Canaveira, 2000: 27).

Outra ciência importante é a História para explicar, por exemplo, as fases políticas e ideológicas presentes em alguns topónimos urbanos. Referindo-se aos historiadores Canaveira afirma que “Os historiadores contrariamente aos demais cientistas sociais, não têm atribuído tanta importância à toponímia, encarando-a quase sempre como um repositório de meras curiosidades ilustrativas das vicissitudes da história.” (Canaveira, 2000: 27). Discordamos porque, por exemplo, em uma cidade como o Funchal, existem topónimos medievais como “ofícios”, antropónimos de políticos, flora e geografia que a tentativa de compreensão e a busca pela informação destes topónimos é vislumbrar toda a história política e social dessa cidade.

Uma problemática na reatribuição de um nome a um local é a sua imposição à população. No âmbito da história política, afirmar que é o mais correto denominar locais por influência política é controverso pois o órgão político pode lograr e fazer uso dos topónimos e apagar ou ocultar memórias importantes como vamos poder confirmar no estudo de alguns topónimos da Freguesia da Sé.

“A toponímia, produto de um sector específico e localizado do aparelho de Estado, é um dos veículos ideológicos deste, embora secundário; aproveita uma prática

surgida por necessidades materiais evidentes e vive nos interstícios desta. Avaliar, isto é, quantificar a sua real eficácia ideológica, é hoje tarefa impossível de conceber; mas alguma terá como já provámos. Resta, portanto, abordá-la no acto da sua produção” (Silva, 1987:391)

Como nos explica Jorge Silva, é necessário perceber as razões da época, fazer uma viagem ideológica para se entender a razão da atribuição de um determinado topónimo. Essa viagem ajuda a relembrar as fases políticas que mais caracterizaram determinado local e as suas fações políticas. É necessário então, distinguir, esporádicas alterações toponímicas mantendo aquelas que realmente contribuem para a história das ideias políticas.

Além da História e da Linguística, a toponímia é também utilizada pelos arqueólogos e antropólogos como auxílio de pesquisas de fundamentações etnográficas e históricas.

Interessante será verificar as diferenças que existem nos topónimos a nível de espaço rural e espaço urbano. Os espaços rurais não contêm os mesmos topónimos da urbe cosmopolita da cidade, por serem espaços mais fechados ao desenvolvimento, mantendo sim na sua maioria os topónimos medievais, embora existam exceções. São os locais mais frequentados de uma zona urbana, que mais sofrem mudanças ao longo dos tempos. É perceptível a variedade de topónimos que já teve um local urbano e quais foi perdendo ao longo do tempo, renovando a sua identidade.

Os topónimos ou nomes de lugares começam numa primeira fase a se estabelecer na memória do povo e ao longo dos séculos são tomadas medidas administrativas e municipais que regulam o procedimento de atribuição de um topónimo.

Em *On giving Names to Towns and Streets* de James Freeman Clarke, o autor faz menção à importância de regras na atribuição de topónimos.

“But we ought to consider that to give a name to a place is a very important act, involving no little responsibility; and should, therefore, be confined to a judicious and enlightened persons; and that there are certain rules to be followed and objects to be secured in giving names.” (Clarke, 1880:4)

Mais uma vez o apelo à necessidade de responsabilidade quando se trata de dar um nome a um local e de seguir um conjunto de regras, sendo que o mais importante é o contributo para a distinção e a recordação desse mesmo local.

Outro aspeto é a qualidade do topónimo: “The qualities required for a good name seem to be individuality, character, and agreeable associations. A name is intended, first, to distinguish the individual form all other individuals.” (Clarke, 1880: 6). Os

topónimos servem para distinguir e não confundir as localizações. Clarke exemplifica com a repetição de vários topónimos, algo que acontece também em todo Portugal Continental. Faz menção também de alguns topónimos que não têm um significado histórico, político ou social. “A name, good in itself, is bad when it is insignificant, - when it means nothing. The Continental Hotel is a good name, but it means nothing. That hotel in Philadelphia is no more a continental hotel than the Astor House in New York or Willard’s in Washington.” (Clarke, 1880:10).

É necessário seguir os passos históricos de uma cidade e não apenas ir por nomes sonantes ou por imitação de outras cidades, tentando recriar, mesmos ambientes: “In naming the streets of a city, it is desirable to make the names historic monuments of the men and events of past history” (Clarke, 1880: 13). Clarke apela assim à história e ao conhecimento dos locais. Acrescentando deste modo uma crítica indireta aos governantes da sua época.

Como nos refere João Medina a toponímia é o “ [...] oxigénio cultural involuntariamente “respirado” por quantos vivem e se movem ao longo dos anos ou de uma vida inteira no dédalo cidadão quotidiano.” (Medina, 1993:35) Faz parte da identidade cultural do ser cidadão.

Em *British Place-Names In their Historical Setting* de Edmund McClure em 1922. O autor menciona uma frase chave que subvaloriza o estudo da toponímia. “If there were no written histories of our country we should still be able to construct one from things as they are. The present is the inheritor of all the ages, and the whole past is summed up in the state of things of today.” (McClure, 1922: 7).

Podemos concluir que hoje em dia, ao contrário de alguns séculos atrás, é necessário proceder a um conjunto de passos e justificações para mudar ou nomear um determinado local. Existem, contudo diferenças a nível internacional e nacional como vamos poder observar nos capítulos seguintes.

1.2. Perfil internacional

A nível internacional, existe uma maior preocupação e dedicação sobre os assuntos toponímicos. O que se pode justificar pela dimensão territorial, cultural e política de cada país. Fazendo uma pesquisa pela Internet verificamos por exemplo que a França é um dos países que mais atuações têm feito pela toponímia. Os franceses seguem normas restritas a nível de atribuição de topónimos que afetam também os países de língua francófona.

“Un moment déterminant pour l'étude des noms de lieux a été, vers 1860 la mise en chantier des dictionnaires topographiques de France : répertoires alphabétiques départementaux (dont la série n'est pas encore complète) donnant pour chaque toponyme des formes évolutives datées et munies de références.» (Schwizer, 1980 :186)

A França, como mencionado, foi o país impulsor da ciência toponímia que depois espalha por toda a Europa. Além disto, a nível urbanístico, surgem as denominadas avenidas largas e outras vias que seguem a tipologia urbana francesa e que hoje encontramos em vários países Europeus.

“ [...] uma tendência generalizada da toponímia urbana que evolui dos nomes ligados às actividades tradicionais (agrícolas, pastorais e oficinais); que estão na origem das urbes medievais, para as designações oriundas do mundo da corte que é a morada do rei e símbolo do poder centralizado das monarquias da Idade Moderna.” (Canaveira, 2000: 29)

Desde o século XIX foram constantes as tentativas de modificar algumas cidades para se adequar às influências francesas de grandes avenidas centrais e topónimos de acordo com o regime da época.

Citamos algumas publicações dos séculos XIX e XX consultadas:

- *Traces of History in the Names of Places* de Flavell Edmunds em 1869;
- *On Giving Names to towns and streets* de James Freeman Clarke em 1880;
- *Essai de Toponymie- Origine des noms de lieux habités et des lieux dits de la Suisse Romande* Henri Jaccard em 1906;
- *Les Noms de Lieu de la France* de Auguste Honoré Longnon em 1920 ;
- *British Place-Names In their Historical Setting* de Edmund McClure em 1922;

Um subtema da toponímia pouco abordado são os “neotopónimos”, aqueles topónimos que surgiram em locais que antes pertenciam a uma comunidade mas que com a mudança dessa antiga comunidade tiveram que se adaptar a um novo estado político. O que acontece é que muitas vezes a nova comunidade não se identificou e não tem um elo identitário com os novos topónimos. Mesmo passando alguns anos ainda é possível aferir o uso dos mesmos topónimos de um país em locais distantes não pertencentes ao mesmo país. Isto justifica-se com a migração e colonização e para essas possíveis explicações é necessário estudar a história dessas mesmas localidades. Acontece com a toponímia portuguesa nas antigas colónias.

Em suma, a toponímia está mais desenvolvida e explorada em alguns países, como França e em Inglaterra, a um nível que ainda não foi alcançado pela toponímia portuguesa. Contudo, temos exemplos, dados pela história, que a tendência será para os

países que ainda não atingiram esse desenvolvimento, verificarem que esse é o melhor caminho e implementarem também, à semelhança do que têm feito em relação a outras formas de organização territorial e urbanística.

1.3. Um panorama da toponímia nacional

Em Portugal, só em finais do século XIX é que começa a ser utilizada a palavra toponímia.

Começa por interessar aos linguistas e logo depois alcança várias áreas. Existem algumas publicações de toponímia desenvolvidas por linguistas como Manuel Paiva Boléo, José Pedro Machado, José Joaquim Nunes, David Lopes, Pedro Cunha Serra entre outros. O primeiro, Manuel Paiva Boléo refere mesmo, em um dos seus textos, que os estudos da toponímia e antroponímia em Portugal, na área da linguística, são maiores do que países como a Bélgica ou a Suécia (Boléo, 1953: 145).

“Os estudos toponímicos, que fazem seu objecto as designações atribuídas pelos homens aos espaços onde vivem e circulam, têm constituído em Portugal um domínio preferencialmente frequentado por filósofos, etnógrafos, coreógrafos e amadores ou “curiosos” da pequena história local.” (Silva, 1987: 387)

Assim, como Jorge Silva expõe, existe um interesse que aumentou pela curiosidade em descobrir a história local. Atualmente, existem em Lisboa as *Jornadas de Toponímia*, patrocinadas pela Câmara Municipal, que reúnem, um conjunto de interessados nesta área. São diversos os temas discutidos e têm vindo cada vez mais a aumentar. Ao longo das regiões portuguesas começaram a surgir no século XX e XXI alguns trabalhos de investigação publicados sobre a toponímia local como são exemplos:

- Ensaio sobre a toponímia do concelho de Faro* de José Pedro Machado em 1976;
- Toponímia covilhanense* de José Mendes dos Santos em 1982.
- Dicionário de toponímia eborense* de Gil do Monte em 1982.
- Ensaio sobre a toponímia do concelho de Oeiras* de José Pedro Machado em 1980;
- Almada: toponímia e história das freguesias urbanas* de Raul Henrique Pereira de Sousa de 1985;
- *Da Toponímia de Évora século XV e Da Toponímia de Évora: dos meados do séc. XII a finais do séc. XIV* de Afonso Carvalho em 2004;

Um momento histórico para a toponímia portuguesa, referido na maioria dos textos relacionados com a toponímia de Lisboa principalmente das jornadas atrás mencionadas, é o terramoto de 1755. A cidade de Lisboa ganha novos traços, isto porque logo após o terramoto foi pedido a arquitetos e engenheiros que reconstruíssem a cidade de Lisboa que estava em ruínas.

“Dos escombros da zona baixa da cidade, vemos surgir a edificação racional e planeada do período pombalino. A acompanhá-la, a toponímia é alvo do seu primeiro decreto régio. Datado de 5 de Novembro de 1760, este decreto vem pela primeira vez na história da toponímia lisboeta atribuir um conjunto de topónimos a um conjunto de arruamentos, hierarquizando-os, tal como em termos urbanísticos já tinha hierarquizado as novas ruas.” (Correia, 2006: 2)

Assim foi feito, um ano depois não era a mesma cidade que outrora era composta de ruas tortuosas e medievais. Agora com ruas ordenadas retilíneas com avenidas largas, praças e uma nova toponímia. Este acontecimento é dos poucos exemplos de como um evento natural pode modificar toda a urbanística e toponímia de um local perdendo parte da sua identidade e ganhando uma nova.

No anterior capítulo falámos de “neotopónimos” algo que aconteceu muito nas colónias francesas. Após o império colonial português, existem ainda marcas de topónimos portugueses nas antigas colónias. Um exemplo foi a toponímia colonial imposta pelo Estado português nas colónias africanas que hoje verificamos estar em processo de alteração. No jornal moçambicano *A Verdade* apercebemo-nos dessa intenção de modificação.

“Moçambique é um país soberano e independente há 35 anos. Contudo, parte considerável das artérias da capital do país ainda ostenta topónimos associados ao colonialismo, que não dignificam a história e identidade do país. O processo de mudança dos topónimos ganhou um novo ímpeto com o início da autorização, mas os resultados ainda esta muito aquém do daquilo que seria de desejar. Por outro lado, existem ruas novas que também carecem de nomes e outras que apenas ostentam uma designação numérica. Por isso, o CMCM criou a Comissão Municipal de Toponímia há dois anos, para trabalhar exclusivamente na atribuição e alteração de topónimos existentes e a criação de outros novos.” (AIM, 2010).

Aqui verificamos que Moçambique já adotou uma comissão toponímica e começa agora a fazer alterações na sua toponímia. Se é o mais correto apagar da sua história o antigo domínio colonial é uma pergunta que pode ter duas respostas: Por um lado daqui a alguns anos, se permanecessem os topónimos coloniais, um possível visitante ao país iria no seu percurso turístico adquirir conhecimentos históricos sobre o país no período

colonial; Por outro lado com as alterações serão recuperadas algumas identidades regionais que estão de acordo as vivências locais.

Um problema nos vários topónimos em Portugal Continental, já atrás referido por James Freeman Clarke é a existência da repetição de vários topónimos por todos os distritos, por falta de justificação e apenas por mera atribuição.

Atualmente a Câmara Municipal é a competente pela manutenção das placas toponímicas mas nem sempre foi assim. Esta estaria antes a cargo dos correios e da polícia para que pudessem alcançar os seus objetivos de distribuição e ordenamento do território.

Revela o texto de Célia Batalha e Salete Salvado “Placas toponímicas – Génese e evolução” existe uma primeira fase “ingénua” que é a fase de origem do topónimo apenas popular sem que haja registo de justificação, “até ao século XVIII não encontrávamos, na documentação compulsada, qualquer referência a registo do topónimo no próprio local por ele designado. No entanto, no século XVI aparecem listagens de nomes de arruamentos, mas para outros fins” (Batalha, Salete, 2000: 315). Interessante também será verificar a evolução das placas toponímicas e as várias formas que as compõe algumas em azulejos muito típicos portugueses e com caracteres singulares, outras em ferro com placa escura e letras brancas, que são as mais comuns na Ilha da Madeira e em placas brancas com a denominação a preto.

Ao ler o artigo “Madeira e Madeirenses na Toponímia de Lisboa” de Álvaro Reis Gomes publicado na *Revista Municipal*, (revista organizada pela Câmara Municipal de Lisboa), facilmente é percebido a homenagem à Ilha da Madeira presente na toponímia de Lisboa, além de uma avenida apelidada de Madeira e uma rua de Funchal estão presentes vários antropónimos relacionados com a Ilha da Madeira. No sentido inverso também estão muitos dos mesmos antropónimos representados em ruas da Ilha, nomeadamente na Freguesia da Sé. Falo por exemplo dos topónimos Zarco, Dr. Câmara Pestana e Reis Gomes. Contudo, não existem topónimos a homenagear locais de Lisboa ou de Portugal Continental.

Em suma, a toponímia de Portugal Continental tem características semelhantes aos restantes países nos quais distinguimos a toponímia urbana da toponímia rural. São visíveis também influências da sua história. Porém, não está tão desenvolvida a nível administrativo com outros países e ainda existem muitos estudos por desenvolver.

1.4. Toponímia regional – Documentos e estudos toponímicos da Ilha da Madeira

“A toponímia insular, em geral, é feita de nomes e expressões designativos da posição do terreno, constituição do solo, tipos de flora, pontos de beleza e referências, nomes e apelidos de colonizadores, origens étnicas, tradições, lendas, instituições antigas, fortificações militares, pelourinhos, situação hidrográfica, posição terrestre ou marítima, altitudes e condições de clima” (Pereira, 1989: 231)

Eduardo Pereira ao mencionar esta afirmação generaliza a toponímia insular, existem casos específicos que são de considerar tendo em atenção a dualidade existente entre polo urbano e polo rural que na realidade sempre existiu desde o povoamento. Existem mais particularidades na toponímia insular.

Nas zonas rurais devido a sua maior complexidade geográfica e menor desenvolvimento contém topónimos de categorias diferentes do que as da cidade. No meio urbano existe um maior leque de escolhas, principalmente ligados à história política e cultural e as mudanças são mais constantes do que no meio rural.

No meio rural existe ainda “um diálogo intenso entre o homem e o meio” como referida por José Manuel Azevedo Silva ao evidenciar todos os problemas da povoação da Ilha da Madeira.

“Tendo em vista o processamento da «domesticação da energia selvagem», poucos terão sido os lugares da terra onde o esforço do homem terá sido tão intenso como na Madeira. A «arrogância» do seu relevo, a complexidade do seu ecossistema, a peculiaridade do seu clima, além do natural efeito psicológico da sua insularidade são fatores ao mesmo tempo desencorajadores e motivados de um diálogo intenso entre o homem e o meio.” (Silva, 1993: 63)

Toda essa complexidade é expressa nos topónimos que advieram dessas primeiras dificuldades e em que muitos ainda expressos em meios rurais como é o exemplo de “Ribeira Brava”, “Curral das Ferreiras”, “Selvagens” entre outros.

O mesmo acontece na Ilha do Porto Santo com a dualidade rural e urbana. Os topónimos usados na Vila Baleira diferem dos das pequenas zonas rurais. Uma característica particular de alguns topónimos porto-santenses são as origens linguísticas que tiveram lugar devido ao seu desenvolvimento histórico. Por exemplo as influências árabes em alguns topónimos como “Estrada dos Alambiques” e “Beco das Atafonas”. Existem duas teorias para o uso destes topónimos de influência árabe: Uma primeira teoria seria que foram os continentais mais propriamente do Algarve que ao povoarem a ilha trouxeram essas designações, mas ao ler o artigo “O problema da origem Geográfica do Povoamento” de Luís de Sousa Melo é compreendido que o povoamento

não foi feito apenas por algarvios, existindo também uma grande percentagem de Braga e outras regiões do norte de Portugal Continental. Contudo, a população do norte teve também contactos com os árabes, porque em alguns topónimos de origem árabe (atafonas por exemplo) eram também usados no norte e permanecem hoje em algumas vias dessas cidades; Outra teoria seria que após os saques dos mouros as pessoas sequestradas – e que eram mantidas em cativeiro durante alguns meses, quando eram devolvidas ao Porto Santo espalhavam a cultura que tinham assistido durante o tempo de cativeiro, todavia esta teoria não está comprovada e restam dúvidas aos historiadores.

Durante o século XIX ao consultar alguns livros de vereações do Funchal é identificável todo um processo de preocupações nas novas denominações das vias públicas da cidade. Em 1931, na altura o presidente da Câmara Municipal do Funchal, Sr. Juvenal António Silva Carvalho decide restituir uma rua e para isso relembra a importância das denominações.

“Atendendo a que os nomes das ruas devem ser de fácil designação na memória do público; Atendendo a que devem ser respeitados os antigos nomes das ruas, principalmente quando estes ainda servem para identifica-las, na prática; Atendendo a que esses nomes têm valor tradicional, e por isso estão consagrados pelo público;”¹

Outro autor madeirense já no século XX, Rui Santos, refere a dificuldade que existe em homenagear através do uso dos nomes próprios os locais públicos.

“Reconhecemos ser difícil a tarefa de consagrar pessoas através da toponímia. Compreendemos não ser fácil, por vezes, conciliar a decisão de prestar uma homenagem com as estruturas disponíveis, mas, em qualquer caso, temos de bem ponderar os valores em equação.” (Santos, 1990:10)

Neste artigo o autor menciona a necessidade de uma comissão para não haver situações anómalas na atribuição de topónimos. Contudo constatamos hoje em dia que a nível regional os passos administrativos tomados pela toponímia são poucos. Não são todos os municípios que têm uma comissão de toponímia dividindo todos os trabalhos administrativos por vários departamentos.

Podemos dividir em dois grupos os documentos regionais que contribuem para o estudo da toponímia. Existe o grupo que contribui indiretamente sem mencionar a ciência toponímica e o grupo que contribui diretamente desenvolvendo e aprofundando esta ciência.

¹ARM, CMF, *Vereações*, “Acta da Sessão da Comissão administrativa de 17 de Março 1931”, Liv. 15, Fls. 25.

No primeiro grupo constituem os primeiros testemunhos deixados pelos cronistas, como são modelos são igualmente seguidos por muitos estudos e neste inclusive:

-*As Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso, manuscrito do século XVI;

- *Descobrimento da Ilha da Madeira e Discursos da Vida e Feitos dos capitães da Dita Ilha*, de Jerónimo Dias Leite, escrito durante o século XVI;

-Os relatos de viagem dos visitantes ou comerciantes que passaram na Ilha da Madeira;

Pelos povoadores:

-Atas camarárias;

-Registos de óbitos (nos quais são descritas as moradas);

Pelos escritores madeirenses:

-*Dicionário Corográfico do Arquipélago da Madeira* do Padre Fernando Augusto da Silva em 1934.

- Almanagues;

- Roteiros;

Os roteiros do século XIX são fontes preciosas para a reconstituição dos topónimos da altura. No concelho do Funchal temos alguns roteiros (almanagues) que foram elaborados em versões bilingues para facilitar os estrangeiros. Estes roteiros vinham muitas vezes acompanhados de mapas que ilustravam as indicações. Além da localização e das fontes toponímicas também indicavam qual os monumentos, comércio ou outra qualquer atração existentes em determinados pontos do Funchal.

Através do *Roteiro e Planta do Funchal* de 1949, no qual vem descrito todos os locais do Funchal inclusive edifícios, utilizámo-lo para a fácil localização de topónimos através de uma planta do Funchal que vem anexa a este roteiro.

O *Almanaque da Madeira* de 1956-1957 no seu conteúdo tem um roteiro do Funchal no qual tem descrito todo(a)(s) “Avenidas”, “Azinhagas”, “Becos”, “Calçadas”, “Caminhos”, “Campos”, “Estradas”, “Largos”, “Rampas”, “Ruas”, “Travessas”, “Veredas”, incluindo a sua localização. O que ajudou-nos a encontrar topónimos já não existentes e saber a sua precisa localização.

-Artigos de Jornais;

Não podemos deixar de mencionar também o artigo de Álvaro Manso “Ruas do Funchal (Notas para o estudo da toponímia citadina)” publicado em 1955 na revista *Das Artes e da História da Madeira* no qual faz referência a dificuldade do estudo dos nomes das ruas e apresenta alguns dados recolhidos através dos livros de Óbitos da Sé.

Para terminar este primeiro grupo não podíamos deixar de mencionar o *Elucidário Madeirense* do Padre Augusto da Silva e Carlos Azevedo Meneses que contêm muitas informações sobre a história e evolução da Ilha da Madeira e também o livro *Registo Genealógico de Famílias que passaram À Madeira* de Luiz Peter Clode que apresenta um estudo aprofundado sobre vários apelidos da Ilha.

No segundo grupo fazem parte os estudos publicados na Ilha sobre a toponímia. Recentemente temos estudos do autor Duarte Mendes professor do ensino básico que tem demonstrado o seu interesse principalmente pela toponímia rural. Em ambas publicações estuda os topónimos de duas zonas rurais muito enriquecidas pela memória popular que o próprio refere ter sido um auxílio precioso para o seu trabalho. Além disso faz uma pesquisa *in loco* e nos registos disponíveis. São estudos como os de Duarte Mendes que despertam a curiosidade para ir explorar também *in loco* os vários locais assim como foi o autor. Isto leva-nos também para a perspetiva de atração turística destes estudos.

O ensaísta Thierry Santos também tem feito alguns contributos para o estudo da toponímia. Além de recensões críticas de os dois livros de Duarte Mendes publicadas na revista *Islenha*. Escreveu recentemente um texto para um Workshop que não está publicado e foi cedido. Explica os complementos toponímicos de uma forma clara e exemplifica-os. É este um texto que engloba duas vertentes, a linguística e história e pretende de uma forma geral caracterizar os topónimos rurais.

“ [...] o mais comum é o designativo toponímico ser composto, compreendendo dois elementos: o termo genérico e o elemento específico. O primeiro corresponde ao elemento do topónimo que identifica a natureza da entidade geográfica denominada (caminho, levada, largo, rua, fajã); o segundo completa o termo genérico, particularizado a entidade geográfica denominada, ou seja, corresponde ao elemento que o singulariza, quer com um modificador, como em «Pico Ruivo», quer com um complemento determinativo (ou genitivo), à semelhança de «Pico do Tanoeiro».”²

Ainda a nível de publicações e recuando no tempo, temos as crónicas do autor Rui Santos já mencionado, publicava semanalmente no *Jornal da Madeira* artigos ligados a toponímia. Foi reunida parte dessas publicações e existe hoje uma edição policopiada de parte dessas publicações no ARM.

²Thierry Santos (Universidade da Madeira), “Para um estudo linguístico e histórico da toponímia da Ilha da Madeira” (texto não publicado), *Workshop Desenvolvimento e Património Rural*, Salão Nobre da Câmara Municipal de Santana, 30 de Junho de 2011.

Irene Bazenga em 1954 na sua dissertação intitulada *Subsídio para uma toponímia da Madeira* descreve os principais locais de cada uma das freguesias da Madeira.

O Historiador Nelson Veríssimo interessado nestes temas tem publicado alguns artigos como por exemplo o artigo “Diz-me como te chamas, dir-te-ei quem és – Toponímia: Património a Preservar” artigo publicado na revista *Ilarq* no qual o autor faz algumas considerações sobre a importância da toponímia.

São estes alguns estudos, contributos que têm sido feitos diretamente para a toponímia madeirense contudo não é de excluir artigos e outros estudos que mencionam a história local apesar de suprimir a ciência aqui em estudo.

Respondendo por fim ao título e após a leitura de alguns artigos, não existe na Ilha da Madeira uma toponímia regional porque assim como o caso nacional rege-se pelos mesmos fatores populares, geográficos, históricos entre outros e verifica-se também a dualidade rural e urbana.

Na Cidade do Funchal e principalmente na Freguesia da Sé, encontramos todo um imaginário, e identidade coletiva que a caracteriza. São várias as ciências que podem estudar uma freguesia. No estudo presente temos a toponímica que contempla acima de tudo uma dimensão Histórica.

2. EVOLUÇÃO URBANÍSTICA E INTERCULTURAL DA FREGUESIA DA SÉ **-Breve enquadramento desde o povoamento até aos nossos dias**

“A vida de um povo lê-se nas ruas das suas cidades. O nada ser ou a cultura, a miséria ou a riqueza, o mau gosto ou a boa formação estética, a leviandade ou o bom senso, a anarquia ou o civismo urbano de um povo, tudo isto aparece, claramente dito, nas suas ruas. A cidade é o homem que habita [...] muitas vezes sobrepostos pela distribuição de valores representativos anteriores, os vários elementos urbanísticos e arquitetónicos que claramente exprimem os vários estádios da sua cultura centenária – degraus laboriosamente conseguidos da sua experiência e aventura.” (Padrão, 1969: 102)

O arquiteto Cabeça Padrão a propósito de um colóquio de urbanismo, realizado em 1969, pela Câmara Municipal do Funchal, transpõe nesse colóquio vários aspetos que estão conjugados no ambiente “sócio-urbano” da Cidade. Todos os elementos que compõem fisicamente a história da cidade formam o património individual de cada pessoa que integra essa população cidadina. Menciona que “a cidade é o homem que habita” relevando o elo identitário que existe entre o homem e a cidade.

Os testemunhos urbanos são aliados da história de um povo, poder olhar para uma cidade e reconhecer parte da sua história nos vários traços urbanos é juntar a peça final e dar asas ao imaginário, imaginar épocas onde os traços urbanos são achegas para uma “pintura” realista.

É importante referir a preocupação humana que existiu ao longo dos anos nos melhoramentos, na conservação, e nos empreendimentos desenvolvidos. O querer transfigurar a cidade é algo que percebe-se como uma necessidade de adaptação à inovação e à modernidade.

Paralelo à evolução esteve sempre a economia da ilha, que fez o desenvolvimento da malha urbana. Primeiro o açúcar, grande mercado quinhentista, depois o vinho que sobressai-se nos séculos XVII e XVIII e por fim o turismo que levou a empreendimentos gigantescos que não eram habituais até a altura. Todos estes fatores, não só levaram a uma expansão urbana, como também foram induzindo a algumas alterações nas infraestruturas, nos locais comerciais e habitação.

A cidade do Funchal foi sempre alvo de grandes mudanças. A zona marginal da cidade que inclui a Freguesia da Sé por primazia foi sempre mais modificada ao longo

dos anos, a modernização vai acompanhando a expansão da malha urbana e vai mudando também outras freguesias que compõem o Funchal.

Neste capítulo será descrito alguns momentos do desenvolvimento urbano que caracterizaram a cidade do Funchal e, nomeadamente, a Freguesia da Sé, para que seja perceptível o porquê e como surgiram alguns topónimos que vêm caracterizar um espaço novo e atribuir-lhe memória.

2.1. Delimitação geográfica

A Freguesia da Sé situa-se na zona sul da Ilha da Madeira e faz parte do Concelho do Funchal. É delimitada pelas freguesias de São Martinho, São Pedro, Santa Luzia e Santa Maria Maior. Nela situa-se o porto marítimo principal da Ilha da Madeira. Outra delimitação natural é feita pelo mar. Parte da sua constituição está delimitada pelo oceano. O que trouxe muitos benefícios ao longo dos anos.

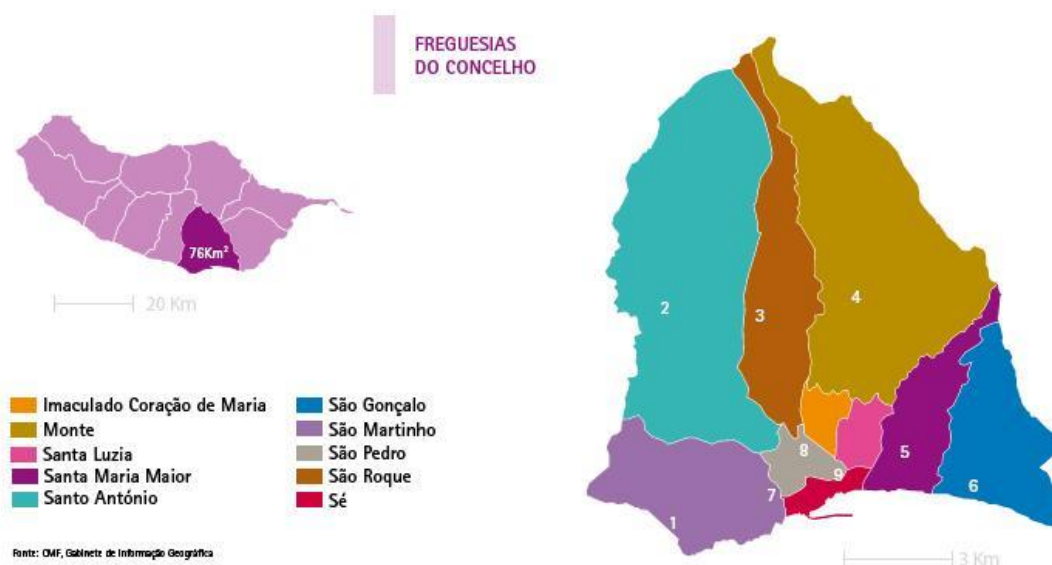


Figura 1 Freguesias da Cidade do Funchal

V.a (2007), *Funchal em mapas e números*, Gabinete de Informação Geográfica (GIG), Câmara Municipal do Funchal, Funchal, p.8.

Observando a figura anterior a Freguesia da Sé é aparentemente a mais pequena das freguesias do Funchal. Contudo, não estão representadas na figura as Ilhas Selvagens. Logo não será esta a freguesia mais pequena.

2.2. Evolução histórica e social do crescimento urbano

Uma cidade é moldada pelas suas condições culturais e físicas. A cidade do Funchal, para chegar ao estado pela qual conhecemos hoje em dia, teve que passar por diversas fases culturais e históricas que possibilitaram a sua evolução urbanística e social.

Em termos sociais, as pessoas que povoaram a Ilha provieram de diferentes sítios e eram de distintos estatutos sociais. Ao ler o artigo “O problema da origem Geográfica do Povoamento” de Luís de Sousa Melo dá-nos conta que os povoamentos dos arquipélagos, ao contrário do que muitos historiadores afirmam, não foram feitos apenas por algarvios, existindo também uma grande percentagem de Braga e outras regiões do norte.

A questão social e de origem do povoamento são muito importantes para as atividades que posteriormente desenvolveram-se representadas nos topónimos. Para muitos que chegavam, nos apercebemos que esta nova ilha significava uma oportunidade de enriquecer e destacar-se em um território na qual não existia nobreza.

“Quando João Gonçalves Zarco, que não tinha fama de rico, se instalou definitivamente, na parte sul da Ilha, acompanhavam-no, além da mulher e de dois filhos, mais de uma dezena de indivíduos de ascendência nobre mas carecidos de fortuna. Nobreza de cavaleiros e escudeiros de poucos teres e haveres, à qual sorria a ideia de domínios vastos obtidos apenas por um gesto ou uma palavra do capitão.” (Serrão, 1992: 21)

A população foi aumentando e provinham pessoas do norte como do sul de Portugal. Assim como provinham de diversos tipos de classe social.

“Outra gente metropolitana, principalmente do Algarve e do Minho, foi desembarcando, em pequeníssimos grupos, na Ilha. A principio presidiários, e, depois, gente de condição modesta, que trocava situações sociais muito subalternas no reino pela de pequenos sesmeiros na Ilha.” (Serrão, 1992:22)

De acordo com o historiador Joel Serão, generaliza que as origens do povoamento seriam principalmente do Algarve e do Minho. Mas, acrescenta que não só constituíam essas pessoas, de origem nobre, com pertença de enriquecer, também haviam muitos que apenas pretendiam uma vida simples. Essas pessoas foram distribuídas pela ilha existindo uma grande concentração populacional que veio a aumentar na atual Cidade do Funchal.

O desenvolvimento do Funchal foi feito no sentido de uma teia que como a citação seguinte evidência começou com uma “rua estruturante, ao longo do calhau” que depois estende-se pelo espaço disponível.

“A primitiva urbanização do Funchal foi mais ou menos espontânea e partiu de uma rua estruturante, ao longo do calhau da praia, ligando o burgo medieval de Santa Maria aos arrifes de Santa Catarina, onde residia o Capitão. A partir deste itinerário constituíram-se perpendiculares, subindo ao longo das margens das ribeiras, assim como paralelas À estruturante inicial, passando por aquelas. As primeiras obras mais complexas foram as pontes sobre as ribeiras, na rua estruturante inicial e nas várias secundárias dela nascidas.” (Carita, 1995:27)

Os primeiros trabalhos de ligação foram importantes, pois o terreno apresentado não era o melhor para traçar caminhos, devido ao relevo do solo, ao declínio, e às ribeiras de grande dimensão. Por tudo isto, foi necessária a construção de pontes e de trajetos que possibilitassem a fácil circulação apesar das suas adversidades. No caso das pontes foram constantemente reconstruídas ao longo dos séculos após as enchentes das ribeiras no período de inverno.

“ [...] o Funchal implantou-se um tanto desordenadamente, como uma cidade de tradicional raiz medieval. Isto é, uma cidade reveladora duma morfologia irregular, com umas ruas tortuosas, umas estreitas e outras mais largas, ao sabor voluntário dos seus habitantes, sem traça rigorosa que lhe fornecesse o berço” (Aragão, 1979: 87)

Contudo, era necessária uma ligação de espaços. Em 1495 começam a existir as transformações urbanísticas nos trechos de ligações da cidade. Surge a necessidade de implementar pontes de cantaria em vez de madeira.

“E logo p dicto ouujdor dise aos dictos oficiais que ele espreuera a sua senhoria sobre as calçadas e pontes que eram de pão se fazerem de cantaria e que o dicto aenhor lhe espreuera sobre yso ante outras coisas em hũu apontamento o qual logo deu a mim espriuam e pobricase e foy lijdo e probricado aos sobredictos em o quall se comthinha antre outras cojsas sua senhoria aver por bem de ser fazer as dictas calçadas e as pontes ao qual apontamento rrespomderam os dictos oficiais e todos que sobre elo tinham esprito ao dicto senhor e tomado dello carta testemunhauel Dante ele ouujdor acerca das dictas calçadas que ele mandaua que se fezesem agrauando se todos e a maior parte de sua senhoria que se fezesem as dictas calçadas e pontes por ser grande opresam ao pouo.”³(Costa, 1995: 390)

A Cidade do Funchal foi evoluindo ao longo do tempo e construíram-se vários edifícios militares, religiosos e comerciais, contando com a edificação da Sé. Era no Funchal que estavam todos os representantes de órgãos reais. E especificamente na Freguesia da Sé estavam muitos órgãos importantes. Refere Sarmiento que “A freguesia da Sé forma o coração da cidade, nela se fazendo antigamente o quebrar dos escudos e aclamação dos monarcas, nos três largos, pelourinho, Sé e colégio. Concentra as

³ARM, CMF, *Vereações*, 21 se Setembro 1495, nº 130 e D.A., Cx. 10, nº 1123, (Como citado em José Pereira da Costa, (1995), *Vereações da Câmara Municipal do Funchal, Século XV*, Região Autónoma da Madeira, CEHA, Imprensa Coimbra, Coimbra.

principais repartições, paços e administração do concelho [...]” (Sarmiento, 1963: 260), ganhando assim grande destaque administrativo.

Em 1508, após todo o desenvolvimento decorrido a Vila do Funchal é elevada a cidade. Como testemunha a seguinte carta enviada pelo Rei Dom Manuel I.

“Dom manuell per graça de deus Rey de portugall E dos algarues daquem E daallem mar [...]. A quantos esta nosa carta virem fazemos Sabeer que comsijramdo Nos como louuores anoso Sññor a villa Do fumchall na nossa ylha Da nadeyra teem creçido Em muy grãde pouoraçam E como viuem nella muytos fidallgos caualleyros E pessoas homrradas E De grandes fazedas pollas quaaes E pllo grande trauto Da dita ylha Esperamos com ajuda de Noso Sññor que adita villa muyto mays Se em nobreza E acreçemte E aveemdo Respeyto Ao muyto Serujço que Reçebemos Dos moradores E esperamos ao diamte Reçeber E Desy por folgarmos de fazer homrra E merçee Aos Ditos fidallgos caualleyros escudeyros E povoo Della Sem elles nem outrem por elles nollo pedir nem Requerer nos De noso moto propeo poder Reall E absoluto com aquella booa voomtade que sepre teuemos E teemos pera todo bem E mayor a creçemtamento Das cousas Da dita villa.¶ Por esta presentemte carta nos praz a fazermos E De feyto fazemos çidade E queremos E nos praz que daquj em diamte Se ymtitulle E chame çidade E tenha todas as ymsinyas que has çidades de nosos Reygnos pertemçe teer E huse E gouua de todos hos priujlegios [...]”⁴

Após a edificação da cidade, o comércio do açúcar levou ao crescimento demográfico e ao aumento de escravos na Ilha. E apesar de atualmente o concelho do Funchal ser composto por dez freguesias, Imaculado Coração de Maria, Monte, Santa Luzia, Santa Maria Maior, Santo António, São Gonçalo, São Martinho, São Pedro, São Roque e Sé, no século XVI era apenas composto pela Freguesia da Sé e de Santa Maria Maior.

De início a Freguesia de Santa Maria Maior englobava a Freguesia da Sé sendo esta a primeira freguesia do Funchal, contudo, a pedido dos habitantes para a construção de uma igreja maior, visto que a de Nossa Senhora do Calhau era muito pequena, prosseguiu-se com a construção da Igreja da Sé e logo surgiu uma nova freguesia.

A Freguesia da Sé edificada de 1557 para 1558, “comprehendia, além da área com que definitivamente ficou. As que depois passaram a ser das freguezias de Nossa Senhora do Monte, Sancto António, S. Pedro, S. Roque, S. Martinho, e, mais tarde, de Sancta Luzia [...]” (Frutuoso, 2007:544) o que revela que tratava-se de uma vasta freguesia. Hoje em dia, como já foi mencionado, a freguesia é delimitada pelas

⁴Carta del Rey noso Sññor Een que faz çidade aeste fumchall, Doc. n° 322, de 21 de Agosto de 1508, (Como citado em: José Pereira da Costa, (1972) *Arquivo Histórico da Madeira*, Boletim do Arquivo Distrital do Funchal, Arquivo Distrital do Funchal, Vol. XVIII, Funchal, pp. 512-513.

freguesias de São Martinho, São Pedro, Santa Luzia e Santa Maria Maior como podemos constatar na Figura. 1.

Aos poucos as zonas da cidade que tendia para a ruralidade, para o cultivo, para as denominadas “hortas” foram ficando sem espaço para esses tratos e começam a surgir nas poucas artérias edifícios, e outros caminhos que disseminam pelo espaço disponível.

“Estamos, na realidade, perante o primeiro elemento de complexificação urbanística o inicial modelo linear, “puxando” a vila/ cidade para o campo. E não tardarão a desenhar-se novas artérias que, partindo do primitivo alinhamento urbano, irão subir a vertente no sentido das linhas das ribeiras, desenvolvendo-se assim um novo modelo urbanístico de tipo irradiante.” (Silva, 1993: 110)

Num panorama geral no desenrolar dos séculos surgem novos empreendimentos que são muito importantes para a Ilha: No final do século XV e XVI é construída uma muralha para proteger a cidade do Funchal dos saques que vinham a acontecer; No século XVII é construído o Portão dos Varadouros que seria a porta principal da cidade para os navegadores; No século XVIII é ampliada a alfândega e começam as primeiras tentativas de criação de um porto marítimo para o Funchal; No século XIX começam a surgir os visitantes estrangeiros e as suas longas estadias terapêuticas que tornam-se rentáveis para a economia da ilha. Neste século são construídas algumas praças e o cais do Funchal. Paralelo a isto, também acontece a demolição de alguns edifícios antigos como o Mosteiro de São Francisco, a Capela de São Sebastião e a Igreja de Nossa Senhora do Calhau.

Ainda no século XIX constatamos uma evolução na economia madeirense, principalmente após os conflitos com as guerras napoleónicas.

“ [...]percebe-se que o turbilhão napoleónico, tendo representado uma imensa dádiva para os interesses comerciais de todos os mercadores e negociantes estabelecidos no Funchal – o que desde logo nos interessa de sobremaneira, porque nos ajuda a compreender, em parte o suporte e o impulso financeiro[...] também despertou novos interesses em relação à Ilha e provocou alterações significativas na organização dos poderes insulares e locais e nas suas relações com a Coroa portuguesa (no Rio até 1821 ou em Lisboa a partir de então), com a Regência (em Lisboa, antes de 1821) e até, em parte, com o governo britânico.” (Rodrigues, 2008: 36)

Aumenta o interesse dos ingleses e de outras nacionalidades pela Ilha da Madeira. Surge a curiosidade para conhecê-la e desenvolver trocas comerciais, devido à divulgação a que esta Ilha esteve na época da posse dos britânicos, durante o período napoleónico.

Contudo, no início do século XX, a nível urbano a cidade do Funchal estava aquém das cidades Europeias. Em um roteiro elaborado em 1910 pelos irmãos Trigos,

Adriano Augusto Trigo Diretor das Obras Públicas do Distrito do Funchal e o seu irmão, Engenheiro civil Aníbal Augusto Trigo da repartição técnica da Câmara do Funchal, referem-se desta forma ao desenvolvimento urbano do Funchal:

“Não é o Funchal uma cidade moderna que se recomende pelas suas amplas avenidas, grandes monumentos, variadas distrações e outros atractivos que distinguem as mais importantes cidades da Europa; há todavia aqui conjuncto de circunstancias naturais, verdadeiros privilégios da criação, um modo de ser tão particular e typico[...] As suas ruas são calçadas por forma apropriada aos originais meios de locomoção na cidade, ainda hoje os mais usados em consequencia dos grandes declives; se bem que um tanto incomodas nos passeios a pé, são relativamente limpas, não se encontrando as lamas nem as poeiras que tão incómodas tornam as grandes cidades.” (Trigo&Trigo,1910: 8)

Só em meados do século XX é que constatamos a resolução de vários problemas urbanísticos. Um grande impulsionador de várias modificações na cidade do Funchal foi o Dr. Fernão Ornelas (1908 - 1978) no seu mandato como presidente da Câmara Municipal do Funchal entre 1935 e 1946, no regime do Estado Novo, modificou grande parte da estrutura urbanística. Após a leitura da Dissertação de Agostinho Lopes *A Obra de Fernão Ornelas na Presidência da Câmara Municipal do Funchal 1935 – 1946*. Verificamos que parte das mudanças camarárias provocou muita contestação evidenciada nas publicações do periódico *Re-Nhau-Nhau*, citadas pelo autor.

“As obras, nem sempre no interesse da maioria da população, foram surgindo aos poucos, tentando resgatar o Município do passado e projectá-lo no futuro, de acordo com a visão política e espírito de iniciativa dos seus responsáveis. Com o desejo de bem servir, esta comissão pretendeu demonstrar que o Estado Novo é capaz de grandes obras, se fazer uma correcta administração dos interesses públicos.” (Lopes, 2005: 207)

Muitos dos seus empreendimentos foram bem-sucedidos e tem o Funchal o seu período auge de modernidade. É também nesta fase que subsiste uma viragem para o desenvolvimento do setor do turismo que trouxe grandes benefícios para a Ilha.

“Rasga avenidas para permitir uma nova organização do espaço urbano e procede ao calcetamento das principais ruas, introduzindo alargamentos e novos alinhamentos. Entre os muitos exemplos que ainda hoje persistem, realçamos as avenidas do Infante e do Mar, que tiveram papel preponderante na ligação do porto à cidade, facilitando assim a entrada dos muitos forasteiros que visitavam o Funchal.” (Lopes, 2005:208)

Na verdade, será verificado no capítulo 3 ao analisar o topónimo “Rua Dr. Fernão Ornelas” a presidência do mesmo na Câmara do Funchal ficou marcada para sempre em algumas das principais vias públicas e edifícios do Funchal e especificamente da Freguesia da Sé. Para verificar os feitos providenciados por este presidente apenas é

necessário ver os livros de Vereações no período da sua presidência. Estão estes repletos de deliberações, propostas de melhoramentos e novos empreendimentos que hoje fazem parte do quotidiano Funchalense.

Ao evoluir a cidade os espaços públicos foram também sendo modernizados e acompanhando a evolução. As ruas tornaram-se mais amplas, surgiram as avenidas. Contudo, na sua fisionomia ainda encontramos traços do século XV e XVI, na Igreja da Sé e outras capelas e igrejas do Funchal, em detalhes ornamentais das casas como na cantaria entre outros.

Devido a todos os desenvolvimentos realizados ao longo do tempo na Freguesia da Sé, contamos as seguintes tipologias de viação urbana.

Lista de tipos de viação urbana na Freguesia da Sé:⁵
Ruas – São o elemento fundamental na textura do tecido urbano e especialmente do tecido Urbano mediterrânico onde se caracterizam marcadamente pela continuidade dos seus elementos definidores, sejam fachadas ou muros.
Beco - Rua estreita e curta, por vezes sem saída.
Largos – São caracterizados por constituírem alargamentos de um espaço canal, pela convergência ou cruzamento de ruas não representando, normalmente, carácter regrado.
Avenidas – Vias situadas no topo da hierarquia dos espaços que são simultaneamente de circulação e de lazer, cujo perfil transversal é normalmente constituído por passeios largos e arborizados, faixas de rodagem e placas centrais, igualmente arborizadas, unindo pontos singulares da cidade.
Travessa - Rua secundária transversal.
Calçadas – (rampas ou ladeiras), ruas íngremes cujo declive acentuado obriga ao calçetamento a fim de evitar a erosão e a deterioração do pavimento.
Praças – Espaços normalmente regrados, convergência de ruas, ligadas a actividades comerciais ou sede das instituições representativas do Estado ou da Cidade. Da Praça derivou a Praceta, praça menor, como o nome indica, normalmente ajardinada definida pela implantação de edifícios em forma de U.

⁵C.f, DIAS, Francisco da Silva, (2000),“Tipologia de Espaços Urbanos – Análise Toponímica”, *III Jornadas sobre a Toponímia de Lisboa*.

C.f “Beco” e “Travessa” retirados do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009). Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, Lisboa : Temas e Debates. Usada a versão eletrónica original.

Cais – É uma instalação, portuária que vem a adquirir características de espaço urbano ribeirinho, seja um largo ou ruas em que um dos limites é constituído por uma muralha.

Todas estas vias públicas existem na Freguesia da Sé. Contudo a toponímia estudada não é só apenas das vias públicas, existem topónimos que serão desenvolvidos neste estudo que não pertencem a uma via pública como as ribeiras e outros locais. Porém, não é de desconsiderar que com a modernização que passou ao redor das ribeiras, essas também com o tempo se adequaram à evolução urbana. Principalmente os cursos de água que estão em zonas mais desenvolvidas.

2.3 Aperfeiçoamento urbano - análise de mapas e planos

Contêm testemunhos da evolução e modificação da zona aqui estudada alguns elementos cartográficos.

Em primeiro lugar a *Planta do Funchal de Mateus Fernandes* de 1567-1570 (Ver anexo 3), trata-se da planta mais antiga da Ilha da Madeira. Após um forte saque de corsários huguenotes franceses foram enviados para a Madeira três padres da Companhia de Jesus e um fortificador e mestre das obras reais Mateus Fernandes em 1567. Ao elaborar esta planta Mateus Fernandes pretendia planejar a construção de uma fortificação para defesa militar e a de um colégio da companhia de Jesus.

Esta planta fornece muitos detalhes sobre como era constituída a urbe do Funchal no século XVI e qual a sua dimensão. Proporciona também pormenores toponímicos.

Em uma primeira abordagem, constatamos poucas artérias, das quais identificamos ruas que ainda existem hoje, como a Rua de João Esmeraldo e a Rua da Carreira entre outras. É possível identificar nesta planta três ruas principais a Rua de Santa Maria, a Rua dos mercadores e a Rua de Santa Catarina (Carita, 1982 b:57-107).

É visível também um espaço que desenvolveu-se sobre o núcleo de Santa Maria Maior e da Sé sendo o restante “ortas” (hortas) e “canas” ou seja o restante espaço era na sua maioria rural, o que justifica a vastidão inicial da Freguesia da Sé. Acrescentamos ainda que algumas ruas com atividades fabris tinham já ligação aos varadores dos barcos.

No século XVIII na Planta do Capitão Skinner, *Plan of the town of Funchal* são visíveis já as fortificações efetuadas na cidade do Funchal e o traçado de algumas muralhas (Ver anexo 4).

Já no final do século XVIII, na *Planta da Cidade do Funchal de Agostinho José Marques Rosa* de 1780-1801 (Ver Anexo 5) é perceptível um crescimento que expande-se no sentido Oeste em zonas que em plantas anteriores eram rurais (Nascimento, 1932: Vol-VI: 65). Um aspeto importante presente nesta planta é a ligação da pontinha unindo o Forte do ilhéu ao Forte da Nossa Senhora da Conceição.

No ano de 1803 um aluvião provocou vários danos por toda a ilha principalmente na zona do Funchal, a Rua dos Ferreiros, Rua dos Tanoeiros e a Rua Direita foram as mais afetadas. A principal causa deste aluvião foi o mau encadeamento das ribeiras. Neste sentido é chamado o Brigadeiro Reinaldo Oudinot para organizar as obras públicas a decorrer. Podemos constatar na *Planta da Cidade do Funchal que representa o estado em que ficou depois do aluvião de 3 de Outubro de 1803 e apezição das Praças, 1804*, do qual surge a *Nova Cidade das Angústias* e outras alterações (Ver Anexo 6). Com nova cidade das angústias era intencionado deslocar a população no sentido Oeste da Cidade, passando a estar em um local mais seguro sem afloramento de ribeiras.

Em 1910 os irmãos Trigo elaboram um mapa da cidade do Funchal que está junto ao *Roteiro e guia do Funchal* publicado em 1910. Esta planta contém todos os pontos mais interessantes da cidade, informações que poderiam interessar a um turista. Neste roteiro temos uma lista de números que ajudam a interpretar o mapa. Retém muitos dados toponímicos. Testemunha qual era a fisionomia do Funchal antes das obras que se seguiram até aos meados do século XX. Temos um exemplar deste mapa no Anexo 8.

No século XX, outro plano realizado entre 1913 e 1915 foi o do Arquiteto Miguel Ventura Terra (Ver Anexos 9, 10, 11 e 12).

“Desenvolve uma proposta de modernização da cidade onde se aplicam os conceitos correntes do urbanismo francês da época, visível nas grandes avenidas retilíneas, das quais vimos se concretizarem a Avenida Oeste, depois do Infante, e a Avenida Marginal. É ainda visível aquele conceito na utilização de rotundas para a distribuição viária, amplas praças e parques na periferia” (Vasconcelos, 2008: 119-120)

Todavia, este plano não foi seguido na sua íntegra, fase ao seu caráter demasiado moderno para uma região ainda muito rural, foi em parte adotado nos anos 30 no plano do Arquiteto Carlos Ramos e depois nos anos 40 pelo Arquiteto João Guilherme Faria da Costa com o incentivo do presidente da CMF da altura, Dr. Fernão de Ornelas.

É de salientar que após o projeto do Arquiteto Ventura Terra o mesmo é citado nos projetos de remodelação que seguem nos anos seguintes. O Funchal conhece por

fim a palavra modernização e distancia-se da região típica rural que tinha sido ao longo dos anos.

Entre 1948 e 1950 é elaborado uma planta da cidade por uma empresa alemã contratada pela CMF. Essa planta aproxima-se da realidade urbana dos dias de hoje e nas várias imagens da planta podemos identificar muitos locais (Ver anexos 13 e 14).

Esta planta é resultado posterior ao estudo e planos elaborados pelo Arquiteto João Guilherme Faria da Costa. Uma das características positivas encontradas no Estudo realizado pelo mesmo é a preocupação com vários elementos urbanísticos, desde as alternativas de circulação automóvel e de peões como questões de estética ambiental. Preocupou-se com a sombra. Sendo estas avenidas largas e em uma Ilha de intenso sol era necessário sombra e por isso foram introduzidas as árvores ao longo das avenidas.

É entre o século XIX e o século XX que consta o maior crescimento urbano e arquitetónico visível em todas as plantas aqui analisadas. Todos estes mapas, planos do Funchal representam um testemunho importantíssimo para a História e evolução da cidade. Mostram a evolução urbanística e social ao longo dos séculos. São também preciosos para o estudo detalhado da cartografia dos meios e materiais utilizados.

Por tudo isto com a evolução urbanística o Funchal não tendo mais espaço para se expandir para o mar começou a se desenvolver para as montanhas, como é possível verificar no anexo 15.

2.4 Relatos estrangeiros do século XIX e XX – a influência intercultural e a visão exterior dos “lugares” do Funchal

A partir do século XV, com a expansão portuguesa, surgem muitos navegadores que decidem aventurarem-se pelos mares do mundo em busca das terras perdidas e encantadas. O “relato de viagem” começa a ser usado e logo é espalhado por todo o mundo. A princípio, serviam estes testemunhos para ilustrar o que tinham encontrado nestas novas terras além-mar, mas ao longo dos séculos o relato de viagens começou a tomar um cariz intelectual e transformou-se em literatura.

A Ilha da Madeira teve sempre uma ligação iminente com o estrangeiro, quer fosse a nível histórico, económico ou pessoal. Podemos desta forma dividir os estrangeiros que apenas passaram pela ilha e escreveram sobre ela e aqueles que nela escolheram residir. São estes últimos na sua maioria estrangeiros que contribuíram principalmente a nível económico, como vamos poder constatar na análise de alguns topónimos.

A região possui testemunhos escritos de origem estrangeira. Relatos de viagem de muitas nacionalidades, uns mais detalhados do que outros mas que na sua maioria, e quase obrigação, ao passarem pela Ilha da Madeira parafraseiam sempre à cidade do Funchal. Sendo a Cidade do Funchal a porta de entrada para a Ilha o primeiro sítio descrito é na sua maioria o Funchal. No entanto existem também descrições feitas ainda a bordo dos barcos de outros locais, como o Caniçal e o Garajau.

Esses depoimentos, relatos, manuscritos começam logo no século XV. Até ao século XVII temos os seguintes manuscritos de origem Italiana, Inglesa, Francesa e até mesmo portuguesa.

-1453– *Crónica de Guiné* de Gomes de Eanes de Zurara;

-1455– Narrativa de uma Viagem de Luís de Cadamosto;

-1480– Uma narrativa na *Relação dos Descobrimentos* do navegador Infante D. Henrique;

-1506– Um manuscrito de Valentim Fernandes intitulado *Narrativa sobre a Ilha da Madeira*;

-1528– De um autor desconhecido o livro *Libro de Benedetto Bondone nel qual si ragona de tutte l'isole del Mundo*;

-1530 – *La Descrittione de l'isola de la Madera* de Giulio Landi;

-1567 – Um manuscrito de Pompeo Ardit;

-1587 – Um manuscrito de Leonardo Torrini;

-1601 – Jean Mocquet no livro *Voyages en Afrique, Asie, Indes orientales & Occidentales*;

-1687 – Hans Sloane faz uma descrição da Ilha;

-1689 – John Oyinghton um manuscrito;

-1697 – De um autor desconhecido *Isolario dell'Atlante Veneto* com um mapa fantasioso da Ilha da Madeira;

Estes relatos advêm de vários motivos. Podem ser apenas testemunhos de descoberta, para darem a conhecer ao país de origem este novo local, podem ser também para descreverem os locais de passagem de abastecimento ou paragem de embarcações que têm outros rumos como África, Ásia e a América do Sul ou simples relatos de viajantes ou comerciantes como é o caso dos Italianos que foram grandes comerciantes do açúcar.

A presença de estrangeiros na Ilha remonta o povoamento, no qual surgem interessados no comércio do açúcar, depois passando alguns anos no vinho, e depois no

bordado. O facto de a ilha ser associada a curas medicinais para a “phtisica” pulmonar proporciona o aparecimento de muitos cientistas estrangeiros principalmente alemães.

Os ingleses adquiriram um lugar na burguesia cosmopolita da cidade desde o século XVII, e a Ilha da Madeira transformou-se em uma escala obrigatória nas rotas marítimas da Inglaterra.

Os primeiros mercadores estrangeiros na ilha eram florentinos, genoveses e venezianos. Eram todos comerciantes do açúcar. O que originava muitas vezes na sua naturalização. Assim nos refere o *Elucidário Madeirense*.

“Os estrangeiros contribuíam consideravelmente, embora com proveito próprio, para o estado de prosperidade a que chegou esta ilha desde os fins do século XV até meados do século seguinte. Entregaram-se a diversos ramos de negócio, montaram muitos engenhos de açúcar e era por seu intermédio que se fazia uma boa parte da exportação desse produto para os países estrangeiros.” (Silva & Meneses, 1998: vol. I - 422).

No século XIX, devido à vasta literatura de viagem e científica, que inclui a Ilha da Madeira é possível reconstruir a situação da ilha nessa altura. Os viajantes que por cá passavam descreviam vários aspetos como a natureza, topografia, relevo, tradições, vestimenta, hábitos alimentares e acrescentavam detalhes muito significativos que representavam as suas ideias sobre determinadas situações do quotidiano madeirense.

“De facto, o século XIX trouxe à Madeira muitos viajantes que julgaram oportuno proceder em termos dum “fifty-first” e, assim, o número dos que deixaram registado em livro o seu “glimpse” madeirense ascende a umas boas dezenas. Entre eles e para mencionar apenas os mais representativos em campos literários diferentes e perseguindo também diferentes objectivos temos Robert Steele, James Edward Alexander, o Dr. Wilde, James Golman, John Osborne, Wiliam Hadfield, Henry Vizetelly[...]”(Branco, 1986:201)

Desta forma este tipo de literatura contribuiu não só para as letras mas também para a História. A literatura de viagem é muito usada no século XIX, trata-se do século de evolução dos meios de transportes, mediante os ferries e barcos a vapor que muitos pararam no Porto da Ilha da Madeira.

Por vezes, enquanto os tripulantes esperavam pelo carregamento do barco ou por melhores condições de embarque percorriam as ruas do Funchal e ficavam a conhecer melhor a zona portuária da ilha, quando vinham com mais tempo disponível percorriam então outros locais.

Interessa-nos aqui seleccionar passagens dos relatos de viagem pela Ilha da Madeira, onde muitas vezes era mencionado e descrito locais do Funchal nomeadamente da Freguesia da Sé.

Algo que não passava despercebido em muitos relatos, e que a nós interessa a este estudo pelas questões urbanísticas, era o mau calcetamento das ruas, como na seguinte citação do autor alemão Bernhard Von Wüllerstorff Urbair por volta de 1858 – 1859.

“As Estradas da Madeira estão com poucas excepções, em más condições; são na máxima parte, calçadas de pedras pequenas, agudas e tem, em muitos logares, uma inclinação de 23°, e bastantas vezes 27°. [...] Seu mau estado faz que a maior parte dos productos sejam transportados d’um para outro lugar em botes, ou, como acontece aos vinhos, em odres ou vasilhas, às costas, para o lugar do embarque.” (Urbair, 1853, 1)

No relato *Leaves from Madeira Garden* também o autor cita o mau estado das Ruas. “There is indeed a certain old-world charm about the cobbled and grass-grown streets of Funchal. The houses are irregular in construction; many of them, especially in the centre of the town [...] (Thomas-Standford, 1910:30) Contudo, para o autor as ruas como estão dão um certo “old-world charm” pouco comum de ler nos relatos da altura, mas, uma visão interessante de alguém exterior.

Em *Rambles in Madeira and in Portugal* de 1827, foi onde encontramos talvez a crítica mais realista em relação a cidade do Funchal e ao estado urbano em que se encontrava.

“Funchal is not a handsome city, but at any rate it is unlike any other, which, to a traveler, is perhaps the best recommendation. Strangers commonly abuse it as ugly and inconvenient, and it is true that the streets are generally both steep and narrow; the former is rather the fault of the island, the whole coast of which, I understand, scarcely presents an acre of plain surface[...] Now for foot-passengers, or horsemen, the streets of Funchal are wide enough in all reason, especially under so sunny a sky as this, and they are clean beyond those of any foreign town i have seen.” (Lyll, 1827: 7)

Lyll ao longo de todo o seu relato apresenta uma análise pormenorizada de toda a urbanização e infraestruturas do Funchal. Menciona que parte do seu estado deriva do governo da Ilha. O propósito deste relato advém do autor se deslocar à Ilha da Madeira para acompanhar a irmã que estava doente.

Passam-se aproximadamente cinquenta anos e no livro turístico *Madeira Its Scenery and How to see it* de Ellen M. Taylor em 1882 podemos ver os seguintes comentários sobre parte da agradável zona da atual Avenida Arriaga:

“The Praça da Constituição is a favorite resort, especially when the band plays. The small public garden at the western end has some rare young trees[...] on the old site of the large Franciscan convent, a well-sized public garden is being laid out, and will in two or three years be a most ornamental addition to Funchal.[...] The Praça da Constituição and the cathedral square have a picturesque and very animated aspect, when crowded with people from all parts of the island who come to see the Lenten processions.” (Taylor, 1882:84)

O autor, assim como outros, descreve toda aquela zona e todo o movimento social ao longo dos dias. Menciona a construção do atual Jardim Municipal no local do antigo mosteiro franciscano. Este autor que viveu alguns anos na Ilha da Madeira apresenta um guia turístico muito detalhado sobre a Ilha da Madeira.

Num cariz mais ficcional a obra *A Agência Thompson & Cia* é publicada após a morte do seu autor Júlio Verne (1905), pelo seu filho. Esta obra de ficção científica relata uma viagem efetuada pela personagem principal por três destinos, três Ilhas, Açores, Madeira e Canárias.

Apresenta muitos detalhes da realidade Madeirense apesar de ser ficção. Na verdade, existem factos que Verne nunca tivesse estado na Ilha mas que sim guiou-se por fontes que lhe tinham sido dadas sobre a mesma.

“Tendo desembarcado mesmo em frente da torre dos sinais, os dois viajantes internaram-se logo nas ruas estreitas e tortuosas do Funchal. Mas não tinham ainda dado cem passos quando diminuíram o andamento. Pouco depois pararam, olhando com uma careta dolorosa para a desoladora calçada que lhes atormentava os pés. Em nenhum outro ponto do globo há ruas mais desumanas. Feitas de fragmentos basálticos de arestas agudas, não há calçado que lhes resista. E a respeito de passeio, nem era bom pensar nisso: é um luxo desconhecido na Madeira” (Verne, 1979: 199)

Assim como os anteriores relatos nesta obra as personagens também vivenciam o mau estado das ruas. Não seria por acaso que muitos estrangeiros decidiam passear no antigo carro de bois.

Na altura da escrita deste livro, existia, onde é hoje a Praça do Chafariz, um mercado que substituiu uma Ermida de São Sebastião já extinta. Nas Notas de Álvaro Azevedo no livro *As Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso, refere que D. José Manuel da Câmara mandou demolir esta ermida em 1802 e criou um mercado, que a partir de 1834 tem um chafariz. (Frutuoso, 2007: 537). Justifica-se então a seguinte afirmação de Verne “Na praça do Chafariz, bastante vasta e ornada com uma fonte central, formigava multidão imensa de camponeses, vindos para o mercado.” (Verne, 1979:201).

Um aspeto importante será a configuração que as ruas obtinham ao se distanciar do núcleo mais desenvolvido da cidade. Conforme os visitantes subiam as ruas do Funchal, as mesmas iam adquirindo contornos diferentes.

“Entretanto, pouco a pouco, o carácter da cidade mudava. Os estabelecimentos rareavam, as ruas tornavam-se mais estreitas, mais tortuosas e mal calçadas. Ao mesmo tempo acentuava-se a subida. Chegavam aos bairros pobres, cujas casas encostadas ao rochedo, deixavam ver pelas janelas abertas a miserável mobília.” (Verne, 1979:201).

Afastando-nos destes relatos e assumindo exemplos de publicações da época. No século XX num roteiro da cidade do Funchal, elaborado pelos Irmãos Trigo, podemos ler o seguinte sobre as ruas do Funchal:

“As suas Ruas são calçadas por forma apropriada aos originaes meios de locomoção da cidade, ainda hoje os mais usados em consequência dos grandes declives; se bem, que um tanto incommodas nos passeios a pé, são relativamente limpas, não se encontrando as lamas nem as poeiras que tão incommodas tornam as grandes cidades. As ruas abertas modernamente são amplas e bem alinhadas, oferecendo commodos trottoirs aos viandantes.” (Trigo&Trigo, 1910: 8)

Sendo este um roteiro muitas vezes lido pelos visitantes estrangeiros não revela de todo o verdadeiro estado em que se encontravam as ruas mesmo em 1910. O estado calamitoso das ruas e estradas prolongou-se e com a introdução do automóvel na vida cidadina ainda mais tornou agravante este problema. Em 1927, em um jornal regional, encontramos diversos artigos sobre a problemática das estradas do qual existem alguns excertos esclarecedores.

"A Junta Geral do districto ocupa-se, neste momento, de um dos problemas vitais da região: a abertura de novas estradas e a conclusão das existentes [...] Quanto à primeira parte, o revestimento do leito das estradas, é evidente que um tal melhoramento se impõe como inadiável, pois, sem isso, apenas a viação pode ser utilizada numa restricta parte do ano, enquanto as invernias não sulcam os seus pavimentos, inutilizando-os na sua maior superfície [...] Mantém a Madeira, desde épocas bastante remotas, um sistema de empedramento que, se satisfazia então, quando toda a locomoção era animal, constituí hoje um legítimo atentado contra os modernos sistemas de tracção [...]"⁶

Menciona os tipos de calcetamento, refere o bom exemplo da calçada portuguesa que é mais resistente. Sugere o uso de "Béton" para a melhor resistência da superfície. Sendo os caminhos ainda em terra imaginamos que com a água da chuva tornar-se-iam em lama e impossibilitassem a circulação, e com o sol secassem e levantassem muito pó. Tornava-se assim necessária uma medida de transformação.

"Sob o ponto de vista de turismo, todos os paizes estão realizando, presentemente, uma completa transformação nos pavimentos das estradas, cujos leitos estão sendo betumados, para evitar o desgaste e o levantamento do pó. Evidentemente, tratando-se duma terra de turismo e de uma estação de cura, como a Madeira, a primeira atenção é fixar é na higiene das artérias, que têm como principal inimigo o pó."⁷

O coronel Sarmiento afirma já meados do século XX que essa reconstrução já estava em andamento e mais uma vez lembra que “ A viação na Madeira vem

⁶S.a (1927), “O problema das Estradas” *O Jornal*, Funchal - Terça-Feira, 18 de Janeiro de 1927,p.1.

⁷Idem, *Ibidem*, p.1.

merecendo neste século a maior atenção, pois aos antigos caminhos que se chamavam estradas reais, em alguns lugares eram difíceis, até ao trânsito de peões,” (Sarmiento, 1953: XX).

Em suma, são vários os contributos de intelectuais estrangeiros que encontramos ao longo dos séculos sobre a Ilha da Madeira. No século XIX e primeira metade do século XX um pormenor muito citado seria as más condições das vias públicas repetido por todos os que passavam pela Ilha. Como foi possível verificar é muito importante o contributo destes relatos para a história da Ilha da Madeira. A perspetiva exterior é na maioria das vezes mais ampla e rica em detalhes do que aqueles que vivem no mesmo meio.

3 TOPONÍMIA DA FREGUESIA DA SÉ

“Chegados aho fermoso vale que de frescos e alegres sexos era cuberto sem hauer outro género de aruoredo senão muito enfindo funcho, que cobria ho vale ate ho mar per bom espaço: sahia deste deleitoso vale ate ho mar tres caudelosas e frescas ribeiras [...] E pelo muito funcho que nele achou lhe pos nome ho Funchal donde depois fundou hũa vila do seu nome no cabo da qual estão dois ilheos grandes[...]”(Leite, 1947:13)

No manuscrito *Descobrimento da Ilha da Madeira e Discursos da Vida e Feitos dos capitães da Dita Ilha*, de Jerónimo Dias Leite, cónego da Sé no século XVI, constam as primeiras impressões do Descobrimento do Arquipélago da Madeira. Como anteriormente foi mencionado, os primeiros manuscritos contêm muita informação sobre o porquê da atribuição de alguns topónimos que mantêm-se até hoje.

O topónimo Funchal mantém-se, contudo, relacionado com a palavra “funcho”, razão do seu topónimo, planta que já não existe em abundância no Funchal como na altura do seu povoamento.

Os povoadores tiveram carências de se localizar no espaço. De início incutiram neste novo espaço experiências do seu local de origem e foram se adaptando à evolução do meio urbano. Contudo, ao longo do tempo, o povoador e os seus herdeiros irão moldar os espaços em seu redor consoante as novas experiências naturais do meio típico insular. Existem na Freguesia da Sé, vários topónimos que reportam assuntos de diferentes épocas.

O urbanismo é um aliado importante para a História e consequentemente para a toponímia. Explica a condição física pela qual despoletou algumas vias públicas ou pelas quais foram alteradas. Na explicação anterior, no capítulo 2, foi demonstrado quais foram os avanços e retrocessos que sofreu toda a malha urbana do Funchal especificamente da Freguesia da Sé. Foi necessária essa primeira explicação para a melhor compreender a evolução dos topónimos.

Neste capítulo é pretendido evidenciar os percursos toponímicos que tiveram os arruamentos da Freguesia da Sé. Para isso não é apenas demonstrado a evolução dos nomes atribuídos, mas também de toda a urbanização desenvolvida nos diversos momentos políticos e históricos que fizeram com que fossem mudando os topónimos e que surgissem novos espaços, novas ruas, novas avenidas.

Entende-se que os topónimos que aqui serão desenvolvidos, fazem parte da delimitação e composição pública que esta freguesia tem hoje, porque como foi anteriormente explicado, esta freguesia já teve delimitações maiores.

Para um maior esclarecimento, os topónimos estão agrupados em classificações que achamos mais ajustadas à sua denominação e que estão dispostas alfabeticamente.

3.1 Acontecimentos marcantes do quotidiano

São pouco os topónimos que advêm desta categoria. Os acontecimentos identificados nos topónimos seguintes marcaram a memória da população no final do século XVI. São três ruas e estão interligadas.

A **Rua da Queimada de Baixo** e a **Rua da Queimada de Cima**, ambas se estendem entre a Rua João Tavira e a Rua dos Ferreiros. Têm este nome devido a um incêndio que aconteceu em umas casas que se situavam em ambas as ruas em 1593.

Na verdade, deveu-se à construção das casas como era feito na altura, “...executadas em madeira de tabuado e cobertas a colmo...” (Carita, 2003:11). A rua da Queimada de Cima também já se apelidou de Rua da Oliveira e Rua de Afonso Vaz. Anteriormente teve uma dessas ruas o nome de estanco velho hoje em dia apenas uma ligação da Rua da Queimada de Baixo com o Largo do Chafariz é apelidada de **Rua do Estanco Velho**.

Nessas mesmas ruas situavam-se os estábulos dos cavalos que em 1921 provocaram alguma contestação pelo povo.

“Nestas ruas se encontra a maior parte dos estábulos destinados ao alojamento dos cavalos de aluguer e dos bois e muares empregados na condução dos carros e corsas. A imprensa local tem-se ocupado largamente e por muitas vezes da remoção destes estábulos da parte mais central da cidade, mas apesar disso e das diligências empregadas por algumas vereações, ainda não foi possível afastar dali aqueles verdadeiros focos de infecção, que tanto afeiam o local e muito concorrem para a insalubridade daquelas ruas (1921).” (Silva & Meneses, 1998: vol. III – 163)

Sendo a Rua da Carreira local para corrida de cavalos, torna-se claro o porquê dos estábulos de Cavalos se situarem nas proximidades. Hoje em dia a Rua da Queimada de Cima e a Rua da Queimada de Baixo não têm esses estábulos, estão sim repletas de estabelecimentos comerciais.

Neste sentido, refletindo nesta categoria, sabemos que uma cidade contém muitos mais acontecimentos marcantes. Contudo, nem todos ficam registados nos seus topónimos.

3.2 Antropónimos

Antropónimo é a classificação dada aos topónimos que são nomes próprios ou sobrenomes. Existem vias públicas na Freguesia da Sé que honram o nome próprio, o apelido ou até mesmo o nome inteiro de algumas pessoas. A razão por vezes está ligada a ilha e por outras, a acontecimentos históricos nacionais. Quando relacionada com a Ilha, homenageia por vezes alguém que viveu em uma determinada rua ou local do atual antropónimo.

“Entre os vários motivos determinantes dos topónimos [...] avultam como dos mais importantes os nomes dos antigos possuidores de extensos prédios rústicos, em torno de cujas moradas se iam, cada vez em maior número, aglomerando os mesquinhos casebres dos que serviam as terras” (Nunes, 1921: 1257)

Esta era uma prática comum nos séculos XV, XVI e XVII, na qual a antiga localização da habitação ou até mesmo local de comércio de uma determinada pessoa era lembrado no antropónimo e não era esquecida. Contudo, com o tempo esta prática foi abandonada. Começou-se a homenagear pessoas regionais e nacionais por questões de tributo, político, social ou histórico a qualquer via e deixou-se a antiga prática de fácil localização e memória antiga.

Três antropónimos da Freguesia da Sé estão relacionados com o Aluvião de 1803 são: a Rua do Visconde Anadia, a Rua do Brigadeiro Oudinot e a Rua de Paulo.

A **Rua do Visconde Anadia** situa-se ao lado da Ribeira de João Gomes e vai até a Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses. Antigamente “Esta via estendia-se somente até ao largo do pelourinho. A partir de 1989 (Agosto) passou a ter ligação à Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses” (Santos, 1993: 2). O seu antropónimo deve-se ao Secretário de Estado da Marinha e Ultramar João Rodrigues de Sá e Melo Meneses de Souto Maior que exerceu funções no início do século XIX, como nos testemunha as cartas enviadas pelo Brigadeiro Oudinot ao Visconde, relatando os estragos do Aluvião de 1803.

Do outro lado da Ribeira de João Gomes existe a **Rua Brigadeiro Oudinot**, este topónimo é o apelido do Brigadeiro Reinaldo Oudinot (1747-1807), que prestou grandes serviços de remodelação ao Funchal após o aluvião de 1803 como de início no capítulo 2 focamos. Situado nesta zona já tinha sido a Rua dos Pangueiros e também a Rua da Surraqueira.

Ao subir a Avenida do Infante e virar ao lado direito, nessa área popularmente conhecida como dos Ilhéus, encontra-se a **Rua Paulo Dias** que fica entre a Rua dos Ilhéus e a Rua Tenente Coronel Sarmiento.

Paulo Dias de Almeida surge na Madeira em princípios do século XIX após o Aluvião de 1803 para ajudar na reconstrução do Funchal dirigida pelo Brigadeiro Oudinot. Projetou a planta geral da Ilha da Madeira em inícios do século XIX e deixou um manuscrito intitulado *Descrição da Ilha da Madeira em geral e de cada huma das suas freguesias, villas e logares em particular, suas produções, número de fogos e seus habitantes; e estado actual das suas fortificações*. Este manuscrito foi analisado e transcrito pelo Historiador Rui Carita. Relacionado com este topónimo existe também a **Travessa Paulo Dias** e o **Beco Paulo Dias** nesta zona.

“Vindo para a Madeira trabalhar com o Brigadeiro Oudinot, cedo assume a posição de colaborador privilegiado e amigo pessoal, sobrepondo-se ao colaborador que tinha acompanhado Oudinot de Lisboa. Com a morte prematura do brigadeiro, pensou Paulo Dias de Almeida poder ocupar o lugar d “mestre de Obras Reais”, no que é preterido pelo seu camarada Feleciano António de Mattos e Carvalho, então já capitão do Real Corpo de Engenheiros. Em face disso, dirige-se à corte, pró escrito, oferecendo-se como continuador do plano do Brig. Oudinot para levantar a planta geral da Ilha. Não Obtendo resposta tão urgente como desejaria, aproveita a ocupação inglesa para se deslocar ao Rio de Janeiro e pessoalmente apresentar o seu projeto. Voltará poucos meses depois, já promovido a capitão e com a autorização desejada.” (Carita, 1982 a: 108)

Foi Paulo Dias de Almeida tão importante para a Ilha da Madeira como o Brigadeiro Oudinot. O seu trabalho no aproamento dos estragos e no seu manuscrito é notável. Deixou um contributo valioso para história da Ilha da Madeira.

Na altura da presidência da Câmara Municipal do Funchal do Presidente Fernão Ornelas procederam-se várias alterações urbanísticas. Em particular várias alterações em vias públicas, perto da atual Igreja do Carmo. Nomeadamente a criação da Rua Fernão de Ornelas que na altura seria Rua dos mercadores, eliminação da Rua dos Phelps, a Rua Monteiro, redução de parte do tronco da Rua da Cadeia Velha e da Rua do Ribeirinho de Baixo.

A **Rua Doutor Fernão Ornelas** tem o nome de um presidente da Câmara do Funchal (1935 – 1946). Já foi aqui referido parte do trabalho realizado em modernizar e dar uma nova cara à Cidade do Funchal. Mas, na verdade, poucos são os dados sobre a sua vida pessoal e académica. Na dissertação de Agostinho Amaral Lopes intitulada *A Obra de Fernão Ornelas na Presidência da Câmara Municipal do Funchal 1935 – 1946* da qual já citamos no capítulo anterior, encontramos alguns dados:

“Filho do médico Fernão de Sousa Gonçalves em 1º de *Freitas Alves* e de D. Gabriela de Ornelas Gonçalves em 1º de *Ornelas e Araújo*, era o segundo dos cinco filhos do casal [...] Nasceu na freguesia de São Pedro a 14 de Junho de 1908. Tirou o curso do Liceu do Funchal e matriculou-se depois na faculdade de Direito de Lisboa onde se licenciou em Julho de 1931 com altas classificações. Ai exerceu

durante algum tempo a advocacia tendo sido nomeado subdelegado do procurador da república em 17 de Agosto de 1932 e chefe da Secretaria Judicial em 11 de Dezembro de 1935. No dia 12 de Janeiro de 1935 foi nomeado presidente da Câmara municipal do Funchal onde realizaria uma obra notável de modernização da cidade.” (Lopes, 2005: 43)

A abertura desta rua foi impulsionada por Fernão de Ornelas na primeira metade do século XX. Anteriormente, onde se situa hoje a rua, encontrava-se a Rua dos Medinas, nome de uma família que habitava nessa mesma rua destaca-se “o poeta Francisco de Paula Medina de Vasconcelos autor da ‘Zargueida’ ” (Santos, 1993: 9). A Rua dos Phelps, a Rua Monteiro, e parte do tronco da Rua da Cadeia Velha que desapareceram. Parte da Rua do Ribeirinho de Baixo também foi encurtada para dar lugar a esta nova rua que de início apelidava-se Rua dos Mercadores.

O arquiteto João Guilherme Faria Costa encarregado dos projetos reconstrução nesta época referiu no seu trabalho, *Estudos de Remodelação da zona Marginal da Cidade do Funchal*, claramente o que seria feito nas remodelações urbanísticas e a causa dessas modificações:

“Atravessada a avenida de St^a Luzia, vinda da Rua do Betencourt, a primaria transversal segue as ruas do Felps e dos Medinas até ao encontro com a Nova Avenida de João Gomes, frente ao Mercado dos Lavradores. Utilizou-se, o traçado pela rua dos Medinas não só por esta rua ser um acesso quase directo ao Mercado dos lavradores, mas porque motivos especiais de salubridade moral permitiam a demolição dos prédios aí existentes e transformação da rua em matéria de primeira categoria, sem quase dispêndio para a Câmara Municipal, e até com regozijo dos proprietários dum e outro lado do arruamento. Adoptou-se para esta rua perfil das ruas de primeira categoria (15 m. de largo, faixa de rodagem de 9 m, e passeios de 3 metros).”⁸

Esta rua veio a transformar toda a mobilidade rotineira dos madeirenses que frequentavam a zona do atual Mercado dos Lavradores. Além da mobilidade transformou esta rua em uma rua estrategicamente comercial.

A Câmara Municipal do Funchal incluiu o anterior estudo e outros realizados em um Plano de Urbanização da Cidade do Funchal e decidiu cumprir com as alterações propostas pelos mesmos.

“Resolveu a Câmara Municipal e o Senhor Presidente da Nossa Câmara autorizar e assinar os contratos com os respectivos proprietários e referentes às expropriações, demolições, reconstruções, indemnizações e rendas de terrenos cobrantes para a ratificação de alinhamentos dos prédios compreendidos no Plano de Urbanização da Cidade do Funchal, nomeadamente dos que se referem à rua de ligação entre a Ponte do Bettencourt e o Mercado dos Lavradores, futura Rua dos Mercadores,

⁸ARM, DOP, *Estudos de Remodelação da zona Marginal da Cidade do Funchal*, João Guilherme Faria da Costa, Cx.818, Processo nº 37, 1945, fl.33.

alargamento da Rua do Aljube, Largo do Chafariz, Rua do Bettencourt, Rua do Felps, Rua do Monteiro e dos Medinas e respectivas mediações [...]”⁹

Para efetuar todos os procedimentos do Plano de Urbanização foi necessário: “expropriações”, “demolições”, “reconstruções”, “indemnizações” e “alinhamentos”. Todas estas palavras descrevem a grande mudança que iria acontecer na zona marginal do Funchal.

Passado o período da realização desta rua a 7 de novembro de 1946 é decidido, pelo na altura Presidente da Câmara Rafael Basto Machado, dar o nome àquela rua de Dr. Fernão Ornelas como bem justifica a deliberação seguinte citada do livro de vereações.

“Considerando os relevantíssimos serviços prestados no Concelho do Funchal na presidência da Câmara Municipal, desde 14 de Janeiro de 1935 a 22 de Outubro de 1946, pelo Excelentíssimo Senhor Doutor Fernão Manuel de Ornelas Gonçalves, reorganizando todos os serviço municipais, instalando-os bem aos serviços do lotado, incluindo-se às escolas de instrução primária e a cadeira, em edifícios na sua maioria especialmente construídos, criando serviços de existência verdadeiramente modelares e de mais larga eficiência, construindo de casas económicas, realizando obras de urbanização com larga visão do desenvolvimento do Funchal, construindo caminhos, resolvendo problema do abastecimento da água potável nas freguesias suburbanas e de saneamento da cidade, embelezando todo o concelho com o mais acertado critério, encontrando um programa de realizações culturais do mais elevado interesse e, tendo em suma, uma obra impossível de nomear em sucintas frases, mas que se deve com inteira justiça considerar como a de maior envergadura e projecção que jamais foi levada a cabo no Funchal”;

“Considerando ainda, e destacadamente se deve fazê-lo, a nobilíssima obra financeira, que faria base e alicerce destas grandiosas realizações, que quase exclusivamente, se devem às possibilidades do próprio município, que tradicionalmente reconsideram esgotadas.”

“Deliberava a Câmara desde já – e embora como expressão modesta e incompleta de gratidão que os munícipes devem ao antigo presidente do Município do Funchal – que à Rua em construção que liga a Ponte do Bettencourt, com a Rua do Hospital Velho (Mercado do Lavradores) seja dado o nome de Rua de Fernão de Ornelas.”¹⁰

Assim ficou marcado para sempre a homenagem ao Presidente Fernão de Ornelas em uma rua muito movimentada hoje em dia.

Outro local já mencionado foi o **Largo do Phelps** que situa-se entre a Rua Bettencourt, a Rua Fernão Ornelas e a Rua do Carmo. Neste largo está uma banca de floristas e uma praça de táxis. O nome de Phelps deve-se a um comerciante inglês José Phelps que esteve na Madeira nos fins do século XVIII.

⁹ARM, CMF, *Vereações*, “Acta de Reunião de Câmara Municipal de 19 de Abril de 1945”, Liv. 38, fl.102

¹⁰Idem, *Ibidem*, “Acta da reunião da Câmara Municipal de 7 de Novembro de 1946”, Liv. 41, fl.10

“José Phelps foi um negociante inglês que veio para a Madeira nos fins do século XVIII. Fundou à sua custa uma escola em que se adotou o sistema de Lancaster e concorreu bastante para a fundação da «Associação Funchalense do Ensino Mútuo», da qual foi tesoureiro. Em 1778 havia no Funchal a casa comercial de Phelps & Ca.[...] A atual Rua do Phelps foi aberta em 1856 por conta do referido José Phelps que teve residência no grande prédio em frente da porta da sacristia da Igreja do Carmo [...] depois de ter vivido muitos anos no Funchal, retirou para Inglaterra nos princípios do terceiro quartel do século XIX e lá veio a falecer em 1863.” (Clode, 1950:257)

Antigamente na zona deste largo, segundo Rui Santos, ficava a Rua do Caldeireiro que ligava a antiga Rua do Monteiro perto da Ponte do Bettencourt. Antes também existia uma Rua do Phelps ou “Felps” como encontramos em alguns documentos, contudo foi destruída para a construção da Rua Fernão de Ornelas. Em 1947 “Resolveu a Câmara Municipal, que no largo resultante das demolições efectuadas na frente sul da Rua de Phelps e das quais resultou ficar aquela rua incluída no dicto largo denominar-se-á “Largo do Phelps”¹¹.

Assim como o topónimo anterior (Phelps) existe um conjunto de antropónimos que são de origem estrangeira que testemunham aqueles que decidiram residir na Ilha da Madeira, alguns deles desenvolvendo o comércio.

Perto do Largo dos Varadouros existe a **Rua do Esmeraldo**, esta fica paralela a Rua do Sabão e juntamente com esta foi das primeiras ruas projetadas no século XV. O seu nome provém de João Esmeraldo que segundo o *Elucidário Madeirense*, teve nesta mesma rua “grandes casas de moradia” levantadas em 1495.

“João Esmeraldo, o velho, fidalgo flamengo de nação e de família oriunda da França, província do Artois passou à Madeira, por 1380, e fez assento na cidade do Funchal onde mandou construir nobres casas na Rua que dele tomou o nome de Esmeraldo. Mostrou por justificações que fez que sua linhagem era conhecida por nobre em Flandres, Brabante e Picardia [...] S.M. EL-Rei D.Manuel fê-lo fidalgo de sua casa, em 13 de Agosto de 1511 [...]” (Clode, 1950:115)

Além de várias terras de sesmaria, teve a Quinta da Lombada da Ponta de Sol e capelas de Santo Amaro e Santo Espírito Santo. A casa de João Esmeraldo foi demolida em 1877.

Ao subir a Rua Dr. Fernão Ornelas e virando à esquerda encontramos a **Rua Bettencourt**, parte é uma ponte que faz de ligação à Rua do Aljube. Esta rua tem o apelido de uma família francesa como refere Luiz de Peter Clode:

¹¹ARM, CMF, *Vereações*, “Acta da reunião de a 2 de outubro de 1947”, 1905 Liv 42, fl.177.

“João de Bettencourt, filho de João de Bettencourt (senhor das terras de Bettencourt, Normandia) e de Maria de Braquemont, nasceu em Caux, França, por 1360. Foi escudeiro e camareiro de Carlos VI. Conquistou as Canárias de que foi nomeado governador por seu sobrinho Maciot de Bettencourt, filho de Reinaldo de Bettencourt e de Filipa de Froyes [...]” (Clode, 1950:48)

Todavia, nos primeiros tempos de colonização esta rua apelidou-se de Acciaioly, apelido de uma família italiana que desenvolveu negócio na Ilha da Madeira.

“Esta família espalhou-se por vários estados da Europa e diz-se originária dos antigos Duques de Borgonha. A forma correcta do apelido usado em Itália é Accisyuoli mas, em Portugal continental e na Madeira encontramos-lo escrito de diversas maneiras como sejam: Acciaioly, Acciaiuoli, Achioli e Accioli. Os da Madeira procedem de Simão Acciaiuoli, filho de Zanóbio Acciaiuoli, aristocrata de Florença [...]” (Clode, 1950:13)

Chamou-se desta forma porque próximo dela nas margens da ribeira existiu os engenhos da família Acciaioly.

Outra rua antiga é a **Rua de João Tavira**, situa-se entre a Rua Câmara Pestana e a Rua do Aljube. Gaspar Frutuoso escreve que “ Da porta principal da See sahe huma rua, não muito grande, que se chama de João, ou de Manoel Tavila, por elle morrer nella” (Frutuoso, 2007: 88). João Tavira, “notário, vivia já no Funchal nos fins do século xv e com ele começa esta progénie madeirense” (Clode, 1950:306). Já a **Rua João de Deus** liga a Rua da Ribeira de João Gomes a Rua do Bom Jesus. João de Deus era um mercador do século XV de acordo com o que encontramos nas Vereações do século XV (Costa, 1995) o seu nome repetido.

A **Rua de João Gago** homenageia um pescador que cedeu o seu nome á rua que se encontra atrás da Sé no século XVI (Aragão, 1979: 120). Nos anos quarenta do século XX pela altura do Plano de Urbanização já citado anteriormente, também a Rua de João Gago foi afetada. Pretendeu-se uma demolição de um prédio para que assim como a Rua Dr. Fernão Ornelas se facilitasse a circulação de peões e veículos.

“Recebeu a Câmara Municipal autorizar o senhor Presidente da mesma Câmara a constituir advogado para requerer em juízo a imediata demolição do prédio à rua de João Gago número sete e nove da polícia, freguesia da sé, com frente também para a rua do Aljube, número dez e doze desta cidade, pertencente me propriedade amplas somente João Luiz Henriques Gomes da Silva, para execução do Plano de Urbanismo da Cidade do Funchal assumindo a mesma Câmara a responsabilidade do Pagamento [...]”¹²

De início, após a demolição, havia comunicação das viaturas entre a Rua do Aljube e a Rua de João Gago. Contudo, em 1980, deixou de ter comunicação viária com

¹²ARM, CMF, *Vereações*, “Acta de Reunião da Câmara Municipal de 23 de Março de 1945”, Liv. 38, fl. 140.

uma parte da Rua do Aljube para unificação do passeio, entre o Banco da Madeira e a placa de venda de flores no atual Largo de Gil Eanes.

O **Largo de Gil Eanes** situa-se atrás da Sé, local onde é vendido flores e o seu nome foi atribuído em honra do pedreiro mestre que construiu a Sé. “Graças à investigação desenvolvida, no Arquivo Regional da Madeira, por António Aragão e o seu colaborador Jorge Valdemar Guerra, sabemos que Pêro Anes foi o mestre da Sé e Gil Eanes o seu pedreiro mestre.” (Veríssimo, 2003: 21).

Este largo foi construído em 1909, resultante das demolições de alguns edifícios como observamos na Rua anterior.

“Denominação de novas ruas e parques: - Resolveu a Câmara dar o nome do Mestre da Sé, Gil Eanes, ao novo largo que resultou das demolições de prédios, realizados na Travessa dos Capelães e parte das ruas do Aljube e João Gago, ficando pertencendo ao novo largo os prédios que passaram a delimitá-lo.”¹³

Desenvolveu-se comércio em redor desse largo, tinha um banco e uma florista e hoje também um café que usufrui de uma esplanada nesse mesmo largo.

A **Rua dos Aranhas** faz ligação com a Rua da Carreira e deve o seu nome a Brás Dias de Aranha que viveu no Funchal no século XVII, antes era chamada de Rua Dr. Chaves. (Silva & Meneses, 1998: vol. I – 74). Sobre o apelido desta família o Engenheiro Luiz Peter Clode refere o seguinte:

“Os deste apelido procedem de Afonso Aranha que devia ter casado por 1530 [...] Esta família está relacionada com os Macieis, homens de El-Rei, Amis e Mesquitas. Os Aranhas fizeram assento no Funchal onde ainda existe a rua deste nome.” (Clode, 1950:13)

Esta é uma rua pouco movimentada em relação a outras na mesma zona.

Voltando a categoria aqui estudada, existem apenas duas mulheres que estão representadas nas ruas da Freguesia da Sé: A Rua Imperatriz Dona Amélia e a Rua Princesa D. Maria Amélia. A Rua Madre Mary Jane Wilson, como veremos adiante pertence ao grupo da religião.

Perto da Rua da Penha de França, encontramos nessa zona a **Rua Imperatriz Dona Amélia**¹⁴ que de início começava em frente do cemitério das Angústias onde é hoje a continuação da avenida do Infante. Por isto essa avenida também já se apelidou de Caminho das Angústias como nos refere Rui Santos. Atualmente esta rua situa-se

¹³Idem, Ibidem, “Acta da Reunião da Câmara Municipal de 17 de Novembro de 1949”, Liv. 1909, fl. 125.

¹⁴Com este mesmo topónimo temos também o **Beco Imperatriz Dona Amélia**, situado nas proximidades da **Rua Imperatriz Dona Amélia**.

entre a Rua Carvalho Araújo e a Rua Princesa D. Maria Amélia, nome da sua filha. A **Rua Princesa D. Maria Amélia** “A câmara deu em 1852 este nome à rua que liga a Rua da Imperatriz Dona Amélia às proximidades da pontinha, quando a princesa visitou a Madeira nesse ano” (Silva & Meneses, 1998: vol. III, 144). Local onde permanece até hoje.

A Ilha da Madeira durante o século XIX foi associada a curas medicinais e de repouso principalmente para os que sofriam de tísica pulmonar. Foi o que aconteceu à princesa D. Maria Amélia que juntamente com sua mãe se deslocou a esta Ilha.

A 30 de agosto de 1852 a Imperatriz e a Princesa desembarcam no Funchal. A princesa doente de tísica pulmonar vinha tomar os ares da Ilha para se restabelecer. Ambas acomodaram-se onde é hoje a Quinta Vigia, anteriormente chamada de Quinta das Angústias. Além da memorável instituição, Hospício da Princesa Dona Maria Amélia, permaneceu também testemunhos toponímicos. Mãe e filha ligam-se pelas anteriores ruas desenvolvidas.

Caminhando no sentido Oeste, na zona do Jardim Municipal, encontramos várias ruas com antropónimos que estão relacionados. Primeiro dois topónimos que relatam a expedição levada a cabo por três exploradores em 1877 em parte do continente africano. São essas ruas a rua Serpa Pinto e a Rua Ivens.

A **Rua Serpa Pinto** homenageia o explorador do Continente Negro, “Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto (1846 – 1900). Nasceu na freguesia de Tindais, concelho de Cinfães, em 1846 em 1877 nomeiam-no para fazer parte conjuntamente com Capelo e Ivens, da expedição portuguesa ao centro de África.” (Serrão, 2002: vol. V - 84)

A **Rua Ivens**, na parte de trás do Jardim municipal, tem o sobrenome de Roberto Ivens (1850 – 1898) um parceiro do anterior explorador.

“Nasceu em 12 de junho de 1850, na Ilha de S.Miguel, Açores, tendo assentado praça na Almada em 1867 e completado o curso da Escola Naval em 1870. Seguiu para a Índia, de lá regressando guarda-marinha, para voltar a seguir para Angola[...] Ao regressar para a Luanda, em 1877, recebe a notícia da sua nomeação para acompanhar Hermenegildo Capelo e Serpa Pinto na viagem de travessia do continente africano[...]” (Serrão, 2002: vol. III -348)

Antigamente perto destas ruas parte da atual Avenida Arriaga denominava-se Rua Hermenegildo Capelo o terceiro acompanhante dos anteriores exploradores.

Perto das anteriores ruas fica a **Rua do Conselheiro José Silvestre Ribeiro**, situa-se ao lado do Jardim Municipal e desenrola-se até à Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses. Mas, até 1897 apenas ia até a Rua Hermenegildo Capelo, na

atual Avenida Arriaga. Em 1898 é feito o seu aumento com a divisão ao meio da antiga Bateria da Fontes. Passando a haver ligação desta rua à Rua das Fontes. Estas projeções são visíveis no estudo feito por Aníbal Augusto Trigo pela Direção de Obras Públicas Municipais da Cidade do Funchal a 18 de dezembro de 1897.¹⁵

Foi atribuído este nome em homenagem aos serviços do conselheiro. “Foi aberta na época em que este benemérito governador esteve à frente da administração deste distrito (1846-1852)” (Silva & Meneses, 1998: vol. I – 299).

Entre a Rua Ivens e a Rua da Carreira fica a **Rua Major Reis Gomes**, dedicada a João dos Reis Gomes (1869 – 1892) que nasce no Funchal e faz serviço militar no continente, no seu percurso participa em vários jornais e escreve vários artigos e textos sobre música e teatro. (Silva & Meneses, 1998: vol. III - 189). Já se apelidou também de Rua 5 de Junho, “Foi resolvido passe a repartição técnica informar o custo provável das expropriações para efeito do prolongamento da Rua 5 de Junho com a Rua do Conselheiro José Silvestre Ribeiro.”¹⁶ Existe também em Lisboa uma rua com o seu nome. Por meados deste ano parte do seu espólio foi entregue ao Museu Quinta das Cruzes.

A **Travessa dos Reis** fica entre a Rua da Conceição e a Rua 31 de janeiro. É este um apelido de família que pode ou não estar relacionado com o antropónimo anterior.

Já a **Rua Dr. Brito Câmara** situa-se de um lado da ribeira de São João, onde está hoje o edifício *Dolce Vita*, sendo do outro lado da Ribeira de São João a Avenida Calouste Gulbenkian. O seu nome honra João Brito Câmara (1909 – 1969), um escritor, advogado e político que vem viver para a Ilha da Madeira com quatro anos. Na verdade, pouco tem sido publicado sobre o mesmo. Encontramos, contudo, alguns dados biográficos numa notícia do *Jornal da Madeira* ao noticiar a entrega do seu espólio em 2007.

“João Brito Câmara nasce em Lisboa, a 13 de Maio de 1909. Aos quatro anos vem para o Funchal, terra dos seus pais. Em 1927, inicia-se como jornalista, no quinzenário académico Alma Nova, editado pelo Liceu Nacional do Funchal. No mesmo ano, vem a público o seu primeiro livro, intitulado Manhã (1927) com prefácio de João Cabral do Nascimento, então seu professor.”

Brito Câmara vai para Coimbra para frequentar o curso de Direito, no mesmo ano que é publicada a revista 'Presença', na qual colabora. Numa entrevista feita a Edmundo de Bettencourt, com o título 'O Modernismo em Portugal', publicada no

¹⁵Ver Anexo nº 7, ARM, CMF, *Documentação oriunda da Secção de Registo de Bens Imóveis / Divisão de Aquisição e Alienação de Bens Imóveis / Departamento Jurídico*, “Planta do Projecto de prolongamento das ruas da Ribeira de São João e Conselheiro Silvestre até a Pontinha”, 1897, Cx: 2443

¹⁶ARM, CMF, *Vereações*, “Acta da Sessão da Comissão administrativa de 3 de Março 1931”, Liv. 15, Fl.8

Eco do Funchal, em 1944, refere-se aos importantes momentos vividos por ambos durante aquele movimento literário. [...] Regressa ao Funchal em 1932, onde se instala como advogado. [...] Como delegado da Sociedade Portuguesa de Autores na ilha da Madeira, entre 1956 e 1958, João Brito Câmara promove publicações, encontros e exposições entre outras actividades culturais. [...] Distingue-se como Delegado da Comissão Distrital das campanhas eleitorais de 1948 e 1949 de Norton de Matos e de 1958 de Humberto Delgado. Esta última campanha vale-lhe quatro processos instaurados pela P.I.D.E/D.G.S. sendo três processos-crime.[...]" (Silva, 2007 :15)

João Brito Câmara marcou a primeira metade do século XX pelo seu prestígio na escrita, cultura e principalmente na política.

A **Avenida Calouste Gulbenkian** é paralela à Rua Dr. Brito Câmara, lado oposto à ribeira de São João. Já se chamou Avenida da Ribeira de São João. Calouste Gulbenkian, arménio, destacou-se em Portugal pelo seu fomento às novas artes. “Calouste Gulbenkian descende de uma família arménia ilustre, cujas origens remontam ao século IV, segundo as investigações realizadas em Istambul pelo historiador Kevork Pamboukian. (V.a, 1999:5). Calouste Sarkis Gulbenkian nasceu em Scutari – Calcedónia – (Istambul), a 23 de março de 1869, a sua família era oriunda de comerciantes arménios abastados, originários de Cesareia. (Fundação Calouste Gulbenkian, 1999:6)

Após ter tirado o diploma de Engenheiro destacou-se “Obviamente, a par do papel determinante que desempenhou nas mais altas esferas dos meios do petróleo e das finanças, C. Gulbenkian foi naturalmente levado a assumir importantes responsabilidades em matéria de política (Fundação Calouste Gulbenkian, 1999:10).

Em uma passagem por Portugal com destino a Nova Iorque fica doente e acaba por ficar mais tempo em Portugal. Morreu em Lisboa a 20 de julho de 1955. Além do gosto pela arte “No plano da educação, figura no seu balanço a difusão do livro e da leitura até nas zonas mais afastadas do país, regiões que durante muitos anos passaram a ser percorridas pelas famosas carrinhas-bibliotecas (bibliotecas itinerantes) [...](Fundação Calouste Gulbenkian, 1999:58). Portugal acabou por ficar muito beneficiado pela passagem e longa permanência deste Arménio por Portugal.

Em termos regionais a chegada das bibliotecas móveis Gulbenkian à ilha da Madeira, carinhas que faziam serviços de empréstimos de livro. Revolucionou a leitura na época de pleno Estado Novo na Ilha da Madeira. Num país em que na altura ainda tinha uma grande taxa de analfabetismo, este evento incentivou à leitura e dava a oportunidade de mesmo aqueles com menos possibilidades económicas terem acesso a inúmeros livros e poderem requisitá-los nessas carinhas.

Hoje em dia temos a Biblioteca Calouste Gulbenkian situada no Edifício do Teatro Municipal Baltazar Dias, dizem que reuniu os livros das bibliotecas móveis.

A **Rua Brigadeiro Couceiro**, governador civil da Madeira entre 1856 e 1857 está em uma das artérias que saem da Rua Dr. Brito Câmara e vai até a Rua Major Reis Gomes. Chamava-se antigamente Travessa do Alecrim, junto ao primeiro cemitério Britânico.

“António Rogério Gromicho Couceiro a 1 de Junho de 1856 tomou posse do cargo de governador civil deste distrito. Um mês depois, aparecem os primeiros casos da terrível epidemia colérica, que em quatro meses vitimou cerca de dez mil madeirenses. Gromicho Couceiro foi uma verdadeira Providência para a Madeira nos transe mais angustiosos por que esta ilha tem passado [...] Couceiro nasceu em Elvas a 13 de Março de 1807, e morreu em Lisboa, no posto de marechal de campo, a 22 de Junho de 1862. Era formado em matemática pela Universidade de Coimbra e foi lente da Academia Politécnica do Porto e ministro da guerra em 1859. [...] Também exerceu o cargo de comandante militar da Madeira, que acumulou com o lugar de governador civil, tendo deixado esta ilha a 3 de Setembro de 1857, e representou este arquipélago no parlamento, na legislatura de 1858 a 1859.” (Silva & Meneses, 1998: vol. I - 328)

Ficou representado não só na toponímia da Ilha da Madeira como também na do Porto Santo, existindo também na Vila do Porto Santo uma rua com o mesmo nome.

Ao ir do Largo de António Nobre para a zona portuária do Funchal existe a **Rua Carvalho Araújo**. Este comandante morreu após um ataque de um submarino, no seu barco “Caça minas Augusto Castilho”, no início do século XX.

Em 1931 é encurtado este antropónimo por sugestão do na altura presidente da Câmara Municipal do Funchal Juvenal António Silva Carvalho.

“Para melhor comodidade do público, foi resolvido simplificar os nomes das ruas «Capitão- Tenente de Carvalho Araujo» e «Capitão João Francisco de Sousa» passando a designar, respectivamente, por ruas «Carvalho Araújo» e «Capitão Sousa»¹⁷.

Este presidente mostrou-se preocupado com a memória do público. Um topónimo extenso como era antes de 1931 poderia muitas vezes induzir em erro no uso quotidiano pela população e também em dúvida por haver duas ruas começadas pela palavra “capitão”. Também já teve este topónimo a atual Rua do Aljube.

Na zona da rua anterior existe a **Rua do Favilla**, provem de João da Silva Bettencourt Favilla vereador do Funchal que nessa mesma rua tinha casa. Situa-se entre a Avenida do Infante e a Rua Imperatriz Dona Amélia.”Os deste apelido procedem de Fernão e João Favila que vieram de Ceuta e passaram à Madeira nos fins do século XV

¹⁷ARM, CMF, *Vereações*, “Acta da Sessão da Comissão administrativa de 17 de Março 1931”, Liv. 15, Fl. 25.

[...]” (Clode, 1950:121). No mapa elaborado pelos Irmãos Trigo ainda é visível a zona da Quinta Favilla.

Ainda nesta Zona encontramos a **Rua Tenente Coronel Sarmiento**, nasceu no Funchal em 1878 e contribuiu para a história da ilha em muitos escritos de âmbito histórico, político, militar e no âmbito da biologia (Silva & Meneses, 1998: vol. III - 289). Fica entre a Avenida Luís de Camões e a Rua do Jasmineiro.

Em 1957 foi deliberado dar a designação de “ Rua Tenente Coronel Sarmiento á nova rua que liga a Rua do Jasmineiro com o Beco de Paulo Dias e ordenar à Repartição de Obras que mande proceder à pintura dos respetivos letreiros e à numeração das portas.”¹⁸

O já referido **Largo de António Nobre** fica em frente do Conservatório de Música do Funchal perto do Ribeiro Seco. António Nobre foi um poeta que veio para Ilha da Madeira numa tentativa de curar-se de uma doença pulmonar e permaneceu na ilha um ano e dois meses (Silva & Meneses, 1998: vol. II, p. 437). Em 1927 é decidido prestar homenagem a este escritor.

“O Snr. Farinha; apresentou a proposta de teor que segue: Sendo de Inteira justiça assinalar a passagem pela nossa terra de mil qualidades em destaque nas letras próprias, e que assim escreveram essa parte da sua obra: Atendendo a que o poeta António Nobre que viveu durante algum tempo e assim escreveu, e a que os sítios por ele preferidos foram as propriedades do Ribeiro Seco: Proponho que o Largo existente no terminus da Rua da Imperatriz D. Amélia e contrapús à Ponte do Ribeiro Seco se dê o nome de «Largo de António Nobre». Posta a aprovação esta proposta foi aprovada por unanimidade.”¹⁹

Neste exemplo temos uma proposta por um cidadão, um munícipe para uma denominação de uma via pública que foi aceite.

Este Largo de acordo com Rui Santos também já foi denominado de Praça ou Redondo do conselheiro e Largo do Ribeiro Seco. Ao lado do Largo de António Nobre está um jardim com vista para o Ribeiro Seco. Nesse jardim existe um busto do poeta inaugurado em 1941.

O **Largo do Visconde do Ribeiro Real** fica na Rua da Carreira e o seu nome deve-se ao primeiro visconde e Conde do Ribeiro Real, João Bettencourt Araújo Carvalho Esmeraldo (1841 -1902) que também foi presidente da Câmara do Funchal “Exerceu várias comissões de serviço público e entre elas as de presidente da Câmara

¹⁸ARM, CMF, *Vereações*, “Acta da reunião de câmara Municipal de 29 de Agosto de 1957”, Liv. 57, fl 220.

¹⁹Idem, *Ibidem*, “Acta da Sessão de Comissão administrativa de 24 de Outubro de 1927”, Liv. 10, fl.85.

Municipal desta cidade e a de Governador Civil em 1879, tendo tomado posse deste cargo a 15 de Março do mesmo ano. Foi agraciado com o título de visconde por decreto de 23 de Março de 1882.” (Silva & Meneses, 1998: vol. III - 211)

A **Rampa de D. Manuel** é uma artéria que liga a rua 31 de janeiro à Rua Direita. Antes existia uma ponte também apelidada de Ponte de D. Manuel que fazia a ligação da Rua 5 de outubro à Rua Direita.

Chama-se assim em honra a D. Manuel de Castro, antigo capitão-general da Ilha da Madeira. Já se apelidou também de Dom Manuel de Castro.

O topónimo **Travessa do Nascimento**, segundo Rui Santos, chama-se assim por ter sido dedicado a um farmacêutico que trabalhava numa farmácia neste beco. Na verdade, no *Roteiro e Guia do Funchal* elaborado em 1910 na descrição das “Pharmacias e Drogarias” existentes no Funchal encontramos a “Pharmacia Nascimento – R. dos Ferreiros, 60” (Trigo&Trigo, 1910: 47). Este trecho também já se apelidou de Beco do Nascimento e Beco do Chula. Esta travessa situa-se na Rua dos Ferreiros, antes da Travessa do Forno.

Existem um conjunto de antropónimos com o último sobrenome, apelido pelo qual eram no quotidiano a maioria destas pessoas vulgarmente conhecidas.

A **Travessa Aguiar** situa-se na Ponte de São João e comunica com a Rua da Carreira. Honra Manuel Caetano Pimenta de Aguiar (1765 - 1832) segundo o que nos é relatado pelo *Elucidário Madeirense*. Menciona o seguinte em relação a esta pessoa.

“É um nome pouco menos do que desconhecido entre nós. Há alguns anos que a Câmara Municipal do Funchal, querendo salvar de inteiro esquecimento a memória deste distinto madeirense, deu o seu nome à travessa que liga as ruas da Carreira e Cruzes, mas nem por isso a grande maioria dos funchalenses ficou conhecendo melhor as qualidades ou méritos que porventura o tornaram ilustre.” (Silva & Menezes, vol. I - 26)

Neste caso o Antropónimo justifica-se pela proximidade da respetiva moradia e inclusive por homenagem ao escritor. Isto porque grande parte da sua vida foi vivida fora da Ilha da Madeira.

“Pimenta de Aguiar viveu na casa da antiga rua da Carreira, onde hoje reside a respeitável família Vieira, e que fica um pouco abaixo da Travessa que tem o nome do distinto poeta e dramaturgo. Nessa casa, segundo informações que temos por fidedignas, escreveu ele algumas das suas tragédias. “ (Silva & Menezes, vol. I - 26)

Pelo que observamos na Planta dos Irmãos Trigo esta Travessa já se apelidou de Rua Pimenta de Aguiar.

A **Travessa Freitas** comunica com a Rua da Carreira com a Rua Nova de S. Pedro. Segundo Rui Santos esta rua chamou-se também de Rua do Cachimbo e Rua Nova de São Pedro. Assim como outros antropónimos deriva de um sobrenome do qual não conseguimos aferir a quem pertencia.

O mesmo acontece com o **Beco do Coelho**, não sabemos ao certo a pessoa ao qual refere-se, mas tendo em conta a sua localização em uma área urbana pensamos que não diz respeito ao animal mas sim que fosse um sobrenome que ainda é comum na Ilha da Madeira.

“Segundo o genealogista António de Bettencourt Perestrelo o apelido Coelho procede de Sebastião Coelho de cujos pais se ignora o nome. Passou À Madeira nos primeiros tempos do seu povoamento e viveu na Ilha do Porto Santo onde teve muita fazenda e nela casou com D. Ana Teixeira de Castro [...]” (Clode, 1950:90)

Este beco fica perto da Avenida Calouste Gulbenkian.

O **Beco do Pimenta** fica na Rua da Alfândega, um pouco antes da Rampa do Cidrão. Mais uma vez será de um antigo morador advindo do pronome “do” em vez “da”.

O **Beco Joaquim Sanches** homenageia um capitão de artilharia do Funchal dos finais do século XIX.

“Atendendo ao que me representou Joaquim Vicente Sanches, Primeiro Tenente do Regimento de artilharia numero dous, e à boa informação que se houve do seu bom serviço e préstimo: Hei por bem promovello ao Posto de Capitão effectivo da primeira Companhia do Batalhão de Artilheria da Guarnição da Cidade do Funchal.”²⁰

Nesta citação este comandante é promovido para capitão agregado do Batalhão da Artilharia pelo Governador Manuel de Portugal e Castro.

O **Beco Ataíde**, um pouco acima da Capela da Penha de França. “Procedem os deste apelido de Mem Moniz, filho de Egas Moniz. O primitivo solar desta família era na freguesia de São Pedro de Ataíde na diocese do Porto.” (Clode, 1950:37). Na verdade este beco é em homenagem ao Dr. Joaquim de Menezes e Ataíde (1765-1828) que nasceu no Porto. O *Elucidário Madeirense* menciona o seguinte sobre este Arcebispo.

“Professou na ordem de Santo Agostinho em 1781, revelando-se nos seus estudos um privilegiado talento, com notável aptidão para as letras. Foi nomeado

²⁰ARM, Nesos, AHU; caixa nº 25, doc. 8290. Ofício do Governador, D. Manuel de Portugal e Castro, informando favoravelmente acerca do requerimento de Joaquim Vicente Sanches, 1º Tenente de Artilharia 2, pedindo para ser promovido ao posto de Capitão agregado do Batalhão de Artilharia, por se haver reformado o Capitão Eleutério José Martins Pestana., Funchal, 17 de Março de 1825.

sucessivamente cronista do Infantado, reitor do colégio de Santo Agostinho de Lisboa, arcebispo titular de Meliapor e vigário capitular e governador da diocese do Funchal. A sua nomeação para vigário capitular e governador do bispado do Funchal em Julho de 1811, deu lugar a um conflito entre o cabido da nossa Sé e o Governo Central, e a maneira como dirigiu os negócios desta diocese foi diversamente apreciada, para o que não pouco concorreu o facto de se ter envolvido activamente em questões políticas, sustentando luta porfiosa com o então governador e capitão general da Madeira, Sebastião Xavier Botelho. Em 1821 teve de abandonar precipitadamente esta diocese, onde não mais voltou, sendo nomeado nesse mesmo ano bispo de Elvas. Em 1826 foi nomeado Par do Reino. Receoso das perseguições do governo de D. Miguel, saiu de Portugal em viagem para o estrangeiro em 1828, vindo a morrer da peste em Gibraltar, a 5 de Novembro desse mesmo ano [...]” (Silva & Meneses, 1998 : vol. I - 101)

Por fim a **Rampa do Cidrão**, antigamente também chamada Ponte de João Cidrão e Calçada do Cidrão, liga a Rua da Alfândega ao Largo do Pelourinho. Foi também conhecida por Travessa do Cidrão, Rua João Sabino e Ponte da Praça quando a Ribeira de Santa Luzia apelidava-se de Ribeira da Praça e também Rampa de João Sabino. Rui Santos na sua recolha acrescenta ainda que esta via deixou de ter circulação automóvel em 1989.

Ao referir-se à atual Rua da Alfandega na altura denominada de Rua de Santa Catarina encontramos a seguinte citação “Item na dicta vereação pareceo Afonso Lopez tabaliam e trouxe hũu mjalheiro em que se recolherom as penas postas pera a ponte de a rua de Santa Catarina” aqui José Perreira da Costa refere o nome de “Joam Cjdram” riscado (Costa, 1995: 260). Isto indica-nos que foi reunido uma quantia de dinheiro sobre pena para a construção da atual ponte. Aqui denominada de Ponte de Santa Catarina.

Dois antropónimos que homenageiam dois médicos que distinguiram-se na Ilha da Madeira são a Rua Conde Canavial e a Rua Câmara Pestana.

A **Rua Conde Canavial** honra João da Câmara Leme Homem de Vasconcelos que foi o primeiro Conde de Canavial, “era filho do morgado António Francisco da Câmara Leme Homem de Vasconcelos e de D. Carolina Moniz de Ornelas Barreto Cabral, ambos pertencentes a antigas e nobres famílias desta ilha” (Silva & Meneses, 1998: vol. I - 231). Este conde desenvolveu a indústria alcoólica na Ilha. Foi um médico muito prestigiado pelas suas investigações e publicações na área da medicina.

Esta rua é a antiga Travessa das Papoilas e liga a Avenida Calouste Gulbenkian à Rua da Carreira.

Já a **Rua Câmara Pestana** fica entre a Rua do Marques do Funchal e a Rua da Carreira. Também já teve o nome de Rua da Igrejinha. Tem este topónimo por Luís da Câmara Pestana médico madeirense (1863-1899). Nasceu perto desta rua no fim da Rua das Pretas. Destacou-se em Bacteriologia. Morreu vítima de peste.

Em 1913 “uma lápide inaugurada em 1913, por iniciativa dos médicos madeirenses, rende homenagem à memória de Câmara Pestana e assinala a sua relação com o edifício, entretanto classificado como Imóvel de Interesse Municipal.” (V.a, 2008:13).

No livro editado para os 500 anos do Funchal, *Luís da Câmara Pestana Uma vida curta, uma obra enorme*, verifica-se que o seu nome foi representado em várias áreas e uma delas é a toponímia. Em um subcapítulo “toponímia” verificamos essa perpetuação. Por todo o país e em diversas épocas o nome de Câmara Pestana tem sido atribuído a Ruas, a instituições ligadas à saúde e até mesmo a uma unidade de marinha mercante.” (V.a, 2008:98).

O livro menciona vários concelhos por todo o Portugal onde está representado o seu nome. Contudo, o conjunto de sobrenome “Câmara Pestana” não era apenas deste ilustre doutor o que leva-nos a questionar se realmente todas as ruas com este conjunto de sobrenome são em homenagem a Luís da Câmara Pestana, Higienista que nasceu no Funchal.

Além das Ruas citadas, existe também a Casa de Saúde Dr. Câmara Pestana em São Gonçalo no Funchal, o Laboratório de Saúde Pública Dr. Câmara Pestana na Rua do Seminário, o Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, em Lisboa, A Biblioteca da Ordem dos médicos apelidada de Biblioteca da Câmara Pestana e por fim um navio da Companhia Transinsular para o transporte de cimento chamado de Câmara Pestana.

A Rua do Marquês do Funchal fica entre a Rua do Bom Jesus e a Rua Câmara Pestana. Este foi um título criado no século XIX .

“Foi o único Conde e 1º Marquês do Funchal D. Domingos António de Sousa Coutinho, que nasceu em Chaves em 1760 e morreu em Inglaterra, solteiro, em 1833, filho de D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, do conselho de S.M.F, sargento-mor dos dragões de Chaves, Coronel de Cavalaria na praça de Almeida, governador e capitão general os Reinos de Angola e de benguela [...]” (V.a, 1960/1989, vol.III - 629)

Foi autor de vários opúsculos sobre política e este honroso título “foi-lhe concedido a 17-xii-1808 (D. João Príncipe Regente) e foi elevado a Marquês, pouco antes da Sua morte, em Junho de 1833 (D. Pedro, Regente na menoridade de D. Maria II) ” (V.a, 1960/ 1989, vol.III - 629).

O terceiro Marquês do Funchal foi o Marquês D. Agostinho de Sousa Coutinho (1866 1923), 9º filho dos 3.ºs Condes de Linhares e sobrinho da anterior Marquesa D. Gabriela de Sousa Coutinho.

Por fim, um antropónimo registado em um recurso hidrográfico é a **Ribeira de João Gomes**, é uma das delimitações da Freguesia da Sé, juntamente com o Ribeiro Seco. Esta Ribeira tem início na serra do Poiso. Foi também conhecida pelo nome de Ribeira de Nossa Senhora do Calhau.

Ao pesquisar pelo seu antropónimo encontramos o seguinte registo no *Elucidário Madeirense* sobre o mesmo:

“Não está averiguado se veio para este arquipélago como um dos seus antigos povoadores ou se teria nascido nesta ilha. Em diversos logares é citado com o nome de João Gomes da Ilha e também com o de João Gomes o Trovador, pois que cultivou com distinção a poesia, encontrando-se treze composições suas no Cancioneiro de Garcia de Resende. Casou no Funchal com D. Guiomar Ferreira, filha de Gonçalo Aires Ferreira, o conhecido companheiro de Gonçalves Zarco. Teve terras de sesmaria nas margens da ribeira que tomou e ainda hoje conserva o nome de João Gomes. Foi pagem do infante D. Henrique e faleceu no ano de 1495. Foi um dos primeiros que neste arquipélago usou o apelido do seu nome.” (Silva & Menezes, 1998: vol. II - 95)

Trata-se então de um topónimo testemunho de um dos primeiros povoadores que veio para a Ilha e assentou terras perto da atual ribeira.

Analisados os antropónimos, acabamos este tópico com uma citação que resume a importância cognitiva inerente à criação e a homenagem de pessoas no quotidiano. Esta citação é referida pelo Engenheiro Augusto Vieira da Silva em um dos seus artigos. Cita-a como pertencendo a um “sensato artigo jornalístico”. Apesar de não referir qual o jornal é muito elucidativa.

“Há na nossa história figuras de tal grandeza e feitos de tamanha projecção, que não há o direito de os esquecer, lembrando em troca outros para quem o olvido seria o melhor preito a prestar-lhes. Quanto aos primeiros, abandoná-los na obscuridade em que se encontram denota uma tal falta de sensibilidade patriótica e de orgulho nacional, que não é de admitir que assim continuem. Quanto aos segundos não os perturbemos no seu descanso bem merecido. Não exponhamos a sua insignificância ao desdém colectivo, para que a sua memória continue impoluta e a sua efémera passagem pela vida não afronte ninguém. Gravem-se nas esquinas os nomes dos heróis e dos mártires, e ainda o dos sítios onde o sangue português tenha corrido para bem servir a imortalidade da Pátria. Essa é a obra de justiça a prática.” (Silva, 1945:7)

Em suma, nesta categoria encontramos topónimos com nomes completos, primeiros nomes ou últimos nomes de várias pessoas que marcaram direta ou

indiretamente a História da Madeira e algumas especificamente da Cidade do Funchal. Entende-se como uma homenagem prestada a estas pessoas que prolongou no tempo.

3.3 Antropónimos ligados ao Período dos Descobrimientos

Sendo a Ilha da Madeira descoberta na altura da Expansão Ultramarina Portuguesa, consta também nas suas vias públicas alguns antropónimos que estão ligados à altura dos descobrimientos.

Existem duas avenidas que homenageiam duas pessoas ligadas aos descobrimientos:

Primeiro a **Avenida do Infante** que anteriormente se apelidou de Rua da Imperatriz D. Amélia e Rua das Angústias, honra o nome do Infante D. Henrique que está ligado ao descobrimento da Ilha da Madeira. Infante D. Henrique de Avis (1394 – 1460). O Infante D. Henrique “Quinto filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre [...] considerado como o homem que decisivamente contribuiu para o impulso que levou à expansão ultramarina portuguesa [...]” (Serrão, 2002: vol. III -197). Nomeadamente ao descobrimento da Ilha da Madeira e do Porto Santo.

Esta avenida faz ligação com a Avenida Arriaga e vai até à Ponte do Ribeiro Seco. Ligado também a este topónimo temos também a **Praça do Infante**, nó de ligação entre a Avenida do Infante e a Avenida Arriaga.

A segunda avenida é a **Avenida Zarco**, também apelidada de Avenida Gonçalves Zarco, foi dado este nome em honra do navegador João Gonçalves Zarco, escudeiro do Infante D. Henrique na descoberta da ilha da Madeira, também posteriormente Capitão Donatário do Funchal.

“João Gonçalves Zarco (? – 1467?). Segundo uns, neto materno de João Afonso, vedor da fazenda de D. João I, facto que pesaria na sua designação para ir, por mandado do Infante D. Henrique, em 1418 como capitão de uma armada de reconhecimento do arquipélago da Madeira, [...] passou com a família à Madeira.” (Serrão, 2002, vol. VI - 358).

Hoje nesta avenida está uma estátua em sua homenagem. Esta avenida previamente apelidada de Entrada da Cidade ia até ao cais e até a Rua da Saúde. Anteriormente não existia a parte que hoje fica ao lado dos correios. Foi necessário o destruir de alguns edifícios para essa ligação. Nomeadamente parte do Hospital da Santa Casa da Misericórdia como nos recorda Rui Santos de alguns detalhes que existiam nessa zona.

“No tempo em que existia o Hospital da Santa Casa da Misericórdia, sito na Avenida Arriaga, junto às antigas Orfãs, e onde esteve instalada a sede da Junta Geral do Funchal e hoje do Governo Regional, no seu lado Oeste existia um mal alinhavado arruamento e não muito limpo, que a nossa curiosidade nunca nos determinou que fossemos visitá-lo. Chamávamos-lhe «Beco da Sopa», porquanto víamos nele entrar e sair, um homem que se dizia empregado na sopa económica [...] Quando se procedeu à abertura, ou antes, ao prolongamento para norte da Avenida de João Gonçalves Zarco, e se «dobrou» para norte, o antigo edifício do hospital, os terrenos ficando disponíveis, foram ocupados além da estrutura viária, hoje existentes, pelos edifícios que neles foram construídos.” (Santos, 2001 b:14)

Existe também em Lisboa uma rua com este topónimo, no Bairro do Restelo, junto à Avenida Ilha da Madeira.

A **Avenida Luís de Camões** que em parte, pertence também à Freguesia de São Pedro, situa-se perto do Hospital Dr. Nélio Mendonça e vai até a Rua Favila. Este nome foi escolhido em homenagem ao poeta Luís de Camões que escreveu sobre a ilha na sua grande obra *Os Lusíadas*. Além de também ter escrito nessa obra a viagem do descobrimento da Índia por Vasco da Gama.

A **Praça Cristóvão Colombo** fica situada entre a Rua do Sabão e a Rua do Esmeraldo. É vulgarmente conhecida pela Praça Amarela. Temos em uma das extremidades desta praça o Museu *A cidade do Açúcar*, onde tudo indica ter sido antigamente a casa de João Esmeraldo antigo comerciante que à frente mencionaremos na Rua do Esmeraldo.

Cristóvão Colombo (1492-1506) descobridor. Foi na Madeira “que Colombo viveu muito tempo e aí entrou para numa família de marinheiros, casando com Filipa Moniz, filha de Bartolomeu Perestrelo, de origem piacentina” (Serrão, 2002, vol. II – 103). Diz-se que residiu nas casas de João Esmeraldo, na Rua do Esmeraldo.

O **Largo de D. Manuel I** fica em frente da Igreja da Sé e é em homenagem a um rei português, D. Manuel I (1469 – 1521) “Décimo quarto rei de Portugal, nono filho do Infante D. Fernandes e de D. Brites [...] (Serrão, 2002: vol. IV -156). Lembre-se que foi este o rei na altura do descobrimento do Brasil.

As descobertas ultramarinas e explorações geográficas desenvolveram-se no seu reinado. Uma delas foi a descoberta do Caminho Marítimo para a Índia. Perto deste Largo, entre a Rua Tavira e a Rua do Aljube ficou também um Largo apelidado de Largo do Príncipe de Oldemburgo deliberado segundo Rui Santos em 1884.

Interessante será mencionar que parte destas vias e locais públicos tiveram os seus topónimos já no século XX e XXI, introduzidos pelos planos urbanísticos da época, tendo em conta a história dos descobrimentos principalmente ligados a Ilha da Madeira.

3.4 Evolução político/social

Neste tópico são distinguidos quatro topónimos que estão inteiramente ligados ao desenvolvimento político e social específico da Ilha da Madeira, não se enquadrando nas outras categorias escolhidas.

A **Praça da Autonomia** fica situada um pouco acima do encontro entre as duas ribeiras, de Santa Luzia e João Gomes. Inaugurada a 21 de agosto de 1992, este topónimo celebra o processo de autonomia dado à Ilha da Madeira. Antigamente nesta zona tínhamos parte da Fabrica de S. Filipe, como nos testemunha a Planta de 1910 dos Irmãos Trigo, (Anexo 8) outra parte era calhau. Teve também nesta zona o Forte de São Filipe, demolido em 1906.

“Colocado entre as duas ribeiras de João Gomes e de Santa Luzia, as quais lhe servem de fosso. Está em boa posição, mas muito acanhado, porém com proporções de ser melhorado conforme o projecto da mesma planta. As muralhas das ribeiras servem para sobre elas se formarem ameias.” (Carita, 1982 b: 92)

Em 1974 existiu um grande incêndio nessa fábrica como encontramos referido nas vereações da Câmara que posteriormente levou ao seu desfecho.

“Incêndio na Fabrica de São Filipe (Socarma): O senhor Presidente referiu-se ao grande incêndio que no passado dia vinte e dois destruiu completamente a fábrica de São Filipe (Socarma), propondo que se exarasse na ata desta reunião um voto de louvor e agradecimento às corporações de Bombeiros desta cidade e outros concelhos que denodadamente colaboraram no ataque ao fogo até completo esgotamento.”²¹

Hoje em dia por baixo desta praça existe um parque de estacionamento e um bar. Na Praça é realizado pela altura do Natal venda de produtos tradicionais dessa época.

No lado oposto da cidade fica a **Praça do Turista** ao lado da Rua Favilla, existe uma praça de táxis junto a mesma. Em redor desta praça temos vários empreendimentos turísticos desde o Hotel Savoy e o Hotel Pestana Carlton Madeira Hotel. O turismo representou e representa para a Ilha da Madeira um ponto de desenvolvimento económico que está inteiramente relacionado com a história da ilha e da sua abertura para o mundo. O Funchal sendo a zona mais direcionada para esse fator, dispõe de

²¹ARM, CMF, *Vereações*, “Acta da reunião de 31 de outubro de 1974”, 1959, Liv 97, Fl. 187.

múltiplos atrativos. Entendemos este topónimo como uma homenagem aos muitos turistas que têm passado pela ilha e que têm escrito sobre a mesma.

A atual **Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses** concentra-se na faixa litoral da Baía do Funchal. Esta avenida liga a Avenida Sá Carneiro e vai até a Freguesia de Santa Maria Maior. Antes, em parte da sua área localizava-se a Praça da Rainha construída em 1839 e mais tarde, em 1910, a Praça do Marquês de Pombal. Esta avenida é dedicada “ às comunidades madeirenses espalhadas por diversas partes do mundo” (Santos, 1993:9).

Na sua criação, em 1945 apenas chamava-se Avenida do Mar. Projetada pelo arquiteto João Guilherme Faria da Costa. No seu trabalho *Estudos de Remodelação da zona Marginal da Cidade do Funchal* refere o seguinte sobre a Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses.

“Avenida do Mar: A continuação desta avenida até ao forte de S. Tiago é das obras mais importantes a realizar na cidade do Funchal sob ponto de vista urbanístico, e, quando dizemos urbanístico queremos dizer sob o ponto de vista de circulação, embelezamento, salubridade e tudo mais que transforma uma zona urbana incaracterística e suja, numa artéria moderna.”

“Nos terrenos livres da face norte da avenida projectam-se blocos de construções que não só se destinam a valorizar esta artéria, como virão resolver um dos problemas mais prementes da Cidade do Funchal – a instalação de Serviços públicos e a criação de centros comerciais cuja falta é notória.”

“A construção da Avenida do Mar pode desviar uma grande parte do movimento comercial e da circulação da Rua da Alfandega, desde que esta avenida apresente as condições mínimas necessárias a permitir a localização nela de estabelecimentos comerciais.”²²

Como é constatável esta avenida pretendia diminuir a circulação no interior da cidade e transpor uma parte comercial para a zona marginal do Funchal. Podemos afirmar hoje em dia que o objetivo de desimpedimento foi cumprido e que esta zona é hoje uma zona largamente comercial. Esta avenida liga-se a todos os pontos comerciais do Funchal e encontra-se fortemente expandida por locais onde antigamente apenas existia calhau ou até mesmo mar.

Contudo, comparando o número de veículos automóveis hoje existentes, na altura, todo o movimento ficou disperso ao contrário de hoje em dia. Ao analisar algumas

²²ARM, DOP, *Estudos de Remodelação da zona Marginal da Cidade do Funchal*, João Guilherme Faria da Costa, Cx. 818, Processo nº 37, 1945 : pp 6 – 11.

fotografias da época podemos verificar pouco veículos a circular nas novas avenidas, algo que hoje é pouco provável (Ver Anexo 16).

Por fim, um largo muito visitado pelos turistas, devido aos vários eventos que lá expõem ao longo do ano, é o **Largo da Restauração** que encontra-se junto do Palácio de São Lourenço na Avenida Arriaga. “O nome dado ao largo recorda a restauração da Carta Constitucional, no dia 5 de Junho de 1834.” (Silva & Meneses, 1998: vol. III - 199). Foi celebrado em 1834 a restauração da república neste largo.

Os topónimos aqui apresentados demonstram quatro momentos que caracterizam político, histórico e socialmente a evolução da Ilha. Temos a autonomia processo histórico. O turismo fonte de crescimento e a emigração características dos séculos XIX e XX.

3.5 Flora e fauna

A Ilha da Madeira contém uma flora e fauna particular que é sempre lembrada por todos os que passam pela Ilha. Na cidade do Funchal, com o crescente urbanismo, verifica-se que algumas plantas e árvores têm-se perdido e visualmente em locais onde antigamente existia mais verde constata-se que hoje assim já não acontece. Contudo, com o passar dos anos têm sido incluídas nos Jardins do Funchal muitas plantas endémicas.

Na análise dos topónimos são perceptíveis testemunhos da existência de algumas plantas e árvores nesta freguesia. Além destes encontramos topónimos que afirmam condições geográficas que permanecem.

Com esta característica existe a **Rua do Jasmineiro**, o nome desta rua justifica-se pela presença de uma Quinta apelidada de Jasmineiro. A palavra Jasmineiro também é o nome de uma planta. Contudo, antes esta rua denominava-se de Travessa das Angústias, por se situar perto do cemitério das Angústias onde é hoje o atual Parque de Santa Catarina. Já se apelidou também de Alexandre Herculano, escritor, político e historiador do século XIX (Santos, 1993: 1).

Uma rua que tinha vários plátanos no seu percurso era a Rua 31 de Janeiro. A **Rua da Figueira Preta** é uma via que liga a Rua 31 de janeiro à Rua da Conceição. Supomos que assim se chama por lá ter existido uma figueira preta comum na Ilha da Madeira.

“Quando éramos novos quase nunca a ela nos referíamos pela sua real denominação: era a rua das árvores! Isto derivava de, ao longo do seu percurso,

desde a rampa do cidrão até a ponte de pau, ter plantado, pouco afastados da muralha da ribeira de santa luzia, plátanos de grande porte [...]” (Santos, 2001:14)

Rui Santos refere-se assim a Rua da Figueira Preta, não sabe da existência de uma figueira preta mas o facto de existirem arvores nos seus arredores é um indício.

A **Rua das Hortas** fica situada entre a Rua do Carmo e a Rua do Bom Jesus. Chama-se assim por antigamente ter existido neste local “hortas” como nos testemunha a planta de Mateus Fernandes. Algo que hoje não se verifica com o crescimento urbano.

Ligado a uma flor temos a **Travessa das Violetas** que situa-se entre a Rua Major Reis Gomes e a Avenida Calouste Gulbenkian. Denomina-se assim por ter lá existido a Flor Violeta. Em um percurso a pé já não se encontra essa flor neste local.

O **Ribeiro Seco** é outra delimitação da Freguesia da Sé. Tem este topónimo pela sua condição natural de pouca água ou nenhuma. Na zona perto do largo António Nobre existe também a **Ponte do Ribeiro Seco**.

“O ilustre Mouzinho de Albuquerque, quando prefeito da Madeira, concebeu o projecto de lançar uma ponte pênsil sobre o Ribeiro Seco, tendo para esse fim começado a fazer construir dois gigantescos pilares, afora dois fortissimos encontros em cada uma das margens do ribeiro. «Entrava no piano da obra, diz Servulo de Meneses na Colecção de documentos relativos à construção da ponte do Ribeiro Seco, a ideia de levantar um monumento à memória do imortal Duque de Bragança, magnânimo libertador dos portugueses, e nesta conformidade devia a obra ser magnífica e grandiosa»”. (Silva & Meneses, 1998: vol. III - 211)

A obra desta ponte destinava-se, segundo alguns dados fornecidos pela anterior citação do *Elucidário Madeirense*, a homenagear o Duque de Bragança. Supomos que o seu topónimo inicial também assim homenageasse. Mas a construção desta ponte demorou mais que o previsto.

“Em fins de 1846, tendo vindo governar a Madeira o conselheiro José Silvestre Ribeiro, resolveu ele chamar a atenção dos engenheiros sobre o modo de levar a efeito a obra projetada por Mousinho de Albuquerque, mas só em 1848 se pôde dar começo aos trabalhos, depois do mesmo governador ter obtido a promessa de donativos que chegavam para satisfazer a quarta parte das despesas em que haviam sido orçados os mesmos trabalhos.” (Silva & Meneses, 1998: vol. III - 212)

Foi dada continuidade ao antigo projeto e só em 1849 foram finalizadas as obras de construção da ponte que liga o Funchal a Câmara de Lobos.

Por fim mas não menos importante temos neste grupo o topónimo **Selvagens**. Estas pequenas ilhas fazem parte da Freguesia da Sé. As Selvagens foram descobertas pelo navegador Infante D. Henrique. Têm este topónimo porque assim, como as Desertas, são impróprias para habitar. Por não terem recursos para sustentar uma população, principalmente pela falta de água doce.

“Ao Sul da Ilha da Madeira, entre ella e as Canarias, que todas demoram dela, como disse pouco mais ou menos do Sul até Sudoeste, estão, em 30 fráos, duas ilhas, que se chamão as Selvagens, por serem hermas, e desconversáveis assi de navegação como de gente, e com huns perigosos baixos, em distancia de trinta legoas entre si huma da outra[...]” (Frutuoso, 2007 : 310)

Gonçalves Zarco após a descoberta da Ilha da Madeira mandou homens para explorar estas Ilhas. São formadas pela Selvagem Grande e Selvagem Pequena e Ilhéu de fora, “A segunda destas ilhotas é conhecida também pelas denominações de ilhéu Grande e Pitão Grande, e a última pelas de ilhéu Pequeno e Pitão Pequeno.” (Silva & Meneses, 1998: vol. III - 303)

Mesmo não sendo povoadas e terem pouca dimensão o homem teve também necessidade de se localizar e distinguir áreas destas Ilhas. As distinções são:

- Selvagem Grande (outrora Ilhéu Grande);
- Selvagem Pequena (outrora Ilhéu Pequeno ou Pitão Pequeno);
- Ilhéu de Fora;
- Fonte das Ovelhas;
- Pico da Atalaia;
- Pico da Salgada;
- Pico das Galinhas;

Parte das denominações dadas as Selvagens são testemunhos das tentativas do homem de dominar a terra para cultivo e criação de animais.

Voltando à história e ao domínio das Selvagens estas já pertenceram a várias famílias antes de serem incluídas na Freguesia da Sé.

“As Selvagens foram descobertas pelos navegadores do infante D. Henrique, tendo Diogo Gomes deixado uma notícia manuscrita acerca da ilha principal do grupo. No século XVI, diz o Sr. Alberto Sarmiento, pertenciam a uma família madeirense do título de Caiados, e, por 1560, foram doadas pelo cónego Manuel Ferreira Teixeira, descendente dos mesmos Caiados, a sua sobrinha D. Filipa Cabral de Vasconcelos, casada com José Ferreira de Noronha Franco, de quem procedia João T. Cabral de Noronha, o ultimo morgado das Selvagens.” (Silva & Meneses, 1998: vol. III - 304)

Ao longo dos anos, estas Ilhas foram passando para algumas famílias, sendo hoje património da Ilha da Madeira. Criaram-se mitos sobre tesouros nestas ilhas porém nunca descobertos ou relatados. Pensamos que o maior tesouro está na fauna marítima e terrestre que têm estas ilhas.

Em suma, sendo esta uma freguesia pertencente a uma cidade insular é normal que tenha nos seus topónimos alguns traços da fauna e flora.

3.6 Materiais

Existem algumas ruas que têm topónimos relacionados com tipos de materiais. São na sua maioria testemunhos de uma atividade comercial anterior, já não praticável. Fazem parte deste grupo topónimos de materiais de auxílio doméstico, comestíveis e combustíveis.

Começamos com a **Rua do Sabão** que está entre a Rua dos Ferreiros e a Rua da Alfândega, é das ruas mais antigas do Funchal, a sua abertura é já desde o século XV. Chama-se assim devido a anteriormente ter existido “saboarias” naquela área segundo o historiador António Aragão.

Também já se denominou de Rua 17 de junho de 1922 em honra aos exploradores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, aviadores que fizeram a travessia aérea do Atlântico Sul. Este último topónimo e outras mudanças relacionadas com este acontecimento foram propostas em 1922, pelo na altura presidente da CMF, o Coronel Landro António do Rêgo.

“O senhor presidente diz ser avesso à mudança de nomes de ruas, mas dado ao alto feito praticado pelos heroicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, tem muito prazer em apresentar as seguintes propostas:

- Propõe que a rua da Praia, lado leste do Caes, se dê o nome de «Rua Gago Coutinho» e as do lado leste de o nome de «Rua Sacadura Cabral»;
 - A Rua de São Francisco assume o nome de «Rua de 2 de Março de 1921», data em que os mesmos aviadores fizeram o radicares Lisboa- Madeira;
 - A Rua do Sabão o nome de «Rua 17 de Junho de 1922» – data em que aqueles ilustres aviadores concluíram a viagem aérea entre Lisboa – Rio de Janeiro;
- Estas Propostas foram aprovadas por unanimidade.”²³

Contudo, em 1931 já na presidência da CMF o Sr. Juvenal António Silva Carvalho havia decidido “restituir” os nomes antigos da Rua do Sabão e também da Rua de São Francisco.

“Atendendo que os gloriosos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, que se (pretende designar) pretender homenagear com as designações actuais das antigas ruas de «S. Francisco» a “Sabão», já a cidade do Funchal prestou com homenagem mais honrosa; Atendendo a que as ruas «17de Julho de 1922» e «22 de Julho de 1923» tinham antigamente a designação oficial de «São Francisco» e «Sabão», nomes por que ainda hoje são exclusivamente conhecidas; Resolveu esta câmara restituir às ruas «17 de Julho de 1922» e «22 de Julho de 1923» respectivamente os nomes de «São Francisco» e «Sabão». ²⁴

²³ARM, CMF, *Vereações*, “Acta da Sessão da Comissão Executiva de 6 de Julho de 1922”, Liv. 5, fl. 197.

²⁴ARM, CMF, *Vereações*, “Acta da Sessão da Comissão administrativa de 17 de Março 1931”, Liv. 15, Fl. 25.

Anteriormente em 1922, considera-se um exagero denominar mais que uma rua por um só acontecimento. Este presidente pretendeu continuar denominar as ruas pelos antigos nomes e como já existia duas ruas, a atual Rua da Praia e “as do lado leste” com os nomes dos aviadores, pretendeu assim corrigir um erro do passado. Lembre-se que já tinham passado quase dez anos.

O **Beco do Açúcar** na Rua da Alfândega foi um beco que foi deixado ao abandono segundo nos relata Rui Santos. Aproximadamente há dois / três anos, abriu um restaurante neste beco com o nome de *Armazéns do Sal*.

Afirma Rui Santos “Os velhos armazéns que se situavam neste pequeno arruamento, talvez contenham a razão ou justificação do seu nome. Se um beco ou viela, como quisermos chamar-lhe, ficou «baptizado» por Beco do açúcar [...]” (Santos, 2001a, 27). Contudo os antigos armazéns seriam de sal e não de açúcar. Pensamos que este Beco já se destinou ao comércio de açúcar nos primeiros anos do povoamento.

A **Rampa do Carvão** situa-se na Rua da Princesa Dona Maria Amélia e liga esta rua à zona da Pontinha. O Funchal era um ponto de abastecimento para alguns barcos que faziam escala na Madeira com destino a outros continentes. Cedo começa-se a colocar perto do porto locais de abastecimento de matéria-prima que eram vulgarmente importados pelos visitantes. Perto do porto existia um pequeno armazém de carvão da família Blandy como nos testemunha João Figueira de Sousa na sua *Dissertação O Porto do Funchal no Contexto do Sistema Portuário Insular Regional: As Infraestruturas, os tráfegos e as funções portuárias*. Esse armazém situava-se perto desta rampa e por isso apelidou-se esta rampa do “carvão”.

O **Beco do Churro** situa-se na Rua da Imperatriz Dona Amélia. Este último topónimo no dicionário tem este significado “Tostado, Queimado.” (Bueno, 1988: vol. II – 704), por nesta zona terem existido fornos de carvão.

A **Travessa da Malta** é uma via que liga a Rua Direita a Rua do Visconde do Anadia Também já se apelidou de Rua da Cortesia, Rua João Saraiva. Antigamente nesta travessa existiam fornos da cal (Trigo & Trigo, 1910: 49).

Este topónimo deriva do material chamado Malta. Um tipo de cimento. Justifica-se assim o seu nome pois estava situado onde existiam fornos da cal. “Pez. Do gr. Máltha, pelo lat. Maltha, «espécie de pez ou betume, de nafata, asfalto de um lago de Samósata; massa feita de cal e de gordura de porco usada para impermeabilizar [...] (Machado, 1977: vol. V -34) Nesta travessa existiu fábricas como a *Companhia Insular de Moinhos*.

3.7 Ofícios

Dar um nome de um ofício a um local passou a ser frequente no século XV e seguintes, na cidade do Funchal após o seu desenvolvimento comercial verificou-se o mesmo. “Este procedimento associativo dos ofícios em arruamentos remonta às cidades medievais (Aragão, 1979: 89).

No Funchal existe a antiga Rua dos Caixeiros pertencente à freguesia de Santa Maria Maior, chama-se assim devido ao comércio do açúcar. Relativamente à Freguesia da Sé existe a Rua dos Ferreiros, Rua dos Tanoeiros a Travessa dos Arrieiros, Calçada da Cabouqueira, Rua dos Capelistas e existiu também a Rua dos Mercadores, antiga denominação da Rua da Alfândega.

No século XV a Câmara notificava que houvesse uma distinção nos locais de ofício. Assim por exemplo, os ferreiros fossem viver para a Rua dos Ferreiros e os tanoeiros para a Rua dos Tanoeiros. Criando assim uma separação de ofícios e de comércio. Aos poucos essa separação provocou também a distinção nas denominações dos arruamentos tornando fácil a localização dos mestres.

A Rua dos Ferreiros pertence à Freguesia da Sé e de São Pedro, vai desde o Largo Severiano Ferraz até a Rua 5 de outubro “O nome de ferreiros proviria certamente do facto de ali existirem algumas oficinas desta arte manual” (Silva & Meneses, 1998, vol. II - 26). Esta rua já foi dividida em partes tendo cada parte um nome diferente.

“se chamava do peru a parte da rua compreendida entre os largos do chafariz e colégio, do estudo à que ficava entre o colégio e a rua dos netos e do pinheiro á que ia da rua dos netos ao torreão(...)uma parte desta rua, nas proximidades do antigo largo do chafariz, teve em época mais remota os nomes de Simão Acciaioly e de Pedro ou Pero Bettencourt” (Silva & Meneses, 1998, vol. II - 26).

Foi também apelidada de Rua do Comércio e Rua da Ponte das ribeiras das casas.

Esta rua é mencionada nas Atas de vereação do Funchal, na data de 24 de novembro de 1725 ao obrigar que um ferreiro fosse viver para a rua do seu ofício. “E nesta vereasam notefiquey a Sebastiam de Freitas, ofecial de Ferrero e a Pedro da Silva e a Pedro Ferreyra, também ofeciais de ferreiro que com pena de quatro mil reis vam morar para a rua dos ferreiros dentro de quinze dias [...]”²⁵

Já a **Rua dos Tanoeiros** chama-se assim por lá ter existido muitas oficinas de tanoaria. Antes existiam duas artérias com este nome, a rua dos tanoeiros pequena sendo esta última também apelidada de Rua Álvaro Matoso e a Rua dos Tanoeiros grande

²⁵ARM, CME, *Vereações*, “24 de Novembro de 1725”, Cx: 19, Liv.18, fl.44.

também chamada de Rua do Poço Novo “Desta rua dos Mercadores, além da Rua Direita, se vê outra, não tão comprida, e de outras logeas de menos tracto, como he fructa, panno de linho e cousas de fancaria que vem de fora, no cabo da qual está hum poço, pelo que se chama a Rua do Poço Novo” (Frutuoso, 2007: 85). Contudo esta Rua dos Tanoeiros pequena desapareceu com o aluvião de 1803.

Os tanoeiros são avisados em 1718. Tinham que trabalhar todos na mesma rua. “Nesta Vereação se determinou q.os tanoeiros q. trabalham no terreiro da See nele tem tendas fossem notheficados com pena de quatro mil reis pagos de cadeia para q. ponham suas tendas em outras partes para trabalharem por causarem aly com as martenadas [...]”²⁶. Em 1727 são avisados assim como os Ferreiros a se deslocarem para a rua do seu officio. “Nesta vereasam nothefiquej aos officiais de tanoejro abajcho declarados a saber [...]Ea estes todoz notifiquej que dentro de vinte dias vam morar, digo vam por suas tendaz pera rua dos tanoeiros e que fazendo o contrario emcorrerão em pena de quatro mil reis[...]”²⁷ Um dos motivos desta separação seria o barulho que incomodaria outros tipos de comerciantes.

A **Calçada de Cabouqueira** situa-se entre a Rua dos Ilhéus e a Avenida Calouste Gulbenkian. Tem este topónimo por corruptela da palavra “cabouqueiro” que de acordo com a definição do Dicionário eletrónico *Houaiss* é um “trabalhador de minas ou pedreiras”.

A **Travessa dos Arrieiros** liga a Rua da Queimada de baixo a Rua da Queimada de cima. Está ligada ao transporte antigo de mercadorias por bestas que eram conduzidos pelos arrieiros ou almocreves.

Por fim, uma rua ligada a outro tipo de officio é a **Rua dos Capelistas** é a rua que liga a Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses à Rua da Sé ou ao contrário. Também já se chamou de Travessa da Alfândega. Capelistas eram comerciantes de roupa e de enfeites de senhora. No *Almanaque da Madeira* de 1956 – 1957 encontramos no grupo intitulado de “Capelistas” vários estabelecimentos comerciais e especificamente nesta rua o estabelecimento “Casa Faria”.

Em meados do século XIX era esta a visão comercial de alguns estabelecimentos comerciais. Nesta altura o local de venda não seria muitas vezes o local de officio.

“O rés-do-chão, quando destinado a lojas e armazéns, raras vezes ostenta janelas envidraçadas; o mais vulgar é ter um buraco redondo ou quadrado, com varões de

²⁶Idem, Ibidem, “11 de Maio de 1718”, Cx: 18, Liv 16, fl. 48.

²⁷Idem, Ibidem, “24 de Novembro de 1725”, Cx: 19, Liv.18, fl.44.

ferro, e uma porta larga, que se conserva aberta sempre que se faça qualquer coisa lá dentro. O chão calcetado. Aí vemos a trabalhar sapateiros e marceneiros – dois ofícios em que o povo da Madeira se distingue – e não raramente a conversar com os transeuntes. As lojas que vendem géneros de mercearia e outras provisões [...], e as de panos e quinquilharias não diferem muito das dos sapateiros, mas já são dotadas de vidraças e balcão. [...] Muitas portas e postigos abrem para fora e nelas pintam anúncios dos objectos à venda. [...] Se bem que exista uma Rua dos Mercadores, os estabelecimentos de comércio não estão confinados a qualquer arruamento [...]"(França, 1970:18)

Verifica-se que nos anos de 1853/ 1854, altura da viagem de Isabella de França à Ilha da Madeira, era esta a aparência dos locais de ofícios onde na altura ainda era possível ver a execução do ofício na própria loja. Constatamos também de que já não existe uma separação rigorosa de ofícios como nos testemunha Isabella.

3.8 Posição/ localização do terreno

Uma das ruas mais antigas do Funchal que permaneceu sempre com o mesmo topónimo foi a **Rua Direita**, estende-se desde o Largo do Pelourinho até a Rua da Cadeia Velha, fazendo ligação a esta através de uma escadaria. O seu nome deve-se à sua localização, do lado direito da ribeira de Santa Luzia. Existe um relato que afirma: “Nesta antiga rua ficava a igreja e albergaria de são Bartolomeu e nela tinha casa de moradia algumas das mais qualificadas pessoas do Funchal” (Silva & Meneses, 1998: vol. I -365).

Numa explicação da Planta de Mateus Fernandes o historiador Rui Carita refere todo o percurso desta rua:

“Outra rua importante deveria ser a Rua Direita. Nascendo na «Praça», subia com esta designação de «Rua Dereita», que se manteve até hoje, até À «Cadea», cortava depois a Ribeira de Santa Luzia por uma ponte hoje desaparecida e contornava o já citado engenho de Zenóbio Acchioli com o nome de «Rua dos Ferreiros» nome genérico com que a partir deste troço chegou até nós. Subia então tal como hoje, paralela à ribeira, passando pela capesa de «São Sebastião» e mais acima pela de «Sam Bertola/ meo». Cortava depois novamente a ribeira, embora na planta sem a indicação de ponte, pelo que se pode presumir haver passagem improvisada ou a vau, e tendo ainda continuidade numa rua, sensivelmente correspondente à atual Rua do Torreão” (Carita, 1984: 64)

Aferimos que o seu percurso foi alterado e parte, foi denominado com outros topónimos. Na Rua Direita ainda encontramos alguns testemunhos urbanísticos em alguma cantaria e tipologia urbana.

A **Rua da Carreira** é também uma das mais antigas do Funchal, mas ao contrário da anterior teve mais alterações na sua denominação. É das ruas mais ilustres por lá ter vivido pessoas de alto nível social. Esta rua é uma das fronteiras entre a Freguesia da Sé

e a de São Pedro, tem início na Praça do Município e vai até a ponte de São João. A sua denominação deve-se a anteriormente localizar-se nesta rua uma “carreira”, um local onde percorriam cavalos. “ Do meyo desta rua de S. Francisco se aparta outra, também principal, de homens mui honrados, que vai ter a S. Pedro: Chama-se a Carreira dos Cavallos, pelos costumarem correr nella.” (Frutuoso, 2007: 87). Chamou-se também de Rua da Igrejinha, Rua dos Pintos, Rua de São Paulo e Rua Manuel da Grã.

O atual **Cais** do Funchal situa-se onde foi de início projetado, a meio da Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses ou como na sua antiga denominação de “Entrada da Cidade”, perto da antiga Praça da Rainha hoje Rua das Fontes.

Este cais foi construído em 1889, tem este topónimo pela sua localização e função, situa-se perto do mar para facilitar o desembarque e embarque de passageiros.

No início o desembarque era feito no calhau que situava-se perto da zona do atual cais, o que tinha muitos inconvenientes, e cedo pensou-se na construção de um cais próprio. Mediante esta situação foi construído o Pilar de Banger que hoje pouco resta do mesmo para transportar as mercadorias para o porto.

Nos projetos efetuados no início do século XIX projetava-se a construção de dois cais. “Um cais de alvenaria foi projetado em 1823 sobre os baixos de São Tiago, e outro junto À Praça da Rainha, o que se deu começo em 1843, mas a braveza das ondas destrui os trabalhos em anos sucessivos e, esgotadas as verbas, ficou dele uma sapata.” (Sarmiento, 1953: 258).

Prosseguiram-se as tentativas. Contudo, a intensão de projetar e alterar o cais foi incansável e nem sempre foi bem-sucedida. “ Vários cais de Madeira se levantaram, sendo o mais importante o de 1885, para os exploradores capelo e Ivens.” (Sarmiento, 1953: 258)

Hoje em dia já não tem a função inicial que lhe foi atribuída. Reúne vários visitantes que deslumbram a vista que tem o cais, como também dos espetáculos Pirotécnicos que são projetados da pontinha nos *Festivais do Atlântico* e no *Fim do Ano*.

A **Pontinha** e a sua construção está ligada a história do anterior topónimo. A pontinha é um dos limites do nosso porto no Funchal e que, pela sua extensão e forma pontiaguda, deve o seu nome. Contudo já teve outros nomes, era primitivamente conhecido pelo nome de Ilhéus, pela existência de dois Ilhéus isolados que posteriormente foram ligados e originaram a Pontinha.

Em 1756 é recebida uma carta régia ordenando um porto de abrigo com caís e para isso efetuou-se a ligação do Ilhéu da Pontinha a terra. Entretanto em 1843 é

deliberado pela Câmara Municipal do Funchal a construção de um novo cais. Nesta altura já tinha sido tentado a união dos ilhéus mas sem sucesso após uma tempestade que destruiu parte dos trabalhos feitos.

“Quem tem conhecimento do Porto do Funchal, sabe que não há local algum de desembarque a que se possa chamar cães; a não ser na Pontinha, viaducto saliente ao mar e apoiando-se n’um rochedo, é neste local onde existe o único cães que devemos aproveitar e melhorar, pondo-o em comunicação com a Alfândega da Cidade perto do Litoral. Geralmente desembarca-se no calhao, mesmo defronte da Afandega mas faz-se de tal modo;”²⁸

O avanço do Porto do Funchal só foi efetuado a partir de 1913 e se prolongou com melhoramentos ao longo do século XX. Foi se adaptando às novas embarcações e navios de grande porte.

Ainda na Pontinha existiu a Praça da Pontinha, à qual Paulo Dias de Almeida refere na sua descrição da Ilha da Madeira.

“Esta praça pode ser muito boa, acabada que seja, conforme o plano do falecido Oudinot e vindo assim a defender a enseada do Ribeiro Seco. Nesta ponta é onde se desembarca e embarca muito bem, por haver uma escada na rocha e ser abrigado. Neste mesmo lugar se mandou fazer, governando o Ex.^{mo} Governador Sebastião Botelho, uma casa de guarda, para evitar os muitos contrabandos que ali havia e fechar o lugar do guindaste por causa da gente que sempre ali caía ao mar.” (Carita, 1982 a: 94)

Existiu também a Praça do Ilhéu antes da ligação da atual pontinha ao qual menciona o seguinte:

“Construída no alto de um rochedo separado de terra firme, serve de registo do porto e pela sua altura, os tiros só ofendem a grande distância. Não tem ameias e as que havia, foram rasas pelo mar com uma grande levadia que houve. Os combatentes estão agora descobertos e qualquer fragata, descarregando banda de metralha, varre a guarnição e em pouco tempo fica calado o fogo.” (Carita, 1982 a: 94)

Já pertenceu também à Pontinha parte da Avenida do Dr. José António de Almada, atual Avenida Sá Carneiro. Em 1945 foi aumentada e alargada passando a designar-se Avenida da Pontinha.

“Avenida da Pontinha[...] é uma artéria de intenso tráfego durante a movimentação do porto e a sua reduzida largura, criando graves problemas de circulação, não permite uma boa exploração, do porto.”²⁹

²⁸ARM, DOP, *Projeto da estrada entre A Alfândega e o Caes da Cidade*, “Memória Descritiva”, 1905, Cx: 486, Liv. 1867.

²⁹ARM, DOP, *Estudos de Remodelação da zona Marginal da Cidade do Funchal*, João Guilherme Faria da Costa, 1945, Caixa 818, Processo nº 37, fl.13.

A construção destes empreendimentos veio a facilitar as comunicações marítimas. Era importante facilitar os processos de exportação e importação. Relacionado com este topónimo existe também a **Estrada da Pontinha** que dá acesso à uma área portuária, construída perto da Pontinha.

A **Rua das Fontes** situa-se em frente do Palácio de São Lourenço e o seu nome deve-se ao facto de antigamente situar-se nesse local umas Fontes apelidadas de Fontes de João Diniz das quais a população se servia.

Gaspar Frutuoso refere no Livro *As Saudades da Terra* essas fontes ao descrever a baía do Funchal “...e as fontes de João Deniz, que estão ao longo do mar, que he hum quarto de legoa” (Frutuoso, 2007: 11).

Chamavam-se assim segundo Artur Sarmiento por terem sido avistadas pelo Capitão João Diniz. Estavam em um lugar considerado estratégico onde facilmente os bois poderiam ir beber.

As Fontes já existiam antes da construção do Palácio de São Lourenço. Contudo após a sua construção e “Com as grandes obras de reparação realizadas no Palácio de São Lourenço, desapareceram as tão conhecidas Fontes de João Diniz no mês de Novembro de 1939” (Silva & Meneses, 1998: vol. II - 41). Voltaram a surgir anos depois após o aluvião de 20 de Fevereiro de 2010, isto porque no local onde existiam essas fontes estavam na altura os jardins do palácio de São Lourenço e com a quantidade de água que inundou esse local tirou parte do jardim e ficaram a descoberto as antigas fontes. Hoje estão restauradas e possíveis de visitar.

Nesse local existiu também a Bateria das Fontes. Segundo a descrição de Paulo Dias de Almeida: “É a mais respeitável bateria que tem a cidade do Funchal na cortina marítima, já pela sua posição e porque pode ser melhorada conforme o que mandou fazer o falecido Oudinot. [...] Esta bateria bate o porto em frente, e cruza todos os fogos das praças de Leste do Ilhéu.” (Carita, 1982 a: 93)

Esta rua também já se denominou de Rua de Santa Catarina muito mencionada nos Livros de Vereações do século XV e que ia até a Rampa do Cidrão.

Já a **Rua da Praia** vai desde o largo dos Varadouros até a Rampa do Cidrão que faz ligação com a Rua 5 de Outubro. Supõe-se que chama-se assim por antigamente a praia (o calhau) ir até onde está hoje essa rua.

Em 1921 é proposto chamar esta Rua de Gago Coutinho, como já foi citado anteriormente ao mencionar a Rua do Sabão que também foi alterada e recuperado o seu nome anos depois.

A **Rua do Ribeirinho de Baixo**, que tem dois topónimos relacionados com este topónimo. O Beco do Ribeirinho e a Travessa do Rego. Esta rua situa-se atrás do edifício do Anadia, chama-se assim devido a um ribeiro, “O pequeno ribeiro que lhe deu o nome, é o ribeiro do Vale, que vem da Pena e passa na avenida de João de Deus e rua do Carmo” (Silva & Meneses, 1998: vol. III - 207).

O **Beco do Ribeirinho** situa-se na Rua Mary Jane Wilson. Tem este topónimo porque parte do ribeirinho que dá nome à Rua do Ribeirinho passa também por este beco.

Já a **Travessa do Rego** liga a Rua do Carmo com a Rua João de Deus. Um rego segundo o que consta no dicionário tem a seguinte definição:

“Sulco ou abertura que deixa na terra o ferro arado ou outro instrumento. Pequena vala que se abre na terra para escoamento das águas. Sulco aberto no terreno [...] canalização das águas de um rio ou riacho, para a rega das plantações. [...] caminho vereda, destino[...].” (Machado, 1981: TX - 24)

Assim se chama por ter existido um rego nessa zona. Pela qual passa o Ribeirinho.

A **Rua dos Ilhéus** situa-se entre a Calçada da Cabouqueira e Avenida Luís de Camões. De acordo com Rui Santos foi integrada na Avenida Luís de Camões por volta de 1973. Tem este nome porque antes da evolução urbanística que desenvolveu-se ao seu redor era possível observar desta Rua os Ilhéus que hoje fazem parte da Pontinha. Situava-se nesta Rua também a Quinta dos Ilhéus. Relacionado com este topónimo existe também o **Beco dos Ilhéus e a Rua Nova dos Ilhéus** nesta mesma rua.

Em suma, esta categoria é essencialmente baseada nas condições físicas e geográficas dos locais. Nela estão testemunhados vários topónimos que recorrem apenas a simples condição natural do meio.

3.9 Primeira República

Com um novo regime político em 1910 em Portugal, que sucedeu o governo provisório de Teófilo de Braga, procedeu-se ao apagar do anterior regime e surgiram mudanças por todo Portugal Continental.

Teresa Sancha Perreira no artigo “A toponímia durante a I República” a propósito das *II Jornadas de Toponímia de Lisboa*. Menciona algumas alterações pautadas após a proclamação da república de acordo com a ata da Sessão da Câmara Municipal de Lisboa em 3 de maio de 1911. As seguintes alterações deviam ser pautadas na nomenclatura das ruas:

-“ «Individualidades falecidas há mais de dez anos e que se tivessem notabilizado nas ciências, nas artes, nas letras ou que houvessem prestado relevantes serviços à Pátria ou à Cidade de Lisboa. Aquela deliberação (...) deve ter um cunho de fixidez para que não se sujeite às flutuações da opinião pública que hoje eleva is que amanhã deprime.»

-Alterar os nomes antigos das ruas que tomavam como corrupção dos topónimos primitivos que classificavam de “velharias”. Estes deviam ser suprimidos e substituídos por nomes de figuras históricas, ou de individualidades que se tivessem destacado na área da cultura.

-substituir os nomes das individualidades demasiado comprometidas com o regime anterior.”³⁰

Na Ilha da Madeira o mesmo aconteceu. Fez-se algumas alterações nas ruas do Funchal, a nível urbano e a nível toponímico. Esta foi uma grande mudança política que marcou profundamente todo o sistema toponímico português.

Ao consultar o livro de vereação da CMF deste período é clara a mudança, além da caligrafia as mudanças são várias e todas tomadas rapidamente com o intuito de apagar o regime antecedente. Na ata de 28 de Outubro de 1910, por ordem do na altura novo presidente republicano da CMF, Afonso Ferreira de Andrade, foi alterado os topónimos de algumas ruas edifícios para estarem de acordo com o novo regime.

“Pelo Senhor Presidente foi proposto que se [...] pelo fosso abaixo enunciado os nomes de alguns edifícios, vias publicas desta cidade e concelho, sendo as antigas denominações substituídas por ruas de cidadãos liberais[...] são as seguintes mudanças propostas: Rua D. Maria Pia passa para Rua Do Manuel de Arriaga, Jardim D. Amélia passa para Jardim Municipal [...] Campo de D. Carlos para Avenida Luís, [...] Praça da Constituição para da República, Rua do Conselheiro Vieira para da Carreira, [...] Rua do Príncipe para 5 de Outubro, Rua da Princeza para 31 de Janeiro. Largo de S. Sebastião para Largo do Comercio [...] Entrada da Cidade para Avenida Gonçalves Zarco.”³¹

Com este novo regime voltam alguns topónimos oriundos da povoação que são outra vez postos em prática e são eliminados alguns topónimos relacionados com a nobreza e com a religião. Os republicanos queriam abolir qualquer intervenção da igreja no cidadão e impuseram a laicização do Estado.

A construção das avenidas, como já foi anteriormente referido, foi feita na primeira metade do século XX e deve-se ao primeiro plano do Arquiteto Miguel Ventura Terra. Uma das avenidas já projetada pelo mesmo foi a Avenida Arriaga.

A **Avenida Arriaga** está ligada à Primeira República porque o seu antropónimo correlaciona-se com o Primeiro Presidente da República eleito em 1910. “Pertencia ao

³⁰Acta da Sessão da CMLisboa de 03/05/1911 (Como citado em PEREIRA, Teresa Sancha (2000), “A toponímia durante a I República”, *II Jornadas de Toponímia em Lisboa*, Lisboa, pp. 93-125.

³¹ARM, CMF, *Vereações*, “Acta da Sessão de 28 de Outubro de 1910”, Cx: 43, Liv. 1, Fl.134.

diretório do Partido Republicano quando eclodiu a revolta de 1891. Deputado da minoria republicana em duas legislaturas da monarquia [...] ” (Serrão, 2002: vol. I - 207). O Doutor Manuel de Arriaga, açoriano (1840 -1917) em Lisboa, representou a Ilha da Madeira no parlamento entre 1882 e 1884. Chega a visitar a Ilha em 1883 (Silva & Meneses, 1998: vol. I - 89). É uma das vias que mais sofreu alterações e divisões das quais resultaram em vários topónimos a ela ligados.

De início quando foi projetada, Avenida Oeste, estende-se desde a Rua do Aljube, em frente da Sé, até a Rotunda que faz ligação com a Avenida do Infante. Parte desta Avenida era primitivamente apelidado de “Campo do Duque”, este campo estendia-se desde a Sé até ao convento de São Francisco onde está hoje o Jardim Municipal (Silva & Meneses, 1965: vol. I - 225).

“Foi, porem, D, Manoel, quando ainda mero duque de Vizeu e senhor destas ilhas, que como se vê da sua carta registada a fl.25 do dito tomo 1º.; mandou em 1486 fazer «*praça, camra, paço dos taballiães, & picota no seu campo*», então chamado do duque, que era o terreno onde agora são a cadeia publica (antigos paços do concelho, reedificados em 1770), cathedral, o largo e adro da Sé, e largo de S. Sebastião.” (Frutuoso, Azevedo, 2007: 485)

Era um vasto terreno que incluía esta Avenida. Contudo, após ter-se erguido a Sé do Funchal passou a ter outro topónimo de Terreiro da Sé.

“O Terreiro da Sé passou a chamar-se Praça da Constituição em 1821, pelo reconhecimento do sistema representativo sendo no ano imediato lançada a pedra fundamental dum monumento que não chegou a concluir-se, pelo estabelecimento dum governo absoluto, em 1825. Esta praça foi cercada dum pequeno muro com banquetas de cantaria e ensombrada de arvoredo, onde predominava a figueira da Índia. Era ponto de reunião da sociedade funchalense, nas tardes amenas de verão, e lá se festejava com iluminações e música os dias de gala nacional.” (Sarmiento, 1951:130)

Ao longo do tempo o Terreiro da Sé foi sendo dividido por partes. Uma parte apelidou-se de Praça da constituição “Esta praça denomina-se assim desde 28 de janeiro de 1821, em memória de nela ter sido proclamada nesse dia, a constituição, isto é, os princípios liberais da revolução de 1820.” (Frutuoso, Azevedo, 2007: 804).

Chamou-se parte também de Passeio Público passando ao topónimo de Praça Real durante o governo de D. Miguel “Era na praça Real que se reuniam as tropas em parada nos dias festivos e nas solenidades que se realizavam nos tempos da usurpação” (Silva & Meneses, 1998: vol. III – 165). Esta mudança deu-se como podemos constatar antes de uma visita do Rei.

“No dia 30 de Setembro de 1831, deliberou o Senado da Câmara Municipal do Funchal que do antigo Passeio Público se cortassem algumas das mais belas

árvores, a-fim de se tornar o recinto numa ampla parada para as tropas, em dias de festa da nação. Ficaria sendo a Praça Real. Foram a seguir intimados os proprietários dos prédios que ali havia, para que, até o dia 20 de Outubro próximo – aniversário de El-Rei Nosso Senhor – tivessem as frontarias bem caiadas e asseadas.” (Nascimento, 1932: 139)

O historiador Cabral do Nascimento no seu artigo “Um inglês rebelde aos melhoramentos camarários” relata-nos o constrangimento causado pelo estrangeiro Roberto Wallas, proprietário de um prédio que não concordou com a anterior medida na qual teria de pintar o seu edifício que ficava na parte norte da Praça.

Parte também foi conhecida por Rua do Hermenegildo Capelo, em 1911 passou para Praça da República.

Foram onze os topónimos já atribuídos a esta avenida. Contudo Rui Santos ainda menciona outros topónimos a ela associados como a Rua dos Frades, Rua do Mercado e Rua de S. João, pela existência de um mercado chamado de Mercado de São João onde é hoje o Teatro Municipal Baltazar Dias.

Ao longo do tempo o topónimo foi encurtado. Inicialmente apelidou-se Avenida Dr. Manuel de Arriaga, hoje denomina-se apenas Avenida Arriaga. Foi tendo melhoramentos, calcetamentos, aumentos. As vias de circulação automóvel que eram duas faixas até ao Largo da Sé hoje apenas vão até a Rua do Conselheiro José Silvestre Ribeiro. A partir daí apenas temos uma faixa com um sentido para o lado da Avenida do Infante e outra com o sentido para o lado do Largo da Sé. As antigas faixas foram calcetadas aumentando assim o passeio.

Nesta avenida, na parte calcetada são feitos muitos eventos: Feiras, exposições e atuações durante todo o ano.

Outra avenida que homenageia um político republicano é a **Avenida Sá Carneiro** localizada entre a entrada para a Estrada da Pontinha à Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses. O seu nome deve-se a um político e advogado Francisco Manuel Lumbrals de Sá Carneiro (1934 – 1980), fundador do partido político *PPD* e primeiro-ministro. Esta avenida também já se apelidou Avenida do Dr. José António de Almada.

Em relação à **Rua 31 de janeiro**, sabe-se que o seu nome provém da revolução falhada de 31 de janeiro de 1891 para a implantação da República.

“A revolta de inspiração e aspiração republicana, ocorrida na guarnição militar do Porto, na madrugada de 31 de Janeiro de 1891, se foi o remate da profunda emoção nacional suscitada pelo ultimato inglês de 1890, assumiu também grande relevo na

história da conquista do poder pelo republicanismo, que culminou com a revolução de 5 de Outubro de 1910.” (Serrão, 1976: 179)

Esta Rua situa-se no lado direito de quem sobe a Ribeira de Santa Luzia, anteriormente esta rua apelidava-se de Rua das árvores e também Rua da Princesa

“Parece que foi à princesa Carlota Joaquina Esposa do Príncipe D. João, mais tarde D. João VI, que a Câmara municipal quis prestar homenagem, quando deu àquela via publica o nome que ela conservou até 1910. O povo costumava dar à Rua 31 de Janeiro o nome de rua das arvores, por causa dos lindos Plátanos que nela estão plantados”(Silva & Meneses, 1995: vol. III - 136.)

No sentido oposto À anterior rua existe a **Rua de 5 de Outubro**, esta deve o seu nome ao dia da proclamação da república.

“A revolução Portuguesa de Outubro de 1910, não foi um pronunciamento de generais, nem um golpe de Estado, nem uma simples revolta de caserna, foi sim um movimento com larga participação do povo e dos elementoss militares. [...] Assim ao cabo de pouco mais de trinta horas de luta nas ruas de Lisboa a Monarquia Portuguesa, regime político da Nação durante perto de oito séculos, ruíra estrondosamente.” (Serrão, 1976: 260)

Anteriormente apelidava-se de Rua do Príncipe e ficava paralela a Rua da Princesa. No *Elucidário Madeirense* temos a seguinte observação “Cremos que foi ao príncipe-regente D. João VI que se pretendeu prestar homenagem com a referida denominação, mas nunca encontrámos indicação alguma a tal respeito nos livros da Câmara Municipal desta cidade” (Silva & Meneses, 1998: vol. III -137).

Estas duas Ruas de larga extensão pertencem à freguesia da Sé, a freguesia de São Pedro (Rua 05 de Outubro) e a freguesia do Imaculado Coração de Maria (Rua 31 de Janeiro).

Perto da Igreja da Sé, entre o café Apolo e o café Funchal, está também a **Rua António José de Almeida** (1866 – 1929), em honra a um primeiro-ministro republicano.

“Médico, político, orador e jornalista. Participou em numerosos movimentos republicanos de combate à monarquia, tendo sido várias vezes processado e preso. Ministro do interior do Governo Provisório, fundou e chefiou o partido Evolucionista; opôs-se aos democráticos de Afonso Costa, com o qual porém se aliou na União Sagrada. Presidente da República (1919 – 1923), visitou o Brasil (1922).” (Serrão, 1976: 22)

Teve um desempenho importante na eclosão e nos movimentos republicanos. Encontramos algumas citações que explicam alguns detalhes do seu cariz político.

“Um dos mais populares políticos republicanos antes da Implementação do regime em 1910 era António José de Almeida. A imagem deste líder estava, em grande

medida, associada ao sentimento, uma vez que se construiu uma ligação afectiva entre ele e o povo.” (Samara, 2009: 72)

“Proclamava a revolução como um direito, um dever e uma necessidade – um direito sempre que a lei deixasse de ser expressão de soberania nacional, um dever sempre que não houvesse outra solução para salvar o país e uma necessidade sempre que o povo se tornasse escravo devido a um golpe militar.” (Samara, 2009: 73)

Antigamente não havia esta rua, havia a antiga Câmara que demolida juntamente com a diminuição da alfândega deu origem a esta rua.

Uma praça que existia na atual Avenida Arriaga foi também apelidada de Praça da República.

Estes foram alguns topónimos que foram alterados após a Proclamação da República. Contudo, houve outros topónimos além da Freguesia da Sé que foram modificados também. Por exemplo o Campo do Duque, na Freguesia de Santa Maria, passou a designar-se de Campo Almirante Reis, em homenagem a este almirante.

Apesar desta mudança nas ruas, os problemas que existiam antes da proclamação da república continuaram e apesar de nomes sonantes nas ruas a realidade social era degradadora.

“Os problemas da Madeira eram semelhantes aos que mobilizaram os republicanos para as eleições de 1882, quando enviaram Manuel de Arriaga com arauto das suas necessidades. A emigração esvaziava a ilha de homens e ofereciam-se, como antes, passagens gratuitas para os camponeses e famílias, que quisessem partir para Sandwich. A pobreza descia às ruas do Funchal, onde crianças de 12 e 13 anos, enfezadas e andrajosas, trabalhavam como guias (candeeiros) dos carros de bois. Alvo de maus tratos, guiavam os animais, também eles espicaçados pelos condutores.” (Martins, 1999: 90)

Em suma, a Primeira República foi um momento importante para a História de Portugal e esse acontecimento prevalece em muitos topónimos em Portugal Continental e Ilhas.

3.10 Proximidade a um edifício ou monumento

Para à fácil localização de um local, muitas vezes atribuí-se o nome do edifício ou monumento às vias públicas circundantes do mesmo. Assim, sabendo onde se localizam ou localizavam-se os edifícios e monumentos encontrar-se-á ou encontravam-se a via pública procurada perto, apresentando no seu topónimo o elemento específico, o nome do local.

Faz parte deste grupo uma das ruas mais antigas do Funchal, a **Rua da Alfândega**, situada entre a Rua do Sabão e a Avenida Zarco. Chama-se assim por estar perto da antiga Alfândega do Funchal. Hoje em dia temos a Assembleia Legislativa da

Região Autónoma da Madeira (ALRAM) nesse espaço. As “Alfândegas ou aduanas eram locais onde se procedi à arrecadação dos impostos. À testa das alfândegas havia os almoxarifes [...] A portagem era cobrada à porta das povoações, em regra muradas ou fortificadas.” (Serrão, 2002: vol. I - 94). A Alfândega do Funchal foi criada no século XVI.

“A alfândega do Funchal foi criada por carta de D. Beatriz, tutora de seu filho o duque D. Manuel, de 15 de Março de 1477. Nesta Carta ordenava-se ao contador Luís de Atouguia que para tal fim alugasse casas e organizasse o seu regular funcionamento. [...] No que respeita a «alfândega nova», mandada efetuar por D. Manuel em 1508, à custa de sua fazenda e que, segundo Frutuoso, foi «mais próspera e de melhores oficinais que a da cidade de Lisboa»” (Costa, 1978:3)

Antigamente existia também a antiga Câmara Municipal do Funchal e a antiga cadeia nesta rua. Só no século XX é que deixam de existir, com a destruição do edifício onde estavam colocadas, para dar lugar ao alargamento da Rua José de Almeida até a Avenida do Mar.

A atual Rua dos Capelistas também já teve este topónimo. Mas o primeiro topónimo desta rua foi Rua dos Mercadores “ A primeira rua das mais principaes dos muros para dentro he a dos *Mercadores* e franqueiros inglezes e flamengos, e de outros forasteiros, e de homens ricos e de grosso tracto, que vai de Nossa Senhora do Calhão até a Fortaleza [...]” (Frutuoso, 2007:84). A primeira referência a esta rua surge em 1460 nas atas da Câmara Municipal ao referir quantas lojas existiam nesta rua.

Era esta uma das principais ruas do Funchal, estando num ponto estratégico para o comércio exterior, os navios ao desembarcarem no calhau tinham esta rua a pouca distância. Como o historiador Nelson Veríssimo afirma “Na verdade, a ilha dependia economicamente dos produtos que exportava e, desde cedo, os mercadores adquiriam grande projecção na sociedade insular. Desfilavam na procissão do corpo de Deus em lugar de destaque, «à mão direita da gaiola» ” (Veríssimo, 2000: 66). Tendo em conta o seu destaque na cultura Insular proporcionou a necessidade da criação de uma Alfândega.

Facto curioso é que existiu onde esteve o edifício da alfândega uma bateria apelidada de Bateria da Alfândega que também foi descrita por Paulo Dias de Almeida.

“Colocada no centro da cortina da cidade com o novo acrescentamento que se completou no ano de 1817, ficou muito melhor praça se depositarem as mercadorias que se recolhem na Alfândega, para cujo fim foi aumentada e em caso de precisão se pode ali pôr artilharia.” (Carita, 1982 a: 93)

Foi só no século XX após o 25 de abril, em 1982 é que foi incorporada a ALRAM onde era a antiga alfândega quinhentista pelo arquiteto Chorão Ramalho.

Parte desta rua, entre a Rua António José de Almeida e a Avenida Zarco, chamou-se também de Rua dos Ingleses no século XVIII e Rua do Diário de Notícias, esta última denominação por situar-se perto da empresa do *Diário de Notícias*.

Já a **Rua do Aljube** fica ao lado da Igreja da Sé, entre a Avenida Arriaga e a Rua do Bettencourt. Os clérigos tinham o seu foro privativo e tinham também as suas prisões a que se davam o nome de Aljube.

O antigo Aljube do Funchal ficava no espaço compreendido entre a antiga Travessa da Sacristia, Rua de João Gago e Rua do Aljube (Silva & Meneses, 1965: vol. I - 46). Acrescenta Rui Santos que também “no seu todo ou em parte, chamou-se de Rua de S. Sebastião” (Santos, 1993: 2). Também já se apelidou de Carvalho de Araújo oficial da marinha de guerra.

“Pelo Centro vogal Domingues Dantas Clara de Menezes, foram apresentadas propostas largamente fundamentadas para que fosse dada à Rua do Aljube o nome do Grande português que foi o capitão Tenente Caravalho de Araújo. Comandante do caça minas “Augusto de Castilho” a [...] e a Rua do Pombal o nome de Rua do 1 de maio, por ser este dia razão do consagrado operariado mundial, mas também dia escolhido por esta câmara como feriado.”³²

Com a anterior citação, constatamos mais uma vez o testemunho de uma sugestão proferida em uma Reunião de Câmara e adotada. Contudo, no passar dos anos é novamente alterada.

Em 1945 esta rua passa a ter uma ligação entre a Rua João Gago e sucessivas ruas até ao Largo dos Varadouros. “A leste da Sé um grupo de construções ali existentes em breve será demolida pela Câmara Municipal o que virá desafogar a catedral e permitir a construção de uma pequena placa arborizada definindo sentidos de circulação.”³³ Estabelecendo nesta nova ligação o Largo de Gil Eanes anteriormente comentado.

A **Rua da Cadeia Velha**, situada hoje em dia, entre a Rua Direita e a Rua Doutor Fernão de Ornelas, “Proveio o seu nome de ali ter existido a antiga cadeia da cidade, que ficava no ângulo de intersecção formado por esta rua e pela Rua Direita, à direita de quem se dirige da igreja do Carmo para esta última rua” (Silva & Meneses, 1998: vol. I

³²ARM, CMF, *Vereações*, “Acta da sessão da Comissão Administrativa de 8 de Maio de 1919”, 1919, Liv. 3, fl.102.

³³ARM, DOP, *Estudos de Remodelação da zona Marginal da Cidade do Funchal*, João Guilherme Faria da Costa, 1945, Caixa 818, Processo nº 37, fl. 22.

-184). O edifício da antiga Cadeia do Funchal foi vendido em 1824 a José António Monteiro. Os presos passaram para um edifício perto do Largo da Sé onde estava a Câmara Municipal e posteriormente para o Hospital de São Lázaro.

Situado ao lado do Bazar do Povo existe o **Largo do Chafariz**. A palavra Chafariz é de origem árabe e significa “Fonte pública, água encanada.” (Bueno, 1988: vol.II – 684). Este largo tem esta denominação por lá se situar um antigo chafariz, também já se designou de Largo de São Sebastião por lá ter existido uma capela deste nome. No *Elucidário Madeirense* encontramos o seguinte:

“O largo a que o povo vulgarmente chama do Chafariz, tinha o nome de São Sebastião, havendo recebido há poucos anos da Câmara Municipal a nova denominação de Largo do Comércio. Antes da formação do largo com a área que hoje conserva, havia ali uma estreita rua, que era o prolongamento da Rua do Aljube e tinha também o nome de Rua de São Sebastião.” (Silva & Meneses, 1998: vol. II - 343)

Nas “notas” de Álvaro Azevedo no livro *As Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso, refere que D. José Manuel da Câmara mandou demolir esta ermida em 1802 e criou um mercado, que a partir de 1834 tem um chafariz (Frutuoso, Azevedo, 2007: 537). Também já se apelidou de Largo do Comércio por se situar perto da Rua do Comercio antiga denominação da Rua dos Ferreiros.

Já o **Largo dos Varadouros** situa-se entre a Rua da Alfândega e a Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses. Varadouro era onde “se efectuava o desembarque de passageiros e mercadorias” e foi neste largo que antigamente acontecia o mesmo. Neste mesmo local também se situava uma das principais portas do Funchal “para este largo dava acesso a verdadeira entrada nobre da cidade...” (Silva, 1934; 155) justificando a sua importância. Posteriormente foi construído um portão que chamava-se Portão dos Varadouros que era um dos portões que existia na muralha construída no Funchal.

“João da Costa de Brito, governador geral deste archipelago, desde 1680 até 1684, havia empreendido, mas não ultimado, algumas obras militares na cidade do Funchal, e entre elas, sem duvida, a melhoria das muralhas; o seu successor Pedro de Lima Brandão, que governou até 1688, pouco adiantou nelas; porisso, assumindo o governo geral destas ilhas D.Lourenço de Almada, no mesmo anno de 1688, lhe foi então expedida ordem régia para acabar com esses incompletos trabalhos, e fazer os mais precisos para a defesa da cidade: e parece que este se desempenhou do encargo; porque, tendo mandado rasgar nas antigas muralhas e architecturas, com elegância do tempo e do género, o Portão dos Varadouros, que ficou sendo a principal entrada do Funchal, foi posta em memória e honra dele [...]” (Frutuoso, Azevedo, 2007: 628)

Nesta zona, relacionado com este topónimo, temos também a **Travessa dos Varadouros**.

Um dos largos mais antigos é o **Largo do Pelourinho**, situado entre a ribeira de João Gomes e a ribeira de Santa Luzia, tendo a Rua Direita a norte e a Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses a sul.

“Pelorinho ou Picota. Coluna de pedra colocada em lugar público, de cidade ou vila, e na qual os municípios exerciam a sua justiça. Era, assim, o distintivo da jurisdição de um concelho e da sua autonomia municipal. No entanto, tinham também, direito de pelourinho os grandes donatários, os bispos, os cabidos e os mosteiros, como prova e instrumento de jurisdição feudal.” (Serrão, 2002: vol.V - 43)

Frutuoso refere-se a este pelourinho ao mencionar uma praça que se encontra ao lado da igreja de Nossa Senhora do Calhau “esta huma não muito grande, mas fermosa praça cercada de boas casas sobradadas, algumas de dous sobrados, com um rico Pelourinho de jaspe...” (Frutuoso, 2007: 85). Neste pelourinho, segundo o *Elucidário Madeirense* era o local onde “Os presos açoutados ou expostos no pelourinho eram atados pela cintura, e era no mesmo pelourinho que se afixavam as ordens escritas e os editais tanto do Governo como da Câmara Municipal” (Silva & Meneses, 1998: vol. III - 63).

Em um projeto do Engenheiro Diretor Aníbal Augusto Trigo, pelo DOP (Departamento de Obras Públicas) visava principalmente o desimpedimento das águas resultantes das chuvas abundantes que acumulavam-se naquele largo. Era sugerido pelo projeto uma ampliação e aterro que ia até a (na altura) a Rua da Malta (atual Travessa da Malta) e também à Rampa de D. Manuel.³⁴ No presente em dias de chuva abundante fica este largo ainda com um nível alto de concentração de água.

O **Largo da Praça** situa-se no fim da Rua da Alfândega e liga a Rua da Praia. Assim se chama por antes se situar a Praça do Peixe nesta zona. Nesta área incluindo a Rua da Praia ficava primeiro o Mercado de São Pedro apenas destinado à venda de peixe. Depois foi construído o Mercado de D. Pedro V, aberto em 1840, era constituído por uma zona de venda de peixe, outra de venda de fruta e um matadouro. Para o situar mais corretamente Rui Santos dá-nos as seguintes informações: “O mercado de D. Pedro V situava-se em local hoje ocupado, em parte, pelos edifícios da Alfândega e do antigo grémio das frutas e a Praça de S. Pedro ficava situada na esquina Oeste-sul da Rua Cinco de Outubro.” (Santos, 2001 a:27)

³⁴ARM, DOP, *Aterro e Regularização do Largo do Pelourinho*, 1907, CX: 486, N°25.

Voltando ao topónimo “Largo da Praça” já era utilizado quando havia o mercado o que significa que não foi um topónimo adequado posteriormente à existência do mesmo mas sim, ainda na sua duração.

“Que se proceda ao estudo e demarcação d’uma facha nos pavimentos das ruas sul e leste do mercado e Largo da Praça, com uma linha de empedramento branco, limitando os locais onde os vendedores e lavradores podem expor os seus produtos à venda; na parte da rua leste compreendida entre a escada da Praça e a Rua Sul a facha deverá ser dividida em retângulos que serão seguidamente numerados, afim desta Câmara os pôr em arrematação em hasta pública, sendo destinados aos vendedores que queiram ter um local digno para o seu comércio.”³⁵

Nos livros de vereações da CMF, no início do século XX, aparecem muitos detalhes sobre este mercado desde as taxas por barraca, trabalhos de restauro e como podemos ver novas implementações no local para uma melhor organização do espaço. Esta citação mostra como seria esse local e quais as suas delimitações.

Ainda existe uma ligação da altura do Mercado de D. Pedro por um lanço de escadas para a Rua 5 de Outubro, restituído há aproximadamente dois anos. Relacionado com este topónimo existe também a **Travessa da Praça** que fica situada na Rua 5 de Outubro.

Outras duas ruas ligadas à proximidade de um edifício são a Rua da Fábrica e a Rua do Frigorífico. A primeira a **Rua da Fabrica**, uma artéria que liga a Rua do Carmo com a Rua João de Deus. Já presente na Planta dos Irmãos Trigo, *Planta Roteiro da Cidade do Funchal* em 1910, ver Anexo 8, por ter existido nessa rua uma fábrica. A segunda é a **Rua do Frigorífico** entre a Rua da Conceição e a Rua das Hortas, apelida-se assim por ter sido nessa rua que foi instalado o frigorífico da Junta Agrícola. Hoje em dia situa-se nesta rua a Instituição *Sopa do Cardoso – Associação Protectora dos Pobres*.

Nestas proximidades fica a **Rua da Cooperativa Agrícola do Funchal**. Por se situar nesta rua uma das lojas da CAF (Cooperativa Agrícola do Funchal). É uma instituição que tem como principal objetivo solucionar os problemas agrícolas regionais fornecendo vários tipos de apoios.

A **Praça do Município** fica em frente da Câmara Municipal do Funchal. É também conhecida popularmente pelo seu antigo topónimo Largo do Colégio ou Praça do Colégio, pelo facto de o antigo colégio dos Jesuítas situar-se próximo do largo. Tem

³⁵Idem, CMF, *Vereações*, “Acta da Sessão de Comissão administrativa de 24 de Outubro de 1927”, Liv. 10, fl.85.

este topónimo Por estar perto da Câmara Municipal do Funchal. Esta Praça divide-se pelo lado norte do passeio da Freguesia de São Pedro e do lado sul do passeio da Freguesia da Sé.

“A frontaria da igreja de São João Evangelista ou do colégio, quase não se via, em virtude das três grandes árvores que diante dela se erguiam, no passeio junto ao muro da mesma, mas mais largo que o actual. O casario existente a sul do largo, avançava até cerca de meia porta do edifício camarário.” (Santos, 2002:10)

De acordo com Rui Santos existiam três grandes árvores no atual largo e casas até perto da atual CMF, o qual teria uma estrutura diferente da de hoje em dia, menos amplo.

A **Travessa dos Açougues** situa-se entre a Rua dos Tanoeiros e a Rua 5 de Outubro onde já existiu estas casas de comércio. Açougue é a palavra que na altura medieval designava mercado, deriva do árabe. Trata-se do “lugar onde se vendem carnes frescas, talho, corte.” (Bueno, 1988: V I – 57). Além de venda de carne podiam também ser de outras mercadorias, como nos explica a seguinte citação.

“Acerca da significação da palavra açougue, durante o período medieval, escreveu Alexandre Herculano: «A palavra açougue, de onde vinha a designação açougagem, tinha nos séculos XII e XIII uma significação inteiramente diversa da atual. Deriva-se do vocábulo árabe *sók* ou *sûk*, nome que se dava nas cidades de Espanha muçulmana às pequenas ruas bordadas por ambos os lados de lojas de venda de certos e determinados géneros [...]” (Viterbo, 1984: vol I – 206)

Nos livros de vereações do Século XV sobre os Açougues é perceptível a sua existência e uso da palavra. “Item rua de Santa Catarina das cassas dos açougues ata-a a fonte de Joam Dinjs Gonçalo Ajres.” (Costa, 1995: 221). Nesta citação apercebemo-nos que seja onde hoje está a Travessa dos Açougues, pois mesmo perto dessa travessa está a Rua da Alfândega, antiga Rua de Santa Catarina.

A **Travessa do Forno** comunica entre a Rua dos Ferreiros e a Rua 5 de Outubro. Pensamos que o seu topónimo advenha de nessa travessa ter existido um forno. Antigamente não havia fornos em todas as casas ou fabricas. O forno era alugado para que cada pessoa ou fábrica utilizasse para cozer, na sua maioria o pão. Existiam também padarias que dispunham à população, por determinado preço, o seu forno.

Em setembro de 1930 é procedido ao alargamento desta travessa segundo as atas da Câmara Municipal do Funchal. Coincidência ou não, neste sítio está localizada a Fábrica Santo António, conhecida pelos doces que produz.

A **Travessa Reduto** relembra um antigo reduto que existia nessa zona. Esta travessa vai desde a Rua da Princesa Dona Maria Amélia até à Rua da Penha de França.

(Ver Anexo 16 – Fotografia 2). Os Redutos são pequenos fortes isolados ou construídos dentro de outra fortificação.

Perto existia a Bateria da Penha que foi mandada edificar pelo Governador Sebastião Xavier Botelho e segundo Paulo dias de Almeida servia para defender a enseada do Ribeiro Seco e o desembarque da Pontinha.

São vários os locais ou vias que têm um topónimo por terem uma proximidade relativa a um edifício, monumento ou lugar. Alguns dos topónimos aqui analisados testemunham a presença de locais ou edifícios que hoje em dia não existem.

Testemunham traços da urbanização antiga e das práticas militares e comerciais do local em estudo.

3.11 Religião

Os topónimos ligados à religião demonstram a crença do povo. As devoções por santo(a)(s) fizeram que na altura da povoação fossem erguidas igrejas e capelas em honra de santo(a)(s). Os povoadores trouxeram as suas tradições e devoções e aplicaram-nas na ilha. Alguns edifícios criados já não existem mas ainda permanecem os topónimos como testemunhos da sua antiga presença.

Começamos pelo topónimo principal da Freguesia. O topónimo **Sé** é muito repetido por todo o Portugal Continental. Existe a Freguesia da Sé em Lisboa, em Angra do Heroísmo, Braga, Bragança, Faro, Guarda, Lamego, Lisboa, Portalegre, Porto e Évora. Nestas Freguesias e incluindo a do Funchal está representada “a igreja a que pertence por direito o trono do bispo; o m. q. catedral ou sé catedral; é considerada, por esse título, mãe e cabeça de todas as igrejas da diocese. Igreja principal de uma diocese [...]” (Machado, 1981: T XI -22).

Com o mesmo topónimo a **Rua da Sé** localiza-se nas proximidades da Igreja da Sé e estende-se até à Rua do Sabão. Parte desta rua também apelidou-se de Rua do Cotife.

A **Rua da Penha de França**, perto da Estrada da Pontinha, chama-se desta forma por estar perto da capela de Nossa Senhora da Penha de França. “Foi Fundada em 1622 por António Dantas, tendo sido reedificada no ano de 1712” ” (Silva & Meneses, 1998: vol. III - 64). Existia também nesta zona a Bateria da Penha.

A **Rua do Carmo**, já existia no século XVI, denomina-se assim devido à existência de uma igreja dos carmelitas perto desta rua. Esta rua também já se chamou de acordo com Rui Santos de Rua das Laranjeiras, Rua de Santo António das

Laranjeiras, das Portas Novas e Rua Dr. Costa Ferreira. Situa-se entre o Largo do Phelps e a Rua do Visconde Anadia. A **Praça do Carmo** fica atrás da Igreja do Carmo. Justifica-se assim o seu nome.

Atrás da anterior praça temos a **Rua do Seminário**, esta já teve os nomes de João da Mata, Mosteiro Novo e Júlio da Silva Carvalho. O seu atual nome deve-se “por ter funcionado na casa destinada ao mosteiro o seminário diocesano” (Silva & Meneses, 1998: vol. III - 307).

Já a **Rua de São Francisco** localiza-se hoje ao lado do Jardim Municipal e vai desde a Rua da Carreira à Avenida Arriaga. Esta rua deve o seu nome a um antigo Mosteiro que lá se situava. “Alem da See para o ponente hum tiro de bésta esforçado, está defronte o Mosteiro de S. Francisco (...) tem huma igreja muito grande e lustrosa” (Frutuoso, 2007: 86). Este mosteiro foi fundado em 1473.

“E porque vieram Frades com ho Capitão da ordem de São Francisco e hos que achou no Porto sancto, mandou lhe fazer hum gazalhado no Funchal, donde depois per tempo se fez hua igreja de são João bautista pela ribeira acima de sancta Catarina donde estes Frades se agasalharão nũas casas que apegado com há igreja fizeram com sua orta e frescura dagoa, mas porque este lugar era hermo, e nelle hum frade (per induzimento do Demonio que sempre urde semelhantes tias) se enforcou por ser despouado, estes Religiozos ordenarão hũa casa embaixo na vila do Funchal nus chãaos, e terras defronte de sancta Catrina alem da Ribeira, onde hora está fundada hũa das melhores casas desta ordem que há prouincia tem em Portugal, ho qual conuento he da obseruancia tam sumptuoso como fresco em que sempre estão perto cinquenta Frades muito letrados religiosos de tanta uirtude e exemplo, quanta se pode achar no mundo.” (Leite, 1947: 21)

De início os franciscanos residiram perto a capela de São João e depois deslocaram-se para uns “chãaos, e terras defronte de Sancta Catrina”. O antigo Mosteiro de São Francisco ocupava os terrenos que atualmente são do Jardim Municipal. “As ruas que ladeiam o Jardim Municipal, com excepção da de S. Francisco, são de construção posterior à extinção das ordens religiosas, isto é ao ano de 1834” (Silva & Meneses, 1998: vol. I - 262).

Este mosteiro foi demolido em 1865. O nome desta rua surge depois da sua demolição e no século XX já se apelidou também de Rua 22 de Março de 1921, “por ser nesta data que os arrojados aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral fizeram a sua viagem aérea entre Lisboa e Madeira” ” (Silva & Meneses, 1998: vol. III - 262).

A **Rua do Bom Jesus** situa-se entre a Rua João de Deus e a Rua Marquês do Funchal, chama-se assim por ter existido um Recolhimento com este nome “Este recolhimento era conhecido pelo nome de Bom Jesus da Ribeira, porque se alargava até

à margem esquerda da ribeira de Santa Luzia o terreno onde ele se edificara.” ” (Silva & Meneses, 1998: vol. I - 158).

A **Rua dos Murças** fica perto da Igreja da Sé e o seu nome justifica-se por se afirmar “terem noutro tempo residência habitual nesta rua alguns cónegos da nossa Sé, que no exercício das funções culturais usam as chamadas murças, que é um distintivo privativo dos membros dos cabidos das catedrais” (Silva & Meneses, 1998: vol. II - 411). Também já teve a denominação de Rua do Capitão e Gaspar Frutuoso refere: “Desta rua do Sabão sobe huma que se chama do Capitam, por ser a mais direita serventia para sua casa” (Frutuoso, 2007:85). Este capitão a que se referem as Saudades, era o Capitão Donatário do Funchal, que tinha a sua residência na fortaleza de São Lourenço. Teve também os nomes de Amoreira e de Diogo Lopes segundo as crónicas de Rui Santos.

A **Rua do Bispo**, acima da Rua da Queimada de cima, assim se chama devido a se formar nesta rua a residência oficial dos bispos do Funchal entre 1608 e 1915. Esta rua também se denominou de Rua Gomes Freire.

Existem também várias ruas em honra de santos ou por testemunhar a antiga presença de um edifício religioso nesse local. Por exemplo a **Rua da Alegria** situada perto do cemitério britânico vai até à Rua da Carreira é a antiga travessa das Malvas. Chama-se assim por devoção à Nossa Senhora da Alegria e também a **Rua do Santo Infante** que faz ligação da Avenida do Infante com a Rua Tenente Coronel Sarmiento.

O seguinte topónimo é composto por dois termos genéricos “rua” e “ponte”. A **Rua da Ponte de São Lázaro**, situa-se hoje entre a Rua Major Gomes e a Rua Dr. Brito Câmara, foi assim denominada por estar perto da antiga Ponte de São Lázaro, que assim era conhecida por existir uma capela de São Lázaro perto da antiga ponte. Esta ponte assim como outras ao longo dos séculos foi sendo reconstruída após os inverniais típicos da Ilha da Madeira que fazem aumentar os leitos das ribeiras. Posteriormente veio a existir neste local o Hospital de São Lázaro mais perto do Parque de Santa Catarina. “O hospital de S.Lázaro remonta ao século XV, e ficava no sítio de Santa Catarina. Onde hoje é a cadeia civil. A “nova gafaria” de que se fala no ms. Não é um novo edificio, mas apenas uma ampliação do antigo.” (Nascimento, 1931: 114)A construção do hospital é feita em meados do século XV com o intuito de recolher os pobres, lázaros da cidade. Posteriormente foi transformada na cadeia civil.

“No arquivo da C.M.F existe um ms. Que tem no frontispício o título seguinte:
Assento das pessoas que pretendem e dam esmolos para a obra que osenado

pertende fazer huma nova Gafaria em que se handem recolher todos os Lazaros desta Ilha principiada a tirar pelos veriadores em 7 de Junho de 1734 [...] ” (Nascimento, 1931: 107)

A CMF precedia a recolha de esmolos para poder manter esta instituição cívica.

“Sem que, de antemão fosse previsível, o Hospital de S. Lázaro, situado no alto de Santa Catarina, próximo da Capela do mesmo nome, ainda, felizmente, existente, e onde eram tratados doentes de lepra, viria a desempenhar papel importante na magra questão da cadeia do Funchal.” (Santos, 1998: 9)

Foi resolvido instalar provisoriamente no edifício do antigo Hospital de São Lázaro os reclusos da cadeia, devido à destruição da mesma e da Câmara que se situavam no fim da Rua Dr. António José de Almeida.

A Rua da Conceição fica entre a Rua do Bom Jesus e o Largo do Phelps. Esta Rua pertence também à freguesia de Santa Luzia.

“Um ofício da Presidência da Comissão Administrativa da Junta Geral deste distrito, sob nº 2025 de 15 do corrente, pedindo como fisco de perpetuar o nome do republicano Senhor Francisco Correia Heridia, que assinaladas merições prestou à terra que lhe foi berço, o sacrifício pela república, seja dado a uma das Ruas desta Cidade o nome d’aquele benefeito cidadão. A proposto pelo Senhor Presidente foi resolvido denominar Rua Correia Herrédia a actual Rua da Conceição.”³⁶

Foi feita a anterior alteração em honra ao visconde da Ribeira Brava. Contudo hoje em dia continua com o anterior topónimo.

O **Largo da Igrejinha** formado pela Avenida Gonçalves Zarco, Rua da Carreira, Rua das pretas e Rua câmara pestana, tem este topónimo por nesse lugar ter existido uma capela dedicada a Nossa Senhora da piedade, a que se chamavam igrejinha, fundada em 1613 por Domingos Rodrigues Garcez e demolida pela câmara em 1836.

A **Calçada de São Lourenço** fica entre o Palácio de São Lourenço e as Galerias de São Lourenço, no sentido norte temos a Avenida Arriaga e no sentido sul temos a Rua das Fontes. Também já se denominou Calçada das Fontes.

A **Travessa do Cabido** fica situada na parte de trás da Igreja da Sé e liga a Rua de João Gago à Rua do Sabão. Antigamente era nesta zona que estava o Cabido da Sé.

Congregação de cônegos de uma sé, que emitem pareceres e decisões, Hoje em dia no edifício do cabido situam-se os arquivos e salas de reuniões, na Sé.

O **Beco de São Sebastião** tem este topónimo por ficar perto de onde antes havia a capela de São Sebastião demolida em 1803 para dar origem a o mercado de São

³⁶ARM, CMF, *Vereações*, “Acta da sessão da Comissão Administrativa de 24 de Abril de 1919”, Liv. 3, Fl.99.

Sebastião, anteriormente situado na zona do largo do Chafariz. Neste beco temos hoje em dia um café. É um beco de pouca dimensão.

A **Travessa de São Paulo** e o **Largo de São Paulo** situam-se na Rua Dr. Brito Câmara. Apelidam-se assim por estarem perto de onde era antigamente a Igreja de São Paulo.

O maior parque da Freguesia da Sé é o **Parque de Santa Catarina**. Fica no lado esquerdo para quem sobe a Avenida do Infante. Chama-se assim por lá estar a Igreja de Santa Catarina. Segundo o manuscrito do Cónego Jerónimo Dias Leite quem decidiu construir a capela de Santa Catarina foi Dona Constança Roiz esposa de Gonçalves Zarco.

“Há Capitos Costança Roiz por ser mulher sancta e muito deuota da bemaumentada santa Catarina, Alij donde primeiro fez ho capitão morada (quando chegou aho Funchal) mandou fazer hũa Igreja desta sancta, e apar della fez muitas casas, pera agasalhado de mulheres de boa uida pobres merceeiras aquém deixou esmola pera sempre terem cuidado de limparem e seruirem aquela casa como inda agora se costuma.” (Leite, 1947: 21)

Este parque situa-se onde era antigamente o Cemitério das Angústias, o cemitério da Cidade do Funchal, criado em 1836 e que em 1939 passa para o atual cemitério da cidade situado em São Martinho.

“[...] o terreno das angústias, terreno este onde se tem projectada a nova Cidade, e onde se tem edificado muitas casas, depois que o Bispo fez encanar as Fontes de S. João para aquele lugar, que não tinha água, concorrendo para tão boa os Funchalenses Portugueses[...] também neste mesmo terreno das Angústias é onde se estabeleceu o Cemitério Público da Santa Casa[...].” (Carita, 1982 a: 57)

Lembre-se que anos depois da povoação as altas nobrezas e pessoas com mais dinheiro se situaram nos terrenos das Angústias separando-se da classe baixa que situava-se essencialmente na zona de Santa Maria Maior.

Este parque tinha terrenos que pertenciam à família Blandy incluindo uma quinta que se situava onde está hoje o espaço do Casino da Madeira. Posteriormente a Câmara resolveu comprar estes terrenos.

“Resolveu a Câmara Municipal do Funchal adquirir à ...Blandy Brothers & C^a Limitada, o prédios rústicos e urbanos situados na zona Oeste continuada à Construção do Parque de Santa Catarina e limitados o Norte pela Avenida Infante, Terrenos municipais e antigo cemitério das Angústias, a leste por terrenos municipais a Ribeira de São João, a Leste pela Estrada DA Pontinha e a Oeste pela Quinta da Nossa Senhora das Angústias [...]”³⁷

³⁷ARM, CMF, *Vereações*, “Acta de Reunião de Câmara Municipal de 23 de Março de 1945”, Liv. 38, fl.231.

No século XX começam a dar-se os primeiros passos para a construção do Parque de Santa Catarina. No trabalho apresentado pelo arquiteto João Costa em 1945 este Parque aparecia como Parque Municipal.³⁸

“No estudo deste 2º. Ante-Projecto do Novo Parque da Cidade do Funchal obedeceu-se às determinações das entidades oficiais, designadamente da vereação do Município que interpretamos, em sùmula, como segue:

1º - A Estrada da Pontinha deverá ser alargada no perímetro confinante o futuro parque, na extensão em que seja possível, procedendo-se à demolição dos muros de suporte aí existentes aos subsequentes desaterros.

2º - Toda a orla da encosta do parque ao longo desta Estrada deverá ser aproveitada mantendo tanto quanto possível o aspecto natural, como os maciços rochosos À vista e reduzindo ao mínimo as obras de arte custosas, como muros de suporte de grande envergadura, pérgolas de grande extensão, etc.,etc.;

3º- Sem prejuízo da grandeza e da Unidade próprias de um parque citadino, todo o recinto deverá ser tratado com certa rusticidade peculiar às quintas da Madeira, não excluindo alguns trechos do jardim mais formais como estavam projectados;

4º- Devem ser excluídos os edifícios de grande porte, como o futuro Casino e Grande Restaurante, embora se prevejam arranjos que permitam uma sua possível futura localização;

5º Poderá manter-se o arranjo do acesso do lado oriental – capela de Santa Catarina – substituindo-se a escadaria e fontes previstas a Sul da Capela, por um arranjo mais modesto e adaptado ao relevo do solo nas arribas;

6º - A vegetação existente deverá ser conservada tanto quanto possível, sobretudo a que se presume que tenha viabilidade de se manter vigorosa.”³⁹

Este novo empreendimento estava muito virado para o turismo que estava a aumentar. O autor refere que este 2º anteprojecto engloba praticamente o primeiro mas dispensa obras dispendiosas. Cita por exemplo a memória descritiva do 1º anteprojecto eliminado as indicações que deixam de se ajustarem a este.

“ O presente projecto tem por fim estabelecer o traçado de um grande parque público, abrangendo os terrenos compreendidos no perímetro formado pelas seguintes artérias: Praça e Avenida do Infante, Estrada da Pontinha, Rua da Princesa Maria Amélia, parte da Rua Imperatrix D. Amélia e Bêco de Paulo Dias.”⁴⁰

³⁸Idem, DOP, *Estudos de Remodelação da zona Marginal da Cidade do Funchal*, João Guilherme Faria da Costa, 1945, Cx. 818, Processo nº 37.

³⁹Idem, *Ibidem*, “Memória Descritiva e Justificativa” 2º *Ante Projecto - Parque de Santa Catarina Funchal*, Arquitecto Miguel Jacobetty, 1955, Cx.753, cap 5, fl.2.

⁴⁰Idem, *Ibidem*, 1955, Cx.753, cap 5, fl.2.

Este plano dependia da CMF e da Delegação de Turismo da Madeira (DTM) e só seria terminado em 1966. O projeto de Jacobetty foi realizado mas com alterações de António Viana Barreto.

Hoje em dia o Parque de Santa Catarina é um amplo e bonito espaço verde, com vários bancos para desfrutar da sombra das muitas árvores plantadas ao seu redor, um café, um lago, conjunto de esculturas. Ao longo do ano são apresentados vários espetáculos culturais neste espaço.

Existem dois percursos que não pedestres e que têm ambos topónimos ligados com a religião. São eles a Ribeira de Santa Luzia e a Ribeira de São João. A **Ribeira de Santa Luzia** é das principais da Cidade do Funchal. Juntamente com as Ribeira de São João e a Ribeira de João Gomes. Esta ribeira também já se apelidou de Fundoa. “É uma das três ribeiras que atravessam a cidade e tem este nome porque, numa eminência da sua margem esquerda, estava situada a capela desta invocação. Os seus terrenos marginais foram dos primeiros sujeitos a diversas explorações agrícolas nos tempos primitivos da colonização.” (Silva & Meneses, 1998: vol. III - 206)

Esta ribeira passa diretamente no centro do Funchal, parte do seu percurso na Freguesia da Sé é feito entre a Rua 5 de outubro e a Rua 31 de janeiro.

A **Ribeira de São João** conquista o seu percurso, na Freguesia da Sé este faz-se junto à Avenida Calouste Gulbenkian. Esta ribeira já teve vários topónimos. “Nasce nos picos Escalvado e de Santo António, e recebe as águas dos ribeiros de Água de Mel e Santana. Teve outrora as denominações de ribeira de Santa Catarina, de S. Pedro, Grande e de S. Francisco, e é conhecida ainda pelos nomes de ribeira de S. Lázaro e de ribeira de Santo António” (Silva & Meneses, 1998: vol. III – 206). Já se chamou de Ribeira de São Francisco no século XV por ter perto do seu percurso, mais propriamente perto da Capela de São João um pequeno mosteiro franciscano. Denominou-se também de Ribeira de Santa Catarina, Ribeira de São Pedro e de São Paulo. Muitas alterações foram feitas nesta ribeira ao passar dos anos. Contudo, nenhuma alteração travou a braveza da ribeira em tempos chuvosos. Um dos tópicos que envolveu sempre esta ribeira no início do século XX foi parte da sua cobertura que acabou por se concretizar como hoje podemos constatar.

Na verdade, só temos visibilidade da Ribeira até onde é hoje o fim da Avenida Gulbenkian, depois apenas vemos a sua foz já do outro lado da rotunda que liga a Avenida do Mar à Avenida Sá Carneiro. Foi decidido cobrir a ribeira e construir algumas urbanizações ao seu redor, como o *Centro Infante* e sucessivas Vias públicas

(Rua Jerónimo Dias Leite, Rotunda de ligação entre a Avenida Arriaga e a Avenida do Infante).

Antigamente não existia essa cobertura e ao chegar perto de onde está hoje a rua da Ponte de São Lázaro existia uma ponte que ligava estas duas partes da cidade, chamada Ponte de São Lázaro.

Nesta categoria constam também antropónimos que estão relacionados com a religião.

A **Rua Cónego Jerónimo Dias Leite** que "Foi cónego de meia prebenda da Sé do Funchal, lugar de que tomou posse no ano de 1572, sendo em 1590 nomeado cónego de prebenda inteira." (Silva & Meneses, 1998: vol. I - 361). Foi das primeiras pessoas a escrever sobre os relatos do descobrimento da Ilha da Madeira pelos capitães donatários. Esta rua situa-se entre a Praceta do Infante e a Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses e contorna *Centro Infante*. Anteriormente não existia esta ligação. Foi o Arquiteto Anibal Trigo no final do século XIX que projetou juntamente com o aumento da Rua José Conselheiro Silvestre Ribeiro, o aumento da Rua da Ribeira de São João, hoje essa parte aumentada é a Rua Cónego Jerónimo Dias Leite. No projeto do mesmo no Anexo 7 são verificáveis as mudanças.⁴¹

Foi apenas em 1949 que foi aberta esta Rua e deliberado que assim se chamasse. "Deliberou ainda a Câmara dar o nome do cronista da Madeira, do século dezasseis, Cónego Jerónimo Dias Leite, à nova rua que liga a Praça do Infante à Avenida do Mar."⁴²

A **Rua Padre Gonçalves Câmara** perto da Câmara Municipal do Funchal. Este padre teve muita importância no século XVI ligado a expansão dos jesuítas em Portugal. "Jesuíta e madeirense ilustre, que desempenhou altas funções na corte de D. Sebastião, nomeadamente como mestre do Príncipe, e depois, confessor do Rei." (Trindade, 2005: 195)

"Nascido na Madeira em 1518, sendo seus pais «ilustríssimos por sangue», João Gonçalves da Câmara de Lobos, capitão-Mor da Ilha e Dona Leonor Vilhena, filha de D. João de Meneses, Conde de Tarouca que foi prior do Crato, teve por irmãos, entre outros, a Simão Gonçalves da Câmara, 1º Conde da Calheta e a Martim Gonçalves da Câmara, também jesuíta [...]" (Trindade, 2005: 198).

⁴¹ARM, CMF, *Documentação oriunda da Secção de Registo de Bens Imóveis / Divisão de Aquisição e Alienação de Bens Imóveis / Departamento Jurídico*, "Planta do Projeto de prolongamento das ruas da Ribeira de São João e Conselheiro Silvestre até à Pontinha", 1897, Cx: 2443

⁴²ARM, CMF, *Vereações*, "Acta da Reunião da Câmara Municipal de 17 de Novembro de 1949", Liv. 46, fl. 125.

Em 1942 surge esta nova rua devido as novas urbanizações ao seu redor sendo a principal da Praça do Município.

“Nomenclatura de Novas Vias Públicas: Praça do Município “a Praça recentemente construída em frente do edifício dos Paços do Concelho; Rua do Padre Gonçalves da Câmara (Luiz Gonçalves da Câmara, a via pública recentemente construída a Sul dos edifícios dos Paços do Concelho, Rua Marquez do Funchal, à via pública em construção a norte do mesmo edifício e rua “Câmara Pestana” a via pública recentemente alargada entre a praça do Município e o Largo da Igreja.”⁴³

As ruas circundantes à praça ganham topónimos após a construção da mesma.

Por fim, uma rua com um nome estrangeiro relacionado com a religião é a **Rua Mary Jane Wilson** - “fundadora da congregação das irmãs franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias”⁴⁴. A Madre Mary Jane Wilson nasceu na “Índia Inglesa a 3 de Outubro do ano de 1840”. Veio residir para a Madeira em 1880 e dos muitos feitos que fez distingue-se: a criação de uma escola inglesa na Rua de São Pedro. Prestou serviços de caridade aos hospitais e fundou uma “comunidade religiosa diocesana” (Silva & Meneses, 1998: vol. III - 429). Esta rua situa-se entre a rua João de Deus e a Rua do Carmo. Anteriormente esta rua intitulava-se de Travessa ou Beco da Conveniência.

Em suma, os topónimos religiosos como evidenciamos são dos mais antigos que testemunham as crenças, feitos, nomes religiosos que marcaram a Freguesia da Sé.

⁴³Idem, Ibidem, “Acta de comissão da câmara Municipal de 17 de Setembro de 1942”, Liv 34, Fl 29.

⁴⁴Frase retirada da placa toponímica existente nesta Rua, ver Anexo 16, Fotografia 1.

4 ANÁLISE DE DADOS TOPONÍMICOS

Como podemos verificar os topónimos que existem na Freguesia da Sé são muitos e ao longo do tempo sofreram algumas alterações consoante o estado político e social da altura. Ao percorrer todos estes topónimos aprendemos muito sobre esta freguesia e todas as fases que a mesma passou.

O objetivo deste capítulo é apresentar algumas análises sobre a recolha de topónimos efetuada no local de estudo. Na verdade, não existem documentos publicados com este tipo de análise aos topónimos, logo não fizemos um estudo comparativo mas limitamo-nos apenas a apresentar fatos.

No total na Freguesia da Sé existem 134 topónimos. Como vamos poder observar existem áreas com mais topónimos do que outras.

Número de Topónimos	
Área	Nº
Acontecimentos marcantes do quotidiano	3
Antropónimos	43
Antropónimos ligados ao período dos Descobrimentos	6
Evolução política / social	4
Flora e Fauna	6
Materiais	5
Ofícios	5
Posição / localização	14
Primeira República	4
Proximidade de um local ou edifício	16
Religião	28
Total	134

Tabela 1 Contagem por área dos topónimos

O grupo com mais topónimos é o dos “antropónimos” com 43 topónimos. Abaixo deste grupo, com uma diferença notória, o grupo da “religião” com 29 topónimos. Com 16 topónimos, o grupo “proximidade de um local ou edifício”, e com 14 o grupo “posição/ localização”.

O grupo com menos topónimos é o grupo “acontecimentos marcantes do quotidiano” com apenas 3 topónimos. Sendo os restantes grupos variáveis entre os 4 e os 6 topónimos.

É de referir que existem topónimos que repetem-se mudando apenas o tipo de espaço. É comum chamar-se beco e travessa ao mesmo local ou vice-versa como também de beco e rampa. Exemplo:

-Rua da Imperatriz Dona Amélia;

-Beco da Imperatriz Dona Amélia:

Como foi possível observar em todas as classes dos topónimos, a classe predominante é a dos “antropónimos” dentro desta categoria existem outras subcategorias de pessoas ligadas a diversas áreas como mercadores, militares, médicos, políticos entre outros.

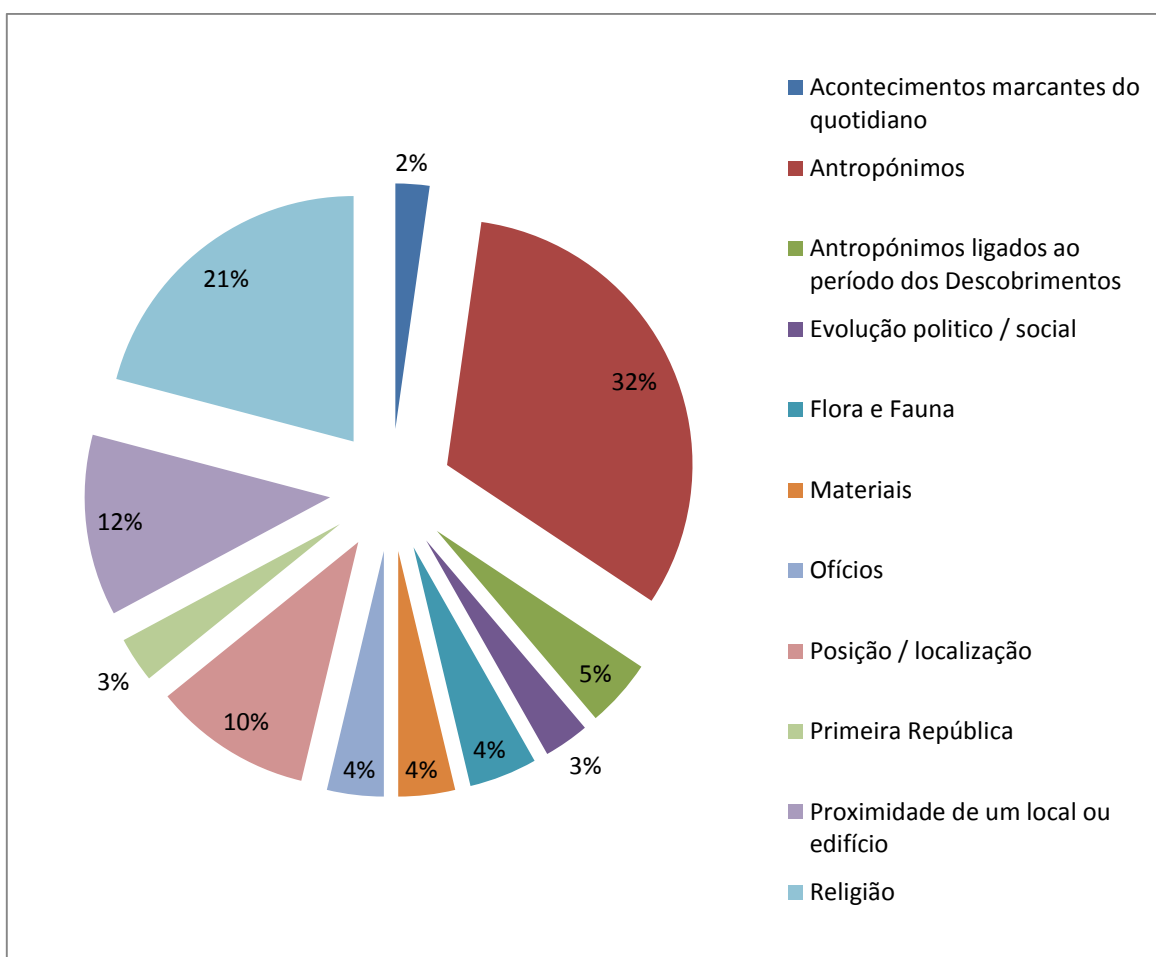


Figura 2 Percentagem por área de Topónimo

Não foi incluído neste grupo alguns antropónimos porque pertenciam à categoria da “religião”, o mesmo com a categoria da “primeira república”. Ao constatar que os topónimos que pertenciam à área dos descobrimentos eram todos antropónimos foi nomeado esse grupo como o “antropónimos ligados ao período dos descobrimentos”.

Outro dado importante é que apenas temos no grupo dos antropónimos três topónimos com o nome de mulheres, são estes:

- Rua Mary Jane Wilson;
- Rua Imperatriz Dona Amélia;
- Rua da Princesa Dona Maria Amélia;

Outro aspeto é só existir dois diminutivos “Ribeirinho” e “Igrejinha” e uma corruptela para “Cabouqueira” que a designação correta é “Cabouqueiro”.

Três topónimos têm um aspeto diferente nas suas denominações. Consta na sua denominação dois termos genéricos. São exemplos:

- Largo da Praça;
- Travessa da Praça;
- Rua da Ponte de São Lázaro;

São constituídos assim para lembrar uma antiga tipologia urbana existente no mesmo sítio. O Largo da Praça e a Travessa da Praça lembram uma antiga Praça e a Rua da Ponte de São Lázaro uma antiga ponte com esta denominação.

Existem duas Ruas com datas no seu topónimo, é o exemplo das Rua 5 de outubro e a Rua 31 de janeiro.

No Anexo 1 é possível ver as alterações toponímicas que já tiveram os 134 locais atuais. Observando esse mesmo anexo é verificado que o grupo toponímico com mais alterações é o grupo “Primeira República” e o topónimo que tem mais alterações é a “Avenida a Arriaga” que já teve 11 topónimos. Os restantes topónimos variam entre 5 a 0 mudanças.

Verificamos encurtamentos em alguns topónimos como é o exemplo da Rampa do Cidrão que antes era Rampa de João Cidrão, Avenida Arriaga que antes era Avenida Dr. Manuel de Arriaga e Rampa D. Manuel que antes era Rampa Dom Manuel de Castro.

O período da Primeira República modificou alguns topónimos ligados à Religião Católica e o mesmo aconteceu com o Estado Novo em relação aos anteriores. Hoje em dia não poderiam existir mudanças tão radicais.

Nem sempre um topónimo está posicionado em um local que o melhor represente por vezes está ao acaso apenas por fazer-se destacar ou homenagear. Torna-se frequente

encontrar antropónimos por reconhecimento e não por ligação ao local. Falamos por exemplo dos antropónimos “Rua Cónego Jerónimo Dias Leite”, “Avenida Manuel de Arriaga”, “Rua Dr. António José de Almeida” entre outros.

Por fim, são estes alguns dados que foram recolhidos a partir da análise da amostragem total dos topónimos da Freguesia da Sé. Será este um estudo que no futuro poderá mesmo ser comparativo com os topónimos de outras freguesias da cidade do Funchal ou até mesmo de toda a Ilha da Madeira e comparado passado alguns anos com as futuras alterações toponímicas.

VIII. CONCLUSÃO

O interesse por saber as justificações dos nomes cresceu no passar dos séculos e surgiram várias explicações que aparecem desde a época medieval nos relatos de viagem até hoje no estudo da “toponímia”.

É verificável um processo evolutivo na denominação. No início da colonização da ilha a razão da atribuição de um nome a um local ou sítio era depreendido pela memória do povo ou relatos, passava de geração em geração e posteriormente começava a ser discutido em sessões camarárias. Hoje em dia, o processo está bem estruturado e contamos com a organização de alguns departamentos das Câmaras de cada Município.

Ao longo deste trabalho, foi possível perceber as várias razões que se prendem com a atribuição de um nome a uma rua. Como foi verificado, por vezes é necessário recorrer a contextualização da época para um melhor esclarecimento.

A toponímia tem sido acompanhada pelas linguísticas, historiadores e arqueólogos e está desenvolvida em muitos países. É uma ciência que terá sempre fontes de estudo no futuro e que sofrerá constantes mutações a nível administrativo ao adequar-se às inovações do futuro.

A importância dada a toponímia diverge a nível internacional, nacional e regional. A nível internacional temos um trabalho que já foi feito há mais anos que tem sido cada vez mais bem definido e revelado uma maior importância política e administrativa. A nível nacional e regional começamos a dar os primeiros passos. Começam a existir mais publicações deste género.

Foi motivo desta dissertação dar mais um contributo para a toponímia da Ilha da Madeira e elucidar o leitor a conhecer esta ciência e a Freguesia da Sé. Esta investigação pode no futuro ir se complementando no aparecimento de novos testemunhos históricos relacionados com a Freguesia da Sé.

Para o estudo da toponímia foi necessário primeiro analisar o local de estudo a nível geográfico, urbanístico, social, cultural e histórico. Só através de uma análise de todos estes níveis e que foi possível ter uma visão completa da evolução toponímica da Freguesia da Sé.

Fica comprovado que através da mudança toponímica das ruas e do aparecimento das mesmas, vemos a evolução de uma cidade. De início o polo principal da cidade do Funchal centrava-se no lado da Igreja de Nossa Senhora do Calhau onde é hoje a zona

da Freguesia de Santa Maria, sendo o restante da cidade muito rural, mas, com o tempo e com a criação da Igreja da Sé esse primeiro polo dispersa-se e rapidamente vai se espalhando acompanhado da evolução e do crescimento urbano. Surgem então novas ruas para facilitar a deslocação e o comércio.

Como o local de estudo é urbano justifica-se o maior número de Antropónimos, estes que na sua maioria homenageiam pessoas não da Ilha ou freguesia mas que representaram a história política ou cultural nacional. Verificamos que o período de maior alteração aconteceu no final do século XIX e na primeira metade do século XX.

No decorrer deste trabalho, o olhar sobre as ruas do Funchal foi-se alterando. Ao passar por estas ruas é possível observar todo um processo de evolução e fragmentação de uma história que ainda permanece. O tempo pode por vezes apagar a história. Neste sentido é necessário conservar os nomes das ruas para que no futuro possamos reavivar antepassados.

Este é um trabalho para ser mais desenvolvido no futuro e contribuir como testemunho. Poderá ser englobado em um trabalho de estudo toponímico de todas as freguesias do Funchal ou até mesmo para o estudo de toda a toponímia da Ilha da Madeira.

Em suma, as vias públicas da Freguesia da Sé, a sua evolução física e morfológica formam uma miscelânea de histórias que estão associadas ao crescimento da Ilha.

IX. FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. METODOLOGIA CIENTIFICA

FRADA, João José Cúcio (2003), *Guia Prático para a Elaboração e Apresentação de Trabalhos Científicos*, 12ª Edição, Microcosmos, Chamusca.

REIS, Felipa Lopes dos (2010), *Guia Prático Como Elaborar uma Dissertação de Mestrado Segundo Bolonha*, Pactor, Lisboa.

2. INVESTIGAÇÃO - HISTÓRIA DA MADEIRA

FREITAS, António Aragão de, VIEIRA, Gilda França (1984), *Madeira Investigação Bibliográfica*, vol's II, DRAC, Centro de apoio de ciências históricas, Funchal.

VIEIRA, Alberto (1995), *Guia para a História e Investigação das Ilhas Atlânticas*, Região Autónoma da Madeira, CEHA, Coimbra.

3. DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIAS

BOLÉO, Manuel de Paiva (1963), *Enciclopédia luso-brasileira de cultura*, Verbo, Lisboa, vol's. XXIII.

BUENO, Francisco da Silveira (1988), *Grande Dicionário Etimológico prosódico da Língua Portuguesa*, Editora Lisa, São Paulo, vol's. VIII.

MACHADO, José Pedro (1977), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Livros Horizonte, 3ª edição, vol's. XV,

----- (1981), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Sociedade de Língua Portuguesa, Amigos do Livro, vol's. V.

SCHWIZER, Hans (1980), *Encyclopaedia universalis*, France, vol's. XX.

SERRÃO, Joel (2002), *Dicionário de História de Portugal*, Livraria Figueirinhas, Porto, Matosinhos. vol's. VI.

V.a (1960-1989), *Nobreza de Portugal e do Brasil*, Editorial enciclopédia, Lisboa, vol's. III.

V.a (2009), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, Lisboa : Temas e Debates. Usada a versão eletrónica original.

4. BIBLIOGRAFIA - TOPONÍMIA

- BATALHA, Célia, SALVADO, Salete (2000), “Placas Toponímicas – Génese e Evolução – Ensaio”, *III Jornadas sobre a Toponímia de Lisboa*, Lisboa, pp. 310-322.
- BOLÉO, Manuel de Paiva (1953), “Os estudos de Antroponímia e Toponímia em Portugal” *Revista de Portugal*, Série A, Nº 115, Vol. XVIII, Lisboa, pp. 145-152.
- CANAVEIRA, Manuel Filipe (2000), “A toponímia Urbana Vista à Luz da História das Ideias”, *III Jornadas sobre a Toponímia de Lisboa*, Lisboa, pp. 24-31.
- CARVALHO, Afonso (2004 a), *Da Toponímia de Évora século XV*, Colibri, Évora.
------(2004 b), *Da Toponímia de Évora: dos meados do séc. XII a finais do séc. XIV*, Colibri, Évora.
- DIAS, Francisco da Silva (2000), “Tipologia de Espaços Urbanos – Análise Toponímica”, *III Jornadas sobre a Toponímia de Lisboa*, Lisboa, pp. 303-310.
- GOMES, Reis Álvaro (1964), “Madeira e Madeirenses na Toponímia de Lisboa”, *Revista Municipal*, nº 112 / 113, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, pp. 16-25.
- MACHADO, José Pedro (1976), *Ensaio sobre a toponímia do concelho de Faro*, União, Faro.
----- (1980), *Ensaio sobre a toponímia do concelho de Oeiras*, Câmara Municipal de Oeiras, Oeiras.
- MEDINA, João (1993), “A Toponímia – Local de Memória”, *Primeiras Jornadas de História Local e Regional*, Colibri, Lisboa, pp. 35-43.
- MENDES, Duarte, (2008), *Perfil Toponímico de Ponta Delgada (Contributos para a sua identificação)*, São Vicente.
----- (2010), *Matriz Toponímica da Fajã da Ovelha (achegas para a sua identificação)*, São Vicente.
- MONTE, Gil do (1982), *Dicionário de toponímia eborense*, Eborense, Évora.
- PEREIRA, Teresa Sancha (2000), “A toponímia durante a I República”, *II Jornadas de Toponímia em Lisboa*, Lisboa, pp. 93-125.
- SANTOS, José Mendes dos (1982), *Toponímia covilhanense*, Câmara Municipal de Covilhã, Covilhã.
- SILVA, António Vieira (1945), “Nomes de Pessoas na Toponímia Lisboeta”, *Revista Municipal*, 1º e 2º Trimestre de 1945, Nº 24 e 25, Publicação Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, pp. 3-7.

SILVA, Jorge Armando (1987), “Toponímia e Ideologias” O Estado Novo. Das origens ao fim da autarcia, vol. II, Lisboa, pp. 387-413.

SOUSA, Raul Henrique Pereira de (1985), *Almada : toponímia e história das freguesias urbanas*, Câmara Municipal de Almada, Almada.

VERÍSSIMO, Nelson (2004), “Toponímia: património a preservar”, *Ilarq*, nº14, Funchal, pp. 49-59.

5. ESTRANGEIROS E A MADEIRA

BRANCO, Maria dos Remédios Castelo (1989), “Testemunhos de Viajantes Ingleses sobre a Madeira”, *Colóquio Internacional de História da Madeira 1986*, DRAC, Funchal, pp. 198-209.

FRANÇA, Isabella de (1970), *Jornal de uma visita à Madeira e a Portugal: 1853 – 1854*, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, Funchal.

VERNE, Júlio (1979), *A Agência Thompson & C.A*, Livraria Bertrand, Lisboa.

URBAIR, B. Von Wüllerstorff (1873), “À roda do globo nos annos de 1858 e 1859”, Trad. João Félix Perreira, *Jornal A lâmpada*, de 17 de maio de 1873 a 10 de setembro de 1873.

6. BIBLIOGRAFIA GERAL

ARAGÃO, António (1979), *Para a história do Funchal : pequenos passos da sua memória*, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Funchal.

CÂMARA, Paulo Perestrelo da (1950), *Diccionario Geographico Historico politico e litterario do Reino de Portugal e seus Dominios*, Tomo Primeiro, Lisboa.

CARITA, Rui (1982 a), *Paulo Dias de Almeida, Tenente-coronel do Real Corpo de Engenheiros e a sua descrição da ilha da Madeira de 1817/1827*, ed. DRAC, Funchal.

----- (1982 b), *A Planta do Funchal de Mateus Fernandes 1570*, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Coimbra.

----- (1984), *O regimento de Fortificação de D. Sebastião (1572) E a carta da Madeira de Bartolomeu João (1654)*, Centro de Apoio Universitário, Gráfica Maiadouro, Vila da Maia.

----- (1995), “Planos e Projectos de Urbanização para o Funchal”, *Revista Margem*, nº1, Funchal, pp. 27-31.

- (2003), “O sítio da Sé”, *Monumentos*, Lisboa: Direcção – Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, pp. 9 - 17.
- CASTRO, Pe. Carlos Jorge de Faria (1957), *Almanaque da Madeira*, Anuário 1956-1957, 2ºano de publicação, Delegação de Turismo da Madeira, Funchal, 1957.
- CLODE, Luiz Peter (1950), *Registo Genealógico de Famílias que passaram à Madeira*, Tipografia Comercial, Funchal.
- COSTA, José Pereira da (1972), *Arquivo Histórico da Madeira*, Tombo 1ª, vol. XVIII, Funchal.
- (1978), *A construção da Alfândega Nova do Funchal*, Centro de Estudos de Cartografia Antiga, CXIII Secção de Lisboa, Junta de Investigações científicas do Ultramar Lisboa, Lisboa.
- (1995), *Vereações da Câmara Municipal do Funchal, Século XV*, Região Autónoma da Madeira, CEHA, Imprensa Coimbra, Coimbra.
- FRUTUOSO, Gaspar (2007). *As saudades da terra : história das Ilhas, Madeira, Desertas e Selvagens : manuscrito do século XVI*, ed. Fac-similada, Coleção Funchal 500 anos, Empresa Municipal Funchal 500 anos.
- LEITE, Jerónimo Dias (1947), *Descobrimento da Ilha da Madeira e Discursos da Vida e Feitos dos capitães da Dita Ilha*, Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, ed. Fac-similada, Coimbra.
- NASCIMENTO, João Cabral do (1931), “A Gafaria de S. Lázaro e a sua confraria”, *Arquivo Histórico da Madeira*, Funchal, vol. I, pp. 107 – 116.
- (1932), “Um inglês rebelde aos melhoramentos camarários”, *Arquivo Histórico da Madeira*, vol.II, pp. 139 - 142
- (1932), “A Planta do Funchal existente na Biblioteca Pública do Municipal do Pôrto”, *Arquivo Histórico da Madeira*, Lisboa, Impressão e Gravuras Bertrand, vol. VI pp. 65 - 70.
- (1949), “De rebus Pluribus”, *Arquivo Histórico da Madeira*, Lisboa, Impressão e Gravuras Bertrand, vol. VII, pp. 243 - 252.
- NETO, Vítor (2009), “A questão religiosa: Estado, Igreja e conflitualidade sócio-religiosa”, *História da Primeira República Portuguesa*, Coord. de Fernando Rosas e Maria Fernanda Rollo, Tinta da China, Lisboa, pp. 129-148.
- PADRÃO, Cabeça (1969), “Defesa e Recuperação da Paisagem Urbana de qualidade”, *Colóquios de Urbanismo*, Câmara Municipal do Funchal, pp. 101-121.

- RODRIGUES, Paulo Miguel (2008), *A Madeira entre 1820 e 1842; Relações de Poder e Influência Britânica*, 500 anos do Funchal, Empresa Municipal, Funchal.
- S.a, (1949), *Roteiro e Planta do Funchal*, Edição da Delegação de Turismo da Madeira, Funchal,
- SAMARA, Maria Alice (2009), “O republicanismo”, *História da Primeira República Portuguesa*, Coord. de Fernando Rosas e Maria Fernanda Rollo, Tinta da China, Lisboa, pp. 61-77.
- SARMENTO, Alberto Arthur, (1947) *Ensaio Históricos da Minha Terra* (Ilha da Madeira), vol's III, 2ª edição, Tipografia Esperança, Funchal.
- (1951) *Fasquias e Ripas da Madeira*, 2ª Edição, Edição da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, Funchal.
- (1953), *Freguesias da Madeira*, Junta Geral do Distrito Autónomo, Funchal.
- SERRÃO, Joel, (1992) *Temas históricos madeirenses*, Centro de Estudos de História Atlântica, Coleção atlântica nº 2, FUNCHAL.
- SILVA, Padre Augusto da (1934), *Dicionário Corográfico do Arquipélago da Madeira*, Funchal, Edição do Autor.
- SILVA, Padre Augusto da, MENESES, Carlos Azevedo de (1998), *Elucidário Madeirense*, vol's. III, Direcção Cultural dos Assuntos Culturais (DRAC), ed. Fac-símile (1940 – 1946), (1ª ed -1921), Funchal.
- SILVA, Lúcia M (2007), “Espólio de João Brito Câmara cedido ao Arquivo Regional”, *Jornal da Madeira*, 18 de Janeiro de 2007, Funchal, p. 15.
- SOUSA, Álvaro Manso (1955), “Ruas do Funchal (notas para o estudo da toponímia citadina)” *Das Artes e da História da Madeira*, Tipografia Esperança, Funchal, pp. 40-42.
- TRIGO, Adriano, TRIGO, Aníbal (1910), *Roteiro e guia do Funchal*, Funchal.
- TRINDADE, Cristina (2005), “D. Luís da Câmara mestre e confessor de D. Sebastião”, *Isleña*, nº 35, Julho-Dezembro 2005, Funchal, pp. 193-205.
- VASCONCELOS, Teresa (2008), *O Plano de Ventura Terra e a Modernização do Funchal (Primeira metade do século XX)*, Coleção Funchal 500 anos, Empresa Municipal Funchal 500 anos, Funchal.
- VERISSIMO, Nelson (2003), “A construção da Sé”, *Monumentos*, Lisboa: Direcção – Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa, pp. 19 – 21.

- V.a (2008), *Luís da Câmara Pestana Uma vida curta, uma obra enorme*, 500 Anos Funchal, Empresa Municipal Funchal 500 anos, Funchal.
- V.a (1999), *Calouste Sarkis Gulbenkian O homem e a sua Obra 1869 – 1999*, Fundação Calouste Gulbenkian Lisboa.
- V.a (2007), *Funchal em mapas e números*, Gabinete de Informação Geográfica, Funchal : Câmara Municipal do Funchal, Funchal.
- VITERBO, Joaquim Santa Rosa de (1984), *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, Livraria Civilização, Porto.

7. DISSERTAÇÕES

- BAZENGA, Irene Cecília Silva (1954), *Subsídios para a Toponímia da Ilha da Madeira*, Dissertação apresentada como exame final de licenciatura em Filologia Românica, Lisboa.
- LOPES, Agostinho do Amaral (2005), *A Obra de Fernão Ornelas na Presidência da Câmara Municipal do Funchal 1935 – 1946*, Universidade da Madeira, Funchal, Dezembro de 2005.
- SILVA, José Manuel Azevedo (1993), *A Madeira e a Construção do Mundo Atlântico (Séculos XV – XVII)*, vol's. I e II, Faculdade de Letras de Coimbra, Coimbra, 1993.
- MARTINS, Teresa Maria Teixeira (1999), *Os primeiros anos da república na Madeira (1910-1913)*, Dissertação do Mestrado em História da Madeira, Funchal.

8. JORNAIS

- S.a (1927), “O problema das Estradas” *O Jornal*, Funchal - Terça-Feira, 18 de Janeiro de 1927, p.1.
- SANTOS, Rui (1993), Ruas da Cidade do Funchal, Crónica de Domingo, *Jornal da Madeira (21 de Fevereiro de 1993 a 21 de Abril de 1993)*, ARM- (edição fotocopiada de edições jornalísticas),
- , (1998), “A demolição da Cadeia do Largo da Sé”, Crónica de Domingo, *Jornal da Madeira*, Data: 22 de Março de 1998, Funchal, p.9.
- , (1999), “Pessoas, ruas e nomes”, *Jornal da Madeira*, 11 de julho de 1999, Funchal, p. 10.

-----, (2002), “Retalhos da história da cidade”, crónica para domingo, *Jornal da Madeira*, 06 de Janeiro de 2002, Funchal, p. 10.

-----, (2001a), “Retalhos da história da cidade”, crónica para domingo, *Jornal da Madeira*, 14 de Outubro de 2001, Funchal, p. 27.

-----, (2001b), “Retalhos da história da cidade”, crónica para domingo, *Jornal da Madeira*, 16 de Dezembro de 2001, Funchal, p. 14.

----- (2002), “Retalhos da história da cidade”, crónica para domingo, *Jornal da Madeira*, 21 de Outubro de 2001, Funchal, p. 27.

9. DOCUMENTOS DA INTERNET

ARM, Nesos, AHU; caixa nº 25, doc. 8290. Ofício do Governador, D. Manuel de Portugal e Castro, informando favoravelmente acerca do requerimento de Joaquim Vicente Sanches, 1º Tenente de Artilharia 2, pedindo para ser promovido ao posto de Capitão agregado do Batalhão de Artilharia, por se haver reformado o Capitão Eleutério José Martins Pestana., Funchal, 17 de Março de 1825.

Disponível em:

<http://nesos.madeira-edu.pt/>

Consultado dia 4 de junho de 2011.

AIM (2010), “Maputo substitui topónimos coloniais”, Sábado, 20 Novembro 2010, *Jornal A verdade*.

Disponível em:

<http://www.verdade.co.mz/nacional/15512-maputo-substitui-toponimos-coloniais>

Consultado dia 7 de dezembro de 2010.

CLARKE, James Freeman (1880), *On Giving Names to towns and streets*, Brooks & Co, Boston.

Disponível em:

<http://www.archive.org/stream/ongivingnamestot00clar#page/n5/mode/2up>

Consultado dia 19 de março de 2011.

CORREIA, Rita (2006). *Rodrigues Sampaio na toponímia de Lisboa, Conferência apresentada por Ana Homem de Melo (CML/GEO)*. Recensão da conferência apresentada por Ana Homem de Melo (CML/GEO), no âmbito do Ciclo de Colóquios António Rodrigues Sampaio, Jornalista e Político, III.º Colóquio: Rodrigues Sampaio na memória lisiponense, I.ª Comunicação, que teve lugar a 23 de Novembro de 2006, no Gabinete de Estudos Olisiponenses.

Disponível em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RecursosInformativos/EstudosInternos/Efemerides/ToponimiaLX.pdf>

Consultado dia 7 de dezembro de 2010.

EDMUNDS, Flavell (1869), *Traces of History in the Names of Places*, London: Longmans, Green and Co, London.

Disponível em:

<http://www.archive.org/stream/traceshistoryin00edmugoo#page/n6/mode/1up>

Consultado dia 27 de outubro de 2010.

JACCARD, Henri, 1906, *Essai de Toponymie- Origine des noms de lieux habités et des lieux dits de la Suisse Romande*, Suisse Romande, Lausanne.

Disponível em :

http://www.archive.org/stream/EssaiDeToponymie/suisse_romande_toponymie#page/n11/mode/2up

Consultado dia 14 de fevereiro de 2011.

LONGNON, Auguste Honoré (1920) *Les Noms de Lieu de la France*, E. Champion, France.

Disponível em:

<http://www.archive.org/stream/lesnomsdelieudel01long#page/n3/mode/2up>

Consultado dia 27 de outubro de 2010.

LYALL, Alfered (1827), *Rambels In Madeira and in Portugal*, Kivington, London.

Disponível em: <http://purl.pt/17078/2/>

Consultado dia 24 de abril de 2011 .

MCCLURE, Edmund(1922), *British Place-Names In their Historical Setting*, London : Society for Promoting Christian Knowledge, London.

Disponível em:

<http://www.archive.org/stream/britishplacename00mcclrich#page/n3/mode/2up>

Consultado dia 14 de fevereiro de 2011.

NUNES, José Joaquim (1921) “Nomes e Pessoas na Toponímia Portuguesa” *Boletim da classe de letras*, Coimbra, vol. XIII, p.1257.

Disponível em:

<http://www.archive.org/stream/boletima13acaduoft#page/1256/mode/2up>

Consultado dia 24 de outubro de 2010.

SOUSA, João Figueira de (2004), *O Porto do Funchal no Contexto do Sistema Portuário Insular Regional: As Infraestruturas, os tráfegos e as funções portuárias*, Dissertação apresentada a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Disponível em:

http://www.aml.pt/rete/webstatic/publicacoes/sugere/docs/PortoFunchal_JFS.pdf

Consultado dia 23 de julho de 2011.

TAYLOR, Ellen M. (1882) , *Madeira Its Scenery and how to see it*, Edward Stanford, London.

Disponível em:

<http://www.archive.org/stream/madeiraitsscene00taylgoog#page/n10/mode/2up>

Consultado dia 22 de março de 2011.

THOMAS-STANDFORD, Charles (1910), *Leaves from Madeira Garden*, Jhon Lane Company, London.

Disponível em:

<http://www.archive.org/stream/leavesfrommadeir00thom#page/n9/mode/2up>

Consultado dia 22 de março de 2011.

10. FONTES ESPECÍFICAS

10.1 - ARM

10.1.2 - CMF

10.1.2.1 - Documentação *oriunda da Secção de Registo de Bens Imóveis / Divisão de Aquisição e Alienação de Bens Imóveis / Departamento Jurídico*, “Planta do Projecto de prolongamento das ruas da Ribeira de São João e Conselheiro Silvestre até a Pontinha”, 1897, Cx: 2443.

10.1.2.2 - Vereações do Funchal (de 1718 a 1974)

10.1.3 DOP

10.1.3.1 - “Memória Descritiva e Justificativa” *2º Ante Projecto - Parque de Santa Catarina Funchal*, Arquitecto Miguel Jacobetty, 1955, Cx.753, cap 5, fl.2.

10.1.3.2 - *Aterro e Regularização do Largo do Pelourinho*, 1907, Cx. 486, N°25.

10.1.3.3 - *Projeto da estrada entre a Alfândega e o Caes da Cidade*, “Memória Descritiva”, 1905, Cx: 486, Liv. 1867.

10.1.3.4 - *Estudos de Remodelação da zona Marginal da Cidade do Funchal*, João Guilherme Faria da Costa, 1945, Cx. 818, Processo n° 37.

X. Índice de Figuras

Figura 1 Freguesias da Cidade do Funchal.....	27
Figura 2 Percentagem por área de Topónimo.....	99

XI. Índice de Tabelas

Tabela 1 Contagem por área dos topónimos	98
---	----

XII. Índice de Anexos

- **Anexo 1** Divisão dos Topónimos da Freguesia da Sé por áreas..... 121
- **Anexo 2** CMF, DFM, Ortofotomapa desdobrável da Freguesia da Sé com o registo das vias públicas, 2011. 122
- **Anexo 3** CMF, DOPE, Planta do Funchal de Mateus Fernandes 1567 – 1570..... 123
- **Anexo 4** CMF, DOPE, *Plan of the town of Funchal*, Capt. Skinner, 1775..... 124
- **Anexo 5** CMF, DOPE, *Planta da Cidade do Funchal de Agostinho José Marques Rosa 1780-1801*..... 125
- **Anexo 6** CMF, DOPE, *Planta da Cidade do Funchal que representa o estado em que ficou depois do aluvião de 3 de Outubro de 1803 e apezição das Praças*, 1804. 126
- **Anexo 7** ARM, CMF, Documentação *oriunda da Secção de Registo de Bens Imóveis / Divisão de Aquisição e Alienação de Bens Imóveis / Departamento Jurídico*, “Planta do Projeto de prolongamento das ruas da Ribeira de São João e Conselheiro Silvestre até a Pontinha”, 1897, Cx: 2443 127
- **Anexo 8** CMF, DOPE, *Planta Roteiro da Cidade do Funchal*, Adriano A. Trigo, Anibal A.Trigo, 1910..... 128
- **Anexo 9** CMF, DOPE, “Pontinha”, *Imagens do Plano de Ventura Terra 1913 - 1915* 129
- **Anexo 10** CMF, DOPE, “Zona da Câmara Municipal do Funchal” *Imagens do Plano de Ventura Terra 1913 – 1915*..... 129
- **Anexo 11** CMF, DOPE, “Zona do Jardim Municipal e Largo da Sé” *Imagens do Plano de Ventura Terra 1913 - 1915*..... 130

- **Anexo 12** CMF, DOPE, “Projeção de uma Praça e Avenida” *Imagens do Plano de Ventura Terra 1913 - 1915* 130
- **Anexo 13** CMF, GIG, “Freguesia da Sé 1”, *Plantas dos Anos 40 / 48 da Cidade do Funchal*, s.d..... 131
- **Anexo 14** CMF, GIG, “Freguesia da Sé 2”, *Plantas dos Anos 40 / 48 da Cidade do Funchal*, s.d..... 131
- **Anexo 15** CMF, DOPE, *Desenvolvimento da Malha Urbana da Cidade do Funchal* 132
- **Anexo 16** Fotografias 133

Fotografia 1 Placa Toponímica da Rua Mary Jane Wilson, Junho de 2011.	133
Fotografia 2 Placa Toponímica da Travessa do Reduto, Junho 2011.....	133
Fotografia 3 Palácio de São Lourenço e ruas circundantes, ARM, Acervo de António Aragão, Foto Perestrelos, Anos 40/60.	134
Fotografia 4 Palácio de São Lourenço e ruas circundantes, agosto de 2011.	134
Fotografia 5 Rua do Sabão, ARM, Acervo de António Aragão, Foto Perestrelos, Anos 40/60.	135
Fotografia 6 Rua do Sabão, agosto de 2011.....	135
Fotografia 7 Rampa do Cidrão, ARM, Acervo de António Aragão, Foto Perestrelos, Anos 40/60.....	136
Fotografia 8 Rampa do Cidrão, agosto de 2011.....	136
Fotografia 9 Rua da Sé e Rua dos Capelistas, ARM, Acervo de António Aragão, Foto Perestrelos, Anos 40/60.	137
Fotografia 10 Rua da Sé e Rua dos Capelistas, agosto de 2011.....	137
Fotografia 11 Rua de João Tavira, ARM, Acervo de António Aragão, Foto Perestrelos, Anos 40/60.....	138
Fotografia 12 , Rua de João Tavira, agosto de 2011.....	138
Fotografia 13 Largo do Chafariz, ARM, Acervo de António Aragão, Foto Perestrelos, Anos 40/60.....	139
Fotografia 14 Largo do Chafariz, agosto de 2011.....	139
Fotografia 15 Largo do Phelps, ARM, Acervo de António Aragão, Foto Perestrelos, Anos 40/60.....	140
Fotografia 16 Largo do Phelps, agosto de 2011.....	140

Fotografia 17 Rua da Carreira, ARM, Acervo de António Aragão, Foto Perestrelos, Anos 40/60.....	141
Fotografia 18 Rua da Carreira, agosto 2011.	141

XIII. ANEXOS

Topónimos Atuais	Topónimos Anteriores
Acontecimentos marcantes do quotidiano	
Rua da Queimada de Baixo	Rua do Estanco Velho
Rua da Queimada de Cima	Rua do Estanco Velho, Rua da Oliveira e Rua de Afonso Vaz
Rua do Estanco Velho	
Antropónimos	
Avenida Calouste Gulbenkian	Avenida da Ribeira de São João
Avenida Sá Carneiro	Avenida do Dr. José António de Almada
Beco Ataíde	
Beco do Coelho	
Beco Imperatriz Dona Amélia	
Beco Paulo Dias	
Beco do Pimenta	
Largo de António Nobre	Praça ou Redondo do Conselheiro, Largo do Ribeiro Seco.
Largo de Gil Eanes	
Largo do Visconde do Ribeiro Real	
Largo Phelps	Rua do Caldeireiro
Rampa de D.Manuel	Rampa de Dom Manuel de Castro
Rampa do Cidrão	Calçada do Cidrão, Ponte de João Cidrão, Rampa de João Sabino, Ribeira da Praça
Ribeira de João Gomes	
Rua Bettencourt	Rua Acciaioly
Rua Brigadeiro Couceiro	Travessa do Alecrim
Rua Brigadeiro Oudinot	Rua dos Pangeiros, Rua da Surraqueira
Rua Câmara Pestana	Rua da Igreijinha
Rua Carvalho Araújo	
Rua Conde Canavial	Travessa das Papoilas
Rua de João Gago	
Rua de João de Deus	
Rua de João Távira	
Rua do Conselheiro José Silvestre Ribeiro	
Rua do Esmeraldo	

Rua do Favilla	
Rua dos Aranhas	
Rua Doutor Fernão Ornelas	Rua dos Medinas, Rua dos Phelps, Rua Monteiro
Rua Dr. Brito Câmara	
Rua Imperatriz Dona Amélia	
Rua Major Reis Gomes	Rua 5 de Junho
Rua Paulo Dias	
Rua Princesa D. Maria Amélia	
Rua Serpa Pinto	
Rua Tenente Coronel Sarmento	
Rua Visconde Anadia	
Travessa Aguiar	
Travessa dos Reis	
Travessa Freitas	
Travessa do Nascimento	Beco do Nascimento e Beco do Chula
Travesso Paulo Dias	
Antropónimos ligados ao período dos Descobrimentos	
Avenida do Infante	Rua da Imperatriz D. Amélia, Rua das Angústias
Avenida Luís de Camões	
Avenida Zarco	
Praça Cristóvão Colombo	
Praça do Infante	
Largo de D. Manuel I	
Evolução político / social	
Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses	Praça da Rainha Praça do Marquês de Pombal Avenida do Mar
Largo da Restauração	
Praça da Autonomia	
Praça do Turista	
Flora e Fauna	
Ponte do Ribeiro Seco	
Rua das Hortas	

Rua do Jasmineiro	Travessa das Angústias Alexandre Herculano
Ribeiro Seco	
Selvagens	
Travessa das Violetas	
Materiais	
Beco do Açúcar	
Beco do Churro	
Rampa do Carvão	
Rua do Sabão	Rua 17 de Junho de 1922
Travessa da Malta	Rua da Cortesia, Rua João Saraiva
Ofícios	
Calçada da Cabouqueira	
Rua dos Ferreiros	Rua Simão Acciaioly, Rua de Pedro ou Pero Bettencourt, Rua do Peru, Rua do Comércio, Rua da Ponte das ribeiras das casas
Rua dos Capelistas	Travessa da Alfândega
Rua dos Tanoeiros	Rua dos Tanoeiros Grande, Rua Álvaro Matoso, Rua do Poço Novo
Travessa dos Arrieiros	
Posição / localização	
Cais	
Estrada da Pontinha	
Pontinha	Ilhéus, Avenida do Dr. José António de Almada, Avenida da Pontinha
Rua da Carreira	Carreira dos Cavallos Rua da Igrejinha, Rua dos Pintos, Rua de São Paulo, Rua Manuel da Grã
Rua da Figueira Preta	
Rua da Praia	Rua de Gago Coutinho
Rua das Fontes	Rua de Santa Catarina
Rua Direita	
Rua do Ribeirinho de Baixo	
Beco do Ribeirinho	
Ruas dos Ilhéus	
Rua Nova dos Ilhéus	

Beco dos Ilhéus	
Primeira República	
Avenida Arriaga	Campo do Duque Terreiro da Sé Rua dos Frades Rua do Mercado Rua de S. João Praça da Constituição Passeio Público Praça Real Rua do Hermenegildo Capelo Praça da República Avenida Oeste
Rua 31 de janeiro	Rua das Árvores, Rua da Princesa
Rua António José de Almeida	
Rua de 5 de outubro	Rua do Príncipe
Proximidade de um local ou edifício	
Largo do Chafariz	Largo de São Sebastião
Largo da Praça	
Largo do Pelourinho	
Largo dos Varadouros	
Praça do Município	Praça do Colégio Rua do Provisor Rua da Administração
Rua da Alfândega	Rua dos Mercadores, Rua dos Ingleses Rua do Diário de Notícias
Rua da Cadeia Velha	
Rua da Fabrica	
Rua do Aljube	Rua de Carvalho de Araújo, Rua de S. Sebastião
Rua do Frigorífico	
Travessa da Praça	
Travessa do Forno	
Travessa dos Açougues	
Travessa dos Varadouros	
Travessa do Reduto	
Travessa do Rego	
Religião	
Beco de São Sebastião	

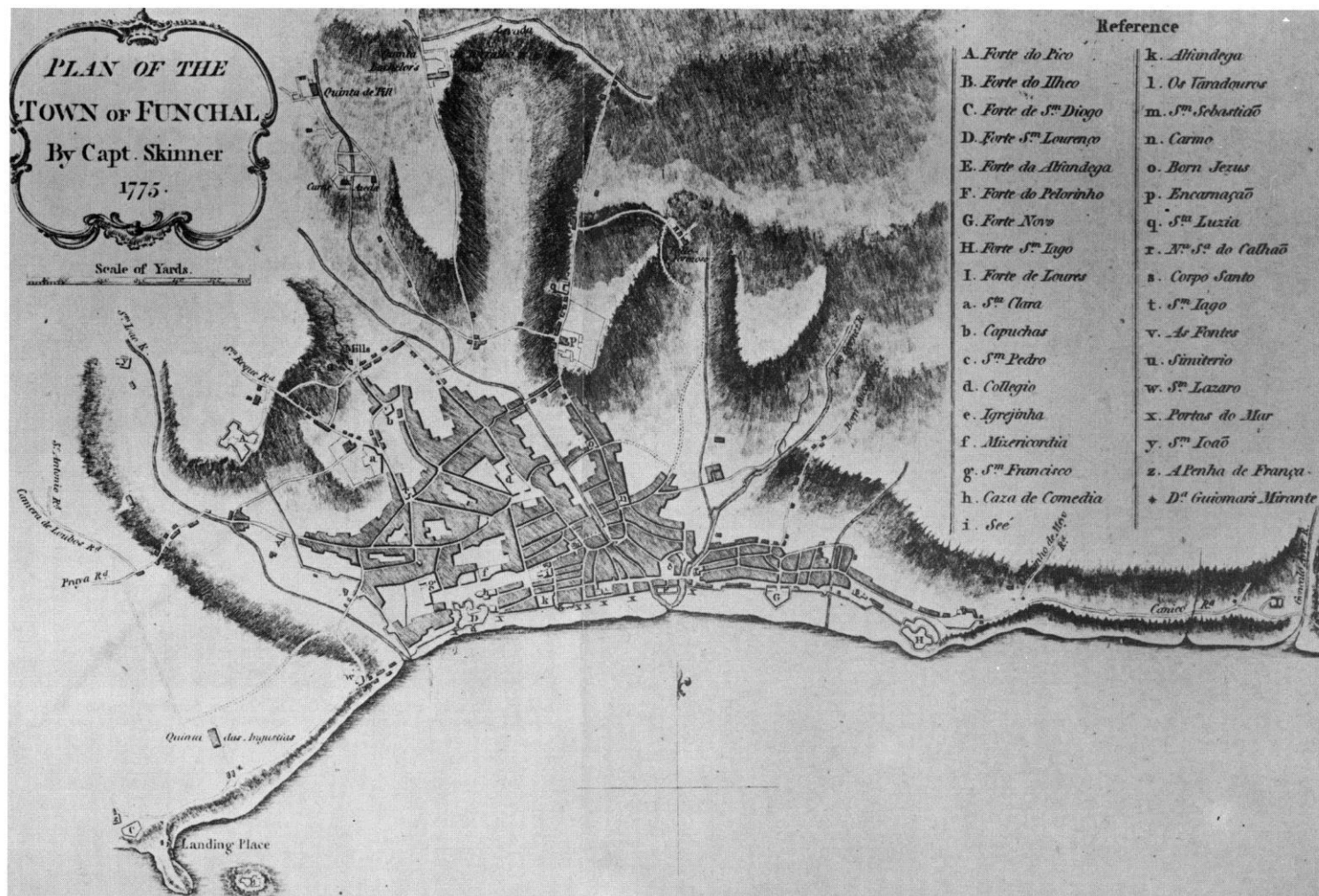
Calçada de São Lourenço	Calçada das Fontes
Freguesia da Sé	
Largo da Igrejinha	
Largo de São Paulo	
Parque de Santa Catarina	Cemitério das Angústias, Parque Municipal
Praça do Carmo	Rua das Laranjeiras, Rua de Santo António das Laranjeiras e das Portas Novas, Rua Dr. Costa Ferreira
Ribeira de Santa Luzia	
Ribeira de São João	Ribeira de São Francisco, Ribeira de Santa Catarina, Ribeira de São Pedro, Ribeira de São Paulo
Rua Cónego Jerónimo Dias Leite	
Rua da Alegria	Travessa das Malvas
Rua da Conceição	Rua Correia Herédia
Rua da Penha de França	
Rua da Ponte de São Lázaro	
Rua da Sé	Rua do Cotife
Rua de São Francisco	Rua 22 de Março de 1921
Rua do Bispo	Rua Gomes Freire
Rua do Bom Jesus	
Rua do Carmo	
Rua do Santo Infante	
Rua do Seminário	Rua João da Mata
Rua dos Murças	Rua Amoreira, Rua Diogo Lopes, Rua do Capitão
Rua João de Deus	
Rua Mary Jane Wilson	Travessa ou Beco da Conveniência
Rua Padre Gonçalves Câmara	
Sé	Santa Maria Maior
Travessa de São Paulo	
Travessa do Cabido	

Anexo 1 Divisão dos Topónimos da Freguesia da Sé por áreas.

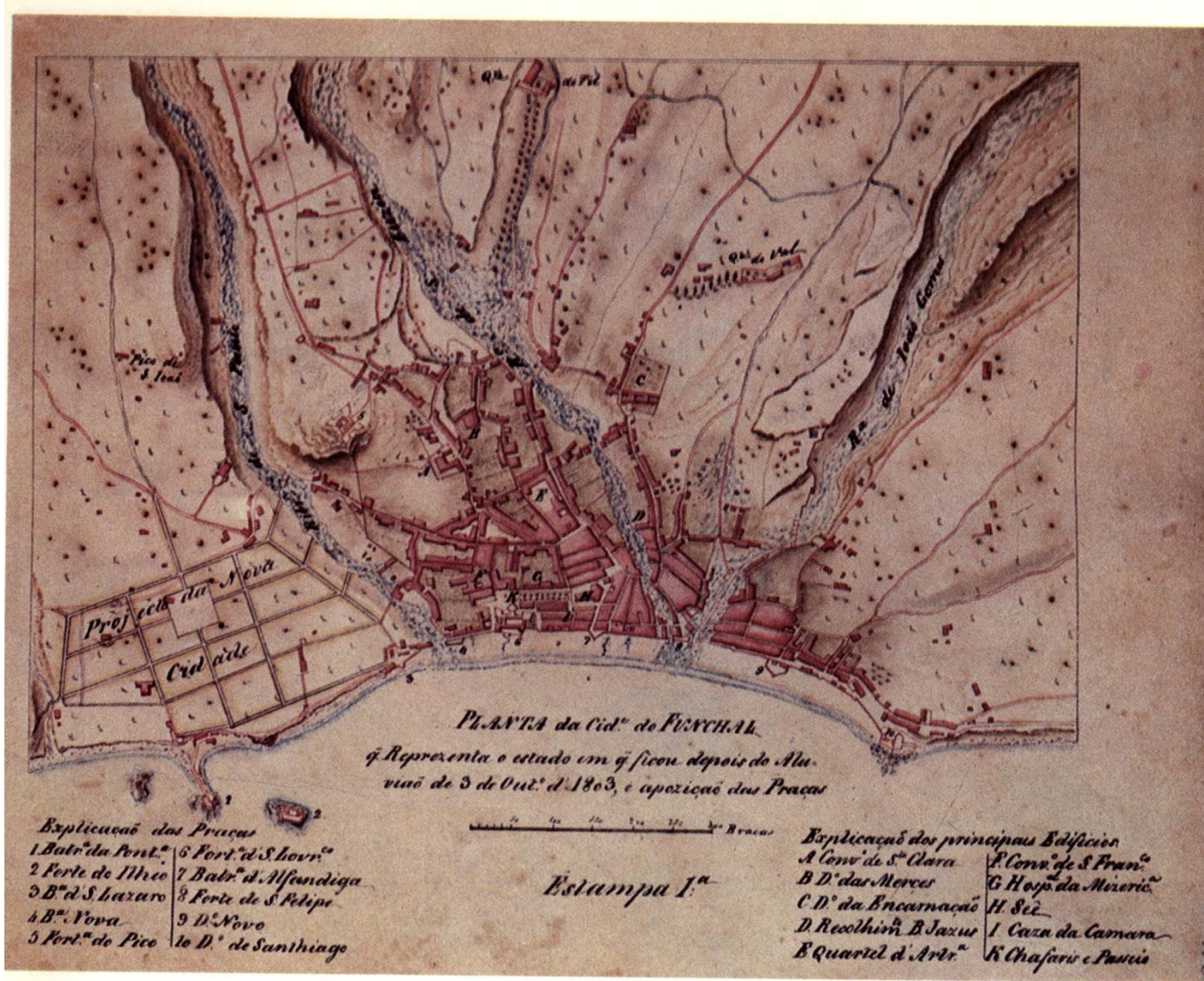
Anexo 2 CMF, DFM, Ortofotomapa desdobrável da Freguesia da Sé com o registo das vias públicas, 2011.



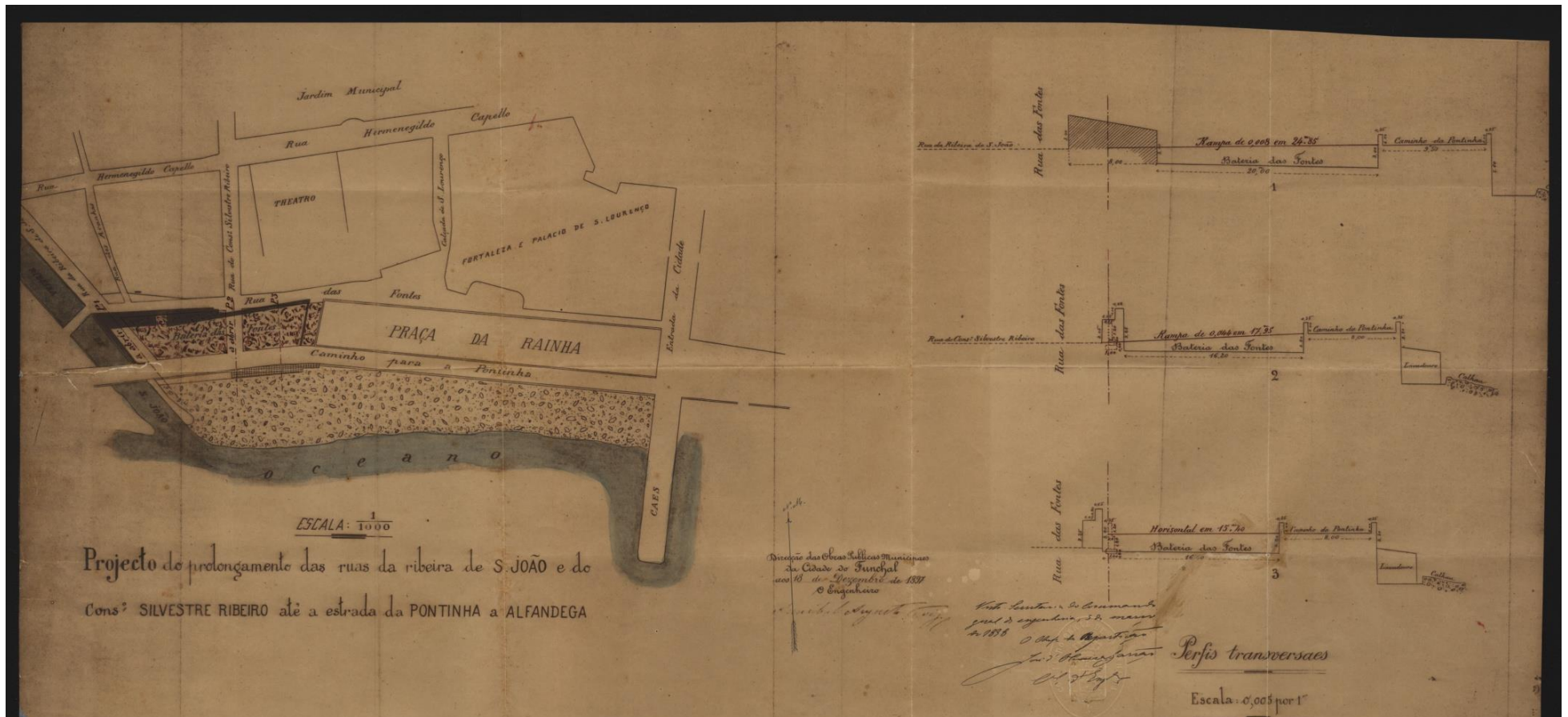
Anexo 3 CMF, DOPE, Planta do Funchal de Mateus Fernandes 1567 – 1570.



Anexo 4 CMF, DOP, Plan of the town of Funchal, Capt. Skinner, 1775.

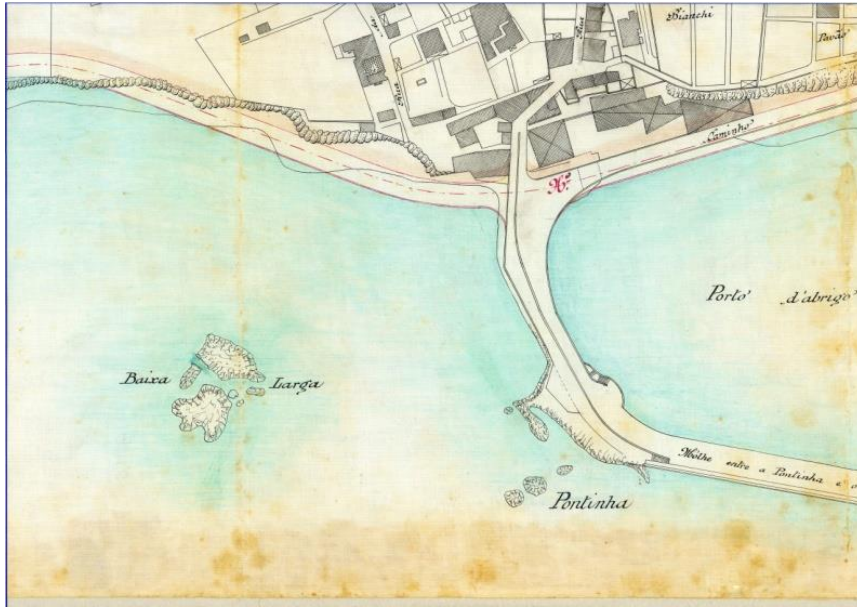


Anexo 6 CMF, DOPE, Planta da Cidade do Funchal que representa o estado em que ficou depois do aluvião de 3 de Outubro de 1803 e apezição das Praças, 1804.

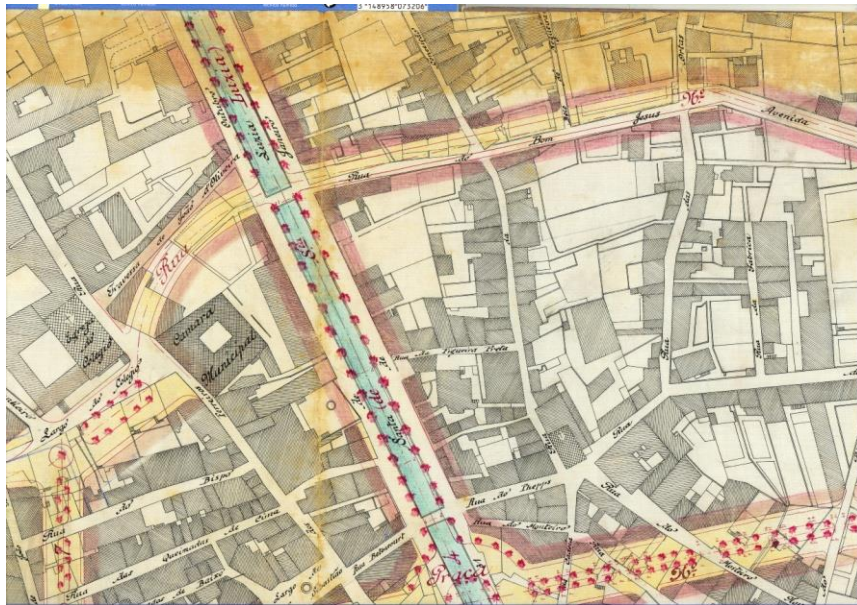


Anexo 7 ARM, CMF, Documentação oriunda da Secção de Registo de Bens Imóveis / Divisão de Aquisição e Alienação de Bens Imóveis / Departamento Jurídico, “Planta do Projeto de prolongamento das ruas da Ribeira de São João e Conselheiro Silvestre até a Pontinha”, 1897, Cx: 2443

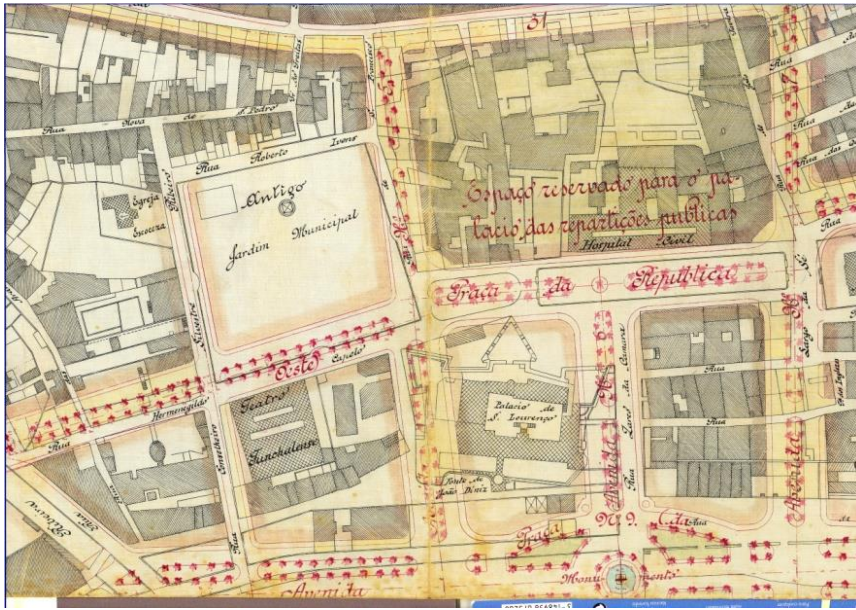
Anexo 8 CMF, DOPE, Planta Desdobrável, *Planta Roteiro da Cidade do Funchal*, Adriano A. Trigo, Aníbal A. Trigo, 1910.



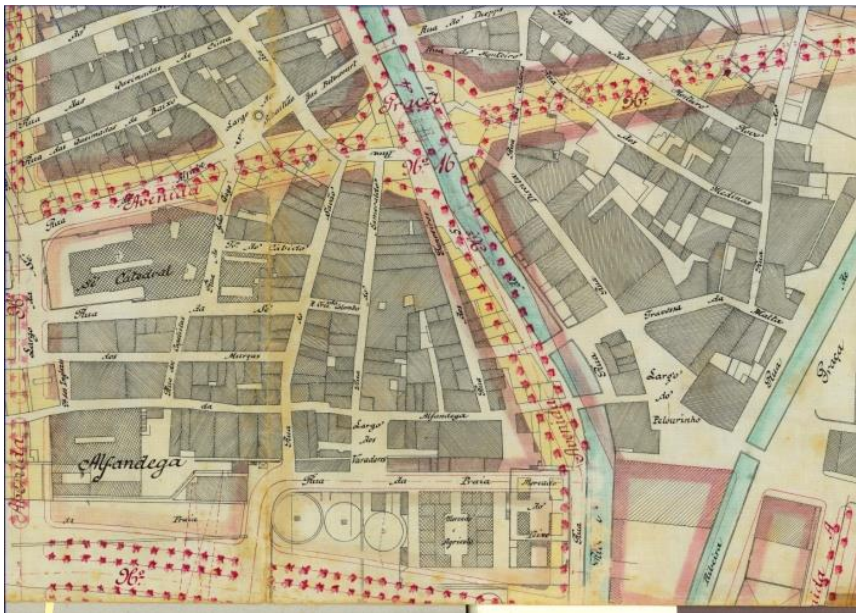
Anexo 9 CMF, DOPE, “Pontinha”, *Imagens do Plano de Ventura Terra 1913 - 1915*



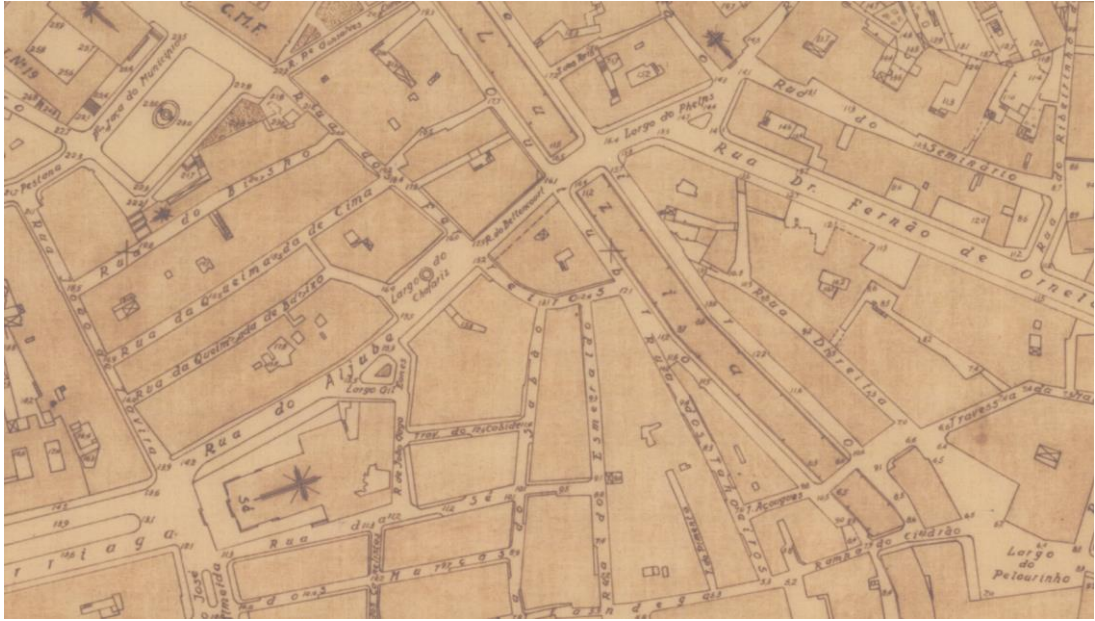
Anexo 10 CMF, DOPE, “Zona da Câmara Municipal do Funchal”
Imagens do Plano de Ventura Terra 1913 – 1915.



Anexo 11 CMF, DOPE, “Zona do Jardim Municipal e Largo da Sé”
Imagens do Plano de Ventura Terra 1913 - 1915



Anexo 12 CMF, DOPE, “Projeção de uma Praça e Avenida”
Imagens do Plano de Ventura Terra 1913 - 1915



Anexo 13 CMF, GIG, “Freguesia da Sé 1”, Plantas dos Anos 40 / 48 da Cidade do Funchal, s.d.



Anexo 14 CMF, GIG, “Freguesia da Sé 2”, Plantas dos Anos 40 / 48 da Cidade do Funchal, s.d.



Figura G - Evolução da Malha Urbana

Anexo 16 Fotografias



Fotografia 1 Placa Toponímica da Rua Mary Jane Wilson, Junho de 2011.



Fotografia 2 Placa Toponímica da Travessa do Reduto, Junho 2011.



Fotografia 3 Palácio de São Lourenço e ruas circundantes, ARM, Acervo de António Aragão, Foto Perestrellos, Anos 40/60.



Fotografia 4 Palácio de São Lourenço e ruas circundantes, agosto de 2011.



Fotografia 5 Rua do Sabão, ARM, Acervo de António Aragão, Foto Perestrellos, Anos 40/60.



Fotografia 6 Rua do Sabão, agosto de 2011.



Fotografia 7 Rampa do Cidrão, ARM, Acervo de António Aragão, Foto Perestrellos, Anos 40/60.



Fotografia 8 Rampa do Cidrão, agosto de 2011.



Fotografia 9 Rua da Sé e Rua dos Capelistas, ARM, Acervo de António Aragão, Foto Perestrellos, Anos 40/60.



Fotografia 10 Rua da Sé e Rua dos Capelistas, agosto de 2011.



Fotografia 11 Rua de João Távira, ARM, Acervo de António Aragão, Foto Perestrellos, Anos 40/60.



Fotografia 12, Rua de João Távira, agosto de 2011.



Fotografia 13 Largo do Chafariz, ARM, Acervo de António Aragão, Foto Perestrellos, Anos 40/60.



Fotografia 14 Largo do Chafariz, agosto de 2011



Fotografia 15 Largo do Phelps, ARM, Acervo de António Aragão, Foto Perestrellos, Anos 40/60.



Fotografia 16 Largo do Phelps, agosto de 2011.



Fotografia 17 Rua da Carreira, ARM, Acervo de António Aragão, Foto Perestrellos, Anos 40/60.



Fotografia 18 Rua da Carreira, agosto 2011.